

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**MESTRADO PROFISSIONAL EM SUSTENTABILIDADE JUNTO  
A POVOS E TERRITÓRIOS TRADICIONAIS**

**KÁTIA DOS SANTOS PANTOJA**

**AS MANAS NA MATA: MEMÓRIA E IDENTIDADE DO COLETIVO DE  
MULHERES DO RIO MANIVA**

Brasília - DF

2024

KÁTIA DOS SANTOS PANTOJA

**AS MANAS NA MATA: MEMÓRIA E IDENTIDADE DO  
COLETIVO DE MULHERES DO RIO MANIVA**

Dissertação apresentada como requisito  
para a obtenção do título de Mestre em  
Desenvolvimento Sustentável Junto a  
Povos e Territórios Tradicionais.  
Orientadora: Dra. Janaína Deane de  
Abreu Sá Diniz

Brasília- DF

Julho/2024

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

d dos Santos Pantoja, Kátia  
As Manas na Mata: Memória e Identidade do Coletivo de  
Mulheres do Rio Maniva / Kátia dos Santos Pantoja;  
orientador Janaína Deane de Abreu Sá Diniz. -- Brasília,  
2024.  
167 p.

Dissertação(Mestrado Profissional em Desenvolvimento  
Sustentável: Sustentabilidade junto a Povos e Terras  
Indígenas) -- Universidade de Brasília, 2024.

1. Memória e identidade. 2. Coletivo de mulheres do Rio  
Maniva. 3. Narrativas. 4. Protagonismo feminino. I. Deane de  
Abreu Sá Diniz, Janaína, orient. II. Título.

É concedida à Universidade de Brasília permissão para reproduzir cópias desta dissertação e emprestar ou vender tais cópias somente para propósitos acadêmicos e científicos. O(A) autor(a) reserva outros direitos de publicação e nenhuma parte desta dissertação de mestrado pode ser reproduzida sem autorização.

---

Kátia dos Santos Pantoja

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
MESTRADO PROFISSIONAL EM SUSTENTABILIDADE JUNTO A POVOS E  
TERRITÓRIOS TRADICIONAIS

As Manas na Mata: Memória e Identidade do Coletivo de Mulheres do Rio Maniva

Dissertação de mestrado submetida ao centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de mestre em Desenvolvimento Sustentável junto a Povos e Territórios Tradicionais.

Aprovada por:

-----  
Professora Doutora JANAÍNA DEANE DE ABREU SÁ DINIZ, MESPT/UnB  
(Orientadora)

-----  
Professora Doutora STÉPHANIE NASUTI, MESPT/UnB  
(Examinadora Interna)

-----  
Professora Doutora ANA CLÁUDIA LIRA GUEDES, Embrapa Amapá  
(Examinadora Externa)

-----  
Professora Doutora MÔNICA CELEIDA RABELO NOGUEIRA, MESPT/UnB  
(Examinadora Interna, Suplente)

Brasília, 10 de julho de 2024

## Mulheres dos Rios

Os rios são as veias de nosso corpo, por elas navegam toda a nossa vida (sangue)  
Acordamos com os lindos cantos dos pássaros, nossos únicos vizinhos,  
Em um piscar de olhos acompanhamos o finalzinho da noite e o raiar do dia,  
Da janela se contempla a imensidão das águas e infinitamente a floresta,  
As crianças ficam de molho no rio quase o dia todo. Nasceram nesses rios!  
Nadar é a tarefa mais ensinada por essas bandas, e sai festas quando aprendida  
As mães precisam adentrar as matas, sossegadas,  
O rio que é festa, é também solução. Dele sai o pescado que sacia a fome,  
Das matas, todo o restante, desde as frutinhas ao sonho tão sonhado,  
Compartilhadas por mulheres de todas idades.  
Entramos nos lugares somente com permissão, tudo é emprestado!  
A mãe natureza permite outras mães adentrarem seu ventre,  
Porque conhece o nosso coração, de tantos segredos confessados  
Nós mulheres dos rios e das matas, somos daqui e não saberíamos viver em outro  
lugar!

Dia a dia de mulheres do Rio Maniva

Kátia Pantoja

## AGRADECIMENTOS

Esta dissertação é a realização de um sonho coletivo, um caminho de inúmeras possibilidades trilhadas por mulheres moradoras de uma ilha e com toda certeza que sozinha não conseguiria construir, não poderia deixar de manifestar o reconhecimento a todos que ajudaram na construção da história e apresento aqui meus agradecimentos.

A Deus, pela força e saúde por ter percorrido o meu caminho.

Às mulheres do coletivo do Rio Maniva, pela parceria e confiança em emprestar suas narrativas para esse estudo; Aldineth Ferro da Silva (Preta, como gosta de ser chamada), Benedita Chermont de Oliveira (Meris), Dionete da Silva Cardoso (Nete), Istela de Oliveira Braga, Jandira Rodrigues da Silva, Lourdes Batista da Silva, Maria Dílcima Batista Rosa, Maria Julcilene Batista Rosa, Maria do Desterro Cardoso de Oliveira, Regina Batista da Silva e Roseli Moraes de Castro.

À minha família, meus avós Almecides da Conceição Santos, que já não está mais aqui, e Maria Almeida Santos, Minha mãe Maria das Neves dos Santos Pantoja, meus irmãos, tios e sobrinhos. Ao meu companheiro e minhas filhas Geovanna Pantoja Facundes e Rita de Cassia Pantoja Facundes por compreenderem a ausência e acreditarem na realização deste sonho,

Aos meus amigos, Lúcia Tereza Ribeiro do Rosário, pelo incentivo e por estar sempre disposta a qualquer chamado e por ter me apresentado o edital do Mestrado MESPT; Jorge Alan Baloni pela hospedagem em Brasília e sugestões de acervos bibliográficos.

À professora Doutora e orientadora dessa dissertação Janáina Deane de Abreu Sá Diniz, pela paciência, pela colaboração no processo e contribuição para a construção desse trabalho.

Aos colegas da 6ª turma do MESPT, pelos momentos inesquecíveis, e aos professores, pelo compromisso e valiosas discussões e reflexões, e a todos(as) que, direta e indiretamente, contribuíram com essa dissertação.

E, por fim, agradeço às professoras que compuseram, Stéphanie Nasuti, Ana Cláudia Lira Guedes e Mônica Celeida Rabelo Nogueira das bancas de qualificação e defesa, pela atenção na leitura e pelas sugestões dadas ao trabalho.

## RESUMO

O presente trabalho tem como local a comunidade São José do Rio Maniva, situada na Ilha do Pará, no município de Afuá, no estado do Pará, comunidade ribeirinha. Esta pesquisa teve como objetivo contar a história de mulheres extrativistas, coletoras de sementes do Rio Maniva, dando visibilidade nas atividades praticadas dentro do estuário pelo gênero feminino. Atuação praticada há muitos tempos e que somente agora fica conhecida com esse estudo. As questões que nortearam a pesquisa foram: A construção através da memória e reconhecimento da sua identidade, como se organizam em seus espaços e qual o seu papel no presente, tendo como referência a história oral, narrada a partir de entrevistas, gravações de áudios e roda de conversa, o “Chá das Manas”, com 20 mulheres de faixa etária de 12 a 74 anos. O estudo revelou que as mulheres ribeirinhas da comunidade sempre tiraram o sustento nas coletas das sementes, mesmo antes da formação do coletivo, que nunca foram donas de seus lotes e nem tinham a autonomia de hoje. Que nos anos anteriores a renda maior de uma família vinha das sementes oleaginosas, coletadas nos rios e nas matas e levadas para as grandes capitais e que nunca se sabia o verdadeiro destino, sempre pago por um preço bem menor. Que as futuras gerações femininas se revelaram como donas de suas moradas e muitas ainda carregam a memória do lugar onde moram firmando a identidade do coletivo. Com esse reconhecimento formou-se uma rede em apoio para a manutenção e resistência do território por meio do uso sustentável dos rios e das matas. Enfim, através do estudo firmou-se que há anos as mulheres vêm lutando para conseguir seus espaços, seja na comunidade ou donas de seu próprio lote. Afirma-se que a atividade exercida pelo coletivo melhorou a trajetória das mulheres do Rio Maniva.

**Palavras-chave:** Memória e Identidade; Coletivo de Mulheres do Rio Maniva; Narrativas; Protagonismo Feminino.

## ABSTRACT

### **The manas in the woods: Memory and Identity of the Women's Collective of Rio Maniva**

The present work has as its place the São José do Rio Maniva community, located on the Island of Pará, in the municipality of Afuá, in the state of Pará, a riverside community. This research aimed to tell the story of extractive women, seed collectors of the Maniva River, giving visibility in the activities practiced within the estuary by the female gender. Performance practiced for a long time and that only now becomes known with this study. The questions that guided the research were: The construction through memory and recognition of their identity, how they are organized in their spaces and what is their role in the present, with reference to oral history, narrated from interviews, audio recordings and a circle of conversation, the “Chá das Manas”, with 20 women aged from 12 to 74 years old. The study revealed that the riverside women of the community always took their livelihood in the seed collections, even before the formation of the collective, who never owned their lots and did not even have the autonomy of today. That in previous years the greater income of a family came from oily seeds, collected in rivers and forests and taken to the large capitals and that it was never known to be a green destination, always paid for a much lower price. That the future female generation revealed themselves as owners of their homes and many still carry the memory of the place where they live and this knowledge has prevailed in the present day, emerging as the protagonist of the gender, establishing the identity of the collective. With this recognition a network was formed in support for the maintenance and resistance of the territory through the sustainable use of rivers and forests. Finally, through the study it was established that women have been fighting for years to find their own space, whether in the community or as owners of their own lot. It is stated that the activity carried out by the collective improved the trajectory of women on the Maniva River.

**Keywords:** Memory and Identity; Collective of Women of the Maniva River; Narratives; Female Protagonism.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A matriarca da família Santos.....	15
Figura 2 - Vó Maria.....	16
Figura 3 - Convite.....	24
Figura 4 - O momento das falas de três gerações .....	25
Figura 5 - Objeto importante .....	27
Figura 6 - Objeto importante .....	27
Figura 7 - O lanche.....	29
Figura 8 - Logo da lembrança.....	30
Figura 9 - Mudas .....	31
Figura 10 - O crachá.....	32
Figura 11 - O sorteio.....	33
Figura 12 - Foto oficial da roda de conversa. ....	35
Figura 13 - Foto oficial das Manas.....	36
Figura 14 - Entrevista na mata.....	38
Figura 15 - Entrevista nas residências, com as manas da mata.....	38
Figura 16 - Entrevista com as manas, em meio a casinha de quebrar murumuru.....	39
Figura 17 - Família entrevistadas. Maiores produtores de óleos de andiroba.....	39
Figura 18 - Croqui da linha do tempo (Rio do tempo). ....	40
Figura 19 - Mesorregião do Marajó.....	45
Figura 20 - Mapa da região do Rio Maniva.....	46
Figura 21 - Estuário Rio Maniva .....	47
Figura 22 - Dirigente da comunidade, São José. ....	49
Figura 23 - Morador mais velho da comunidade.....	50
Figura 24 - Mulher mais velha da comunidade. ....	51
Figura 25 - Casal de morador da região.....	53
Figura 26 - Produtos das agroflorestas que agregam na renda familiar na região do Afuá.....	55
Figura 27 - Padroeiro da comunidade.....	58
Figura 28 - Comunidade Católica.....	58
Figura 29 - Bandeira do santo.....	59
Figura 30 - Mastro com a bandeira.....	60
Figura 31 - Procissão fluvial.....	61
Figura 32 - Procissão terrestre. ....	61
Figura 33 - Dança do carimbó. ....	62
Figura 34 - Área de atuação da associação.....	63
Figura 35 - Ata de criação da associação.....	65
Figura 36 - Ata de criação da associação (Segunda parte). ....	66
Figura 37 - Comprovante de residência. SPU.....	67
Figura 38 - Página do Estatuto. ....	68
Figura 39 - Relação dos beneficiários emitida pelo INCRA- RB.....	70
Figura 40 - Oficina na comunidade, Ig Maria Tereza.....	71
Figura 41 - Curso de Auto-maquagem. ....	72
Figura 42 - Indo para o curso de sabonetes. ....	72
Figura 43 - Oficina de Boas Práticas sobre melhoramento da extração de óleos. ....	73
Figura 44 - Carteira de sócios da Associação.....	74
Figura 45 - Comprovante de pagamento de mensalidades, referente a 10 meses.....	74
Figura 46 - Ficha de Controle interno da Associação.....	75

Figura 47 - Ata de término de biênios. ....	76
Figura 48 - Ata de término de biênios (Segunda parte). ....	77
Figura 49 - Ata da assembleia. ....	78
Figura 50 - Certidão da Diretoria Atual. ....	79
Figura 51 - Premiação da festa do dia das mães. ....	80
Figura 52 - Festa do dia das crianças, escolinha de futebol. ....	81
Figura 53 - Grupo de dança de carimbó. ....	81
Figura 54 - Biblioteca Itinerante. ....	82
Figura 55 - Caderno de produção. ....	83
Figura 56 - Recibo de entrega de produção. ....	84
Figura 57 - Recebimento de sementes de murumuru na comunidade Rio Santana. ....	85
Figura 58 - Sementes de patauá, comunidade Rio Araramã. ....	85
Figura 59 - Contêiner para armazenamento de patauá. ....	86
Figura 60 - Recibo de pagamento de produtor. ....	87
Figura 61 - Culminância do projeto Lei Aldir Blanc. ....	88
Figura 62 - Premiação das protagonistas da floresta. ....	88
Figura 63 - Prédio da associação ADINCOCMA. ....	89
Figura 64 - Logo da associação. ....	90
Figura 65 - Frutas do quintal (jaboticaba). ....	92
Figura 66 - Frutas do quintal (jaca da bahia). ....	92
Figura 67 - Residência de mulheres do coletivo. ....	94
Figura 68 - Quintal ou terreiro. ....	95
Figura 69 - Criação de animais nos quintais. ....	95
Figura 70 - Hortas em canoas inutilizadas para navegação. ....	99
Figura 71 - Jirau para plantas. ....	100
Figura 72 - Evento realizados no momento da feira. ....	102
Figura 73 - Mão de ajuda de linha (crochê). ....	105
Figura 74 - Mão de ajuda de tala. ....	105
Figura 75 - Mutirão de coleta de ucuúba. ....	105
Figura 76 - Coleta de sementes nos rios. ....	106
Figura 77 - Peconha, usada para subir no açazeiro. ....	109
Figura 78 - Aldineth Ferro da Silva. ....	111
Figura 79 - Dionete da Silva Cardoso. ....	112
Figura 80 - Benedita Chermont de Oliveira. ....	113
Figura 81 - Regina Batista da Rosa. ....	114
Figura 82 - Lourdes Batista da Silva. ....	116
Figura 83 - Jandira Rodrigues da Silva. ....	118
Figura 84 - Oficina de mulheres, “Te liga comadre”! ....	122
Figura 85 - Mutirão de coleta nas matas. ....	123
Figura 86 - Ouriço de castanha de andiroba. ....	124
Figura 87 - Óleo de andiroba tradicional (quente). ....	126
Figura 88 - Prensa para extração de óleos frios. ....	127
Figura 89 - Óleos prensados. ....	128
Figura 90 - Andiroba triturada, pronta para ir à prensa. ....	128
Figura 91 - Intercâmbio de mulheres. ....	130
Figura 92 - Encontro do dia da mulher. ....	130
Figura 93 - Kit de óleos e sabão de andiroba e pracaxi. ....	131

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 - Os acontecimentos das três gerações.....	26
Quadro 2 - Os resultados da atividade de coleta das manas nos rios e nas matas.....	34
Quadro 3 - Nossas plantas dos quintais (Farmácia).....	97
Quadro 4 - Produtos vendidos na feira. Simulação de venda, 2011 a 2015.....	101

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

ACS - Agente Comunitário de Saúde.

ADINCOOMA - Associação de Desenvolvimento Intercomunitário dos rios Corredor, Furo do Chagas, Maniva e Cutias

ALTEF - Autorização e Licença para o escoamento de Frutos

BASA - Banco da Amazônia

CCU - Certificado de Concessão de Uso

CNPJ - Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas

EJA - Educação de Jovens e Adultos

EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

FTB - Faculdade da Terra de Brasília

GPS - Sistema Global de Posicionamento

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IEAP - Instituto Educacional da Amazônia Pará

INCRA - Instituto Nacional de Colonização da Reforma Agrária

INSS - Instituto Nacional do Seguro Social

PJ - Pastoral da Juventude

SPU - Superintendência do Patrimônio da União

STTR - Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Afuá

UFF - Universidade Federal Fluminense

## SUMÁRIO

<b>MEMORIAL</b> .....	<b>13</b>
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>17</b>
1.1    O CHÁ DAS MANAS E A MEMÓRIA DAS RIBEIRINHAS .....	22
1.1.1 <i>Cortando os mares. Momento de mobilização</i> .....	23
1.1.2 <i>O convite</i> .....	24
1.1.3 <i>Atracar os barcos. Momento de preparação e execução</i> .....	25
1.1.4 <i>Do roteiro</i> .....	25
1.1.5 <i>O Crachá</i> .....	31
1.2    AS ENTREVISTAS .....	36
1.2.1 <i>Navegando a linha do tempo</i> .....	41
1.2.2 <i>O Rio do Tempo</i> .....	41
<b>CAPÍTULO 2 - TE ARREDA AÍ MANA, VEM NAVEGAR DENTRO DO RIO AMAZONAS E NAVEGUE NO RIO MANIVA</b> .....	<b>45</b>
2.1    TERRITÓRIO DE ESTUDO .....	47
2.2    HISTÓRIA DA COMUNIDADE, CONTADA POR QUEM PERTENCE AO TERRITÓRIO HÁ MUITO TEMPO .....	55
2.2    FESTIVIDADE AO SANTO PADROEIRO .....	57
<b>CAPÍTULO 3 – BOTO FÉ: A IDEIA QUE QUEREMOS IMPLANTAR. A ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DA COMUNIDADE – ADINCOOMA</b> .....	<b>63</b>
3.1    A ASSOCIAÇÃO DE MORADORES .....	64
3.2    DOS LIMITES DA ASSOCIAÇÃO .....	68
3.3    OS CURSOS PARA A COMUNIDADE .....	71
3.3.1 <i>Da organização de Sócios</i> .....	74
3.3.2 <i>As ações da ADINCOOMA</i> .....	80
3.3.3 <i>As mulheres na associação</i> .....	82
3.3    O RECONHECIMENTO .....	87
<b>CAPÍTULO 4 - ÉGUA! SÓ O CREME, MANA: UMA HISTÓRIA QUE INSPIRA</b> .....	<b>91</b>
4.1    HORTAS SUSPENSAS .....	97
4.2    AS MANAS ENTRAM EM AÇÃO. OS SABERES QUE CURAM.....	103
4.1    O COLETIVO DE MULHERES DO RIO MANIVA .....	110
4.2    AS GUARDIÃS DAS MATAS .....	111
4.4.1 <i>O protagonismo das mulheres do Coletivo</i> .....	119
4.4.2 <i>As sementes que dão óleo</i> .....	123
4.4.3 <i>Óleo tradicional de andiroba (óleos quentes)</i> .....	124
4.4.4 <i>Óleo de andiroba (óleos frios)</i> .....	126
4.4.5 <i>Os resíduos, o tradicional sabão medicinal</i> .....	128
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>132</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>136</b>
<b>APÊNDICE</b> .....	<b>138</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>144</b>

## MEMORIAL

Sou Professora da rede de ensino municipal há 27 anos, vinte anos dedicados ao município de Afuá, no Arquipélago do Marajó, no estado do Pará. Da união com meu companheiro, nativo da comunidade onde trabalho atualmente, nasceram duas meninas, hoje com 20 anos e 16 anos, sendo uma das razões para o sentimento de pertencimento ao território de trabalho e moradia. A seguir vou contar um pouco de minha trajetória profissional e acadêmica, bem como da minha atuação no coletivo de mulheres do qual faço parte em minha comunidade.

Nasci em Macapá, mas criada na área urbana de Afuá, município situado na boca norte do rio Amazonas, na extremidade norte-ocidental da Ilha do Marajó, a 84 km de Macapá, Amapá e a 320 km de Belém, capital do Pará. Sou de uma família de sete irmãos, todos criados pela minha avó materna, filha de pais separados, hoje somos sete professores na família.

A educação era uma realidade distante para uma família numerosa que sempre enfrentou obstáculos para a manutenção. Meus avós trabalhavam em fábricas de palmito e na extração de madeira, profissão que a maioria dos jovens seguiam na época. Com muitas dificuldades, inclusive de minha mãe, depois da separação, fiz o curso de magistério e, após 14 anos, ingressei na faculdade. À época, minhas filhas tinham sete e três anos de idade. Não tendo com quem deixá-las, frequentavam as aulas diariamente, enfrentamos as fortes marés, chuva e sol durante todo o período de aulas.

A profissão de professora começou com aulas em domicílio, ainda no ensino médio. Minha Primeira experiência em sala de aula deu-se aos 17 anos, na escola Frei Faustino Legarda no bairro do Capim Marinho, Afuá. Graduei em Letras na Faculdade da Terra de Brasília – FTB, a distância.

Os desafios da profissão em comunidade ribeirinha foi uma das principais motivações para continuar na atividade. Crianças carentes, com dificuldades de aprendizagens, em séries e idades diferentes em uma sala, colocavam o professor de multisséries frente a um desafio ainda maior. Porém, o amor à profissão me motivou a ir além. Fiz duas pós-graduações *Lato sensu*, que contribuíram para a construção da minha trajetória acadêmica. A pós-graduação em Gestão e Docência do Ensino Superior foi importante para a minha atuação junto ao coletivo de mulheres, do qual faço parte.

Minha chegada no Rio Maniva foi marcada por diversas dificuldades, as faltas frequentes dos estudantes nas aulas, pelo motivo de ter que trabalhar muito cedo acompanhados pelos pais. Junto às famílias procurei entender o problema e buscar soluções de forma a amenizar o problema desses alunos.

Em 2001, como educadora no ensino modular, inicio minha trajetória na comunidade, com formação profissional em magistério. O acesso à educação é uma das maiores dificuldades das comunidades ribeirinhas, sendo que as escolas têm perfis de ensino multisseriados de educação infantil e ensino fundamental. O ensino médio é um dos sonhos da comunidade, porém nunca existiu.

Em 2017 fiz curso técnico em Agroecologia, que me proporcionou uma troca de saberes, logo compartilhada com outras mulheres da comunidade, motivando, assim, a continuar provocando mudanças. Das muitas aprendizagens, enfatizo os mutirões para a construção de hortas, a troca de sementes e o resgate às nossas tradições que passaram a fazer parte da construção do coletivo do conhecimento, gerando coesão, afeto e fortalecimento do grupo.

Os “cascos”, as canoas furadas, inutilizadas para a navegação voltaram então a fazer parte do cenário dos nossos quintais ou terreiros do Rio Maniva. Foram plantadas, além das ervas medicinais, cebolinhas, chicória, couve, quiabo, maxixe e tantas outras hortaliças utilizadas no dia a dia.

Por fim, acredito que minha trajetória como professora e parte do coletivo de mulheres, reforça a importância de continuar estudando e motivando minhas Manas a também conquistarem esses espaços.

Venho de uma linhagem familiar. Tataravós cearenses, Maria Coelho e Bacílio vindo para a região para trabalhar como seringueiros e viveram pouco tempo no Rio Furo Grande. Nasceram meus bisavôs maternos. Da união de meus bisavôs Raulino Dias de Almeida e Orcinda Lopes de Almeida, nasceram minha avó Maria Almeida Santos (80) casada com meu avô Almedides da Conceição Santos (falecido) e seus irmãos, Francisca da Silva Almeida (90), Raimunda da Silva Almeida (falecida), Marcelino da Silva Almeida (falecido) e Marieta da Silva Almeida (76).

Meus avós mudaram para o Rio Cabaiúá, quando minha avó tinha 14 anos, local onde minha mãe, Maria das Neves dos Santos Pantoja, nasceu. Moradora há 50 anos no

município e desde a infância acompanhou seus pais nas atividades da seringa, de roçado e coleta e extração artesanal de semente de andiroba.

“Não conheci meus avós, meu pai e minha mãe riscavam seringueira, desde meus oito anos de idade também já riscava seringueira. Cresci na seringueira, casei com 15 anos e meu marido também trabalhava na seringueira, já tinha minha filha mais velha, trabalhava na roça com meu marido e ele vendia para o senhor Nelito, que levava pra Belém. A gente vendia para comprar alimento, vestimenta. No inverno como não dava para riscar a seringueira nós ajuntava ucuúba e andiroba, às vezes nós tirava o óleo também, meu marido cozinhava. A massa que sobrava a minha sogra fazia o sabão para lavar roupa, lavar louça.” (Maria Almeida Santos, relato obtido em 09 de setembro de 2023).

Figura 1 - A matriarca da família Santos



Fonte: Kátia do Santos Pantoja (2024).

Figura 2 - Vó Maria



Fonte: Mandara Figueiredo (2024).

## INTRODUÇÃO

As narrativas dos moradores entrevistados neste trabalho contam que as histórias da comunidade São José do Rio Maniva, no século XVIII, iniciou-se em grupos pequenos de famílias com uma área muito grande de terras. Essas famílias vieram, de outros estados, os mais citados foram: Ceará e Maranhão. Geralmente os proprietários dos grandes lotes eram do gênero masculino. As mulheres representavam um número bem menor ou figurante dentro do território, sempre estavam ligadas à figura masculina.

Não há registros escritos sobre o território, os poucos proprietários e moradores das terras deixaram o lugar há mais de oitenta anos e outros faleceram, deixando algumas narrativas a serem contadas por pessoas que chegaram depois e ouviram de seus pais. Nas entrevistas não há registros da presença feminina nas atividades praticadas. Não se sabem ao certo sobre as famílias que moraram aqui. A presença feminina aparece mais fortemente, no século XXI.

Por isso este estudo registra memória e relatos de homens e mulheres que nasceram e viveram e ainda têm relação com a comunidade. Os elementos descritos neste estudo foram trazidos a partir de relatos e narrativas das pessoas mais velhas e de mulheres extrativistas que foram ouvidas e entrevistadas. Muitas delas são pertencentes ao coletivo de mulheres e à associação, todas residentes na comunidade.

Portanto, para descobrir e construir a história da comunidade São José do Rio Maniva, não busquei a história oficial, aquilo que é contado pela história dos patrões, mas sim os relatos de pessoas idosas e de mulheres ribeirinhas. Suas memórias, saberes e seus afazeres. Como dito, os primeiros moradores chegaram na localidade para trabalhar para os grandes patrões e permanecem nas memórias e relatos dos que permanecem.

As grandes questões que nortearam esta reflexão sobre as mulheres: Quem são, como vivem, como adquiriram saberes e práticas? Qual o seu pertencimento à comunidade? Quais contribuições as mais velhas deixaram na história e na memória da comunidade São José do Rio Maniva?

Na comunidade São José do rio Maniva, município de Afuá, no estado do Pará, residem mulheres que protagonizam a coleta de sementes nas áreas de várzea. O coletivo começou em 2015, com a ação de dez mulheres que trocavam saberes e

práticas sobre hortas suspensas, ervas medicinais, alternativas de diversificação produtiva da agrofloresta e geração de renda.

Como estímulo à geração de renda, iniciou-se a comercialização do excedente em feiras na cidade de Macapá. Por um tempo essa atividade proporcionou uma certa autonomia de renda às mulheres, revelando horizontes a serem descobertos, caminhos a serem trilhados, sorrisos largos e possibilidade diversas.

Com o fortalecimento do grupo, ações foram criadas; Biblioteca Itinerante, Dança para as meninas, Reunião constante sobre diversos assuntos, tais como; controle de natalidade, autonomia financeira e muitas parcerias para projetos.

A segurança alimentar da comunidade sempre era um tema que intrigava, pois embora tivéssemos uma diversidade de alimentos, ao longo do tempo fomos perdendo muitos dos hábitos tradicionais, sobretudo com a popularização dos alimentos adquiridos em supermercados. O peixe, o camarão, o açaí e a caça, em menor proporção, fazem parte de nossa alimentação diária, contudo, a nossa alimentação tradicional vem perdendo espaço para os produtos processados.

Doze anos se passaram desde a construção das primeiras hortas suspensas, com intuito de colaborar com a alimentação das famílias e da criação do coletivo de mulheres do Rio Maniva. Hoje o açaí, principal fonte de renda das famílias ribeirinhas, se valorizou nos mercados nacional e internacional, causando uma série de consequências, tanto positivas quanto negativas, para todo o estuário amazônico. A exemplo, o roubo de safras inteiras de açaizais pelos chamados ratos d'água, as facções criminosas que se instalaram em algumas comunidades, o crescimento do alcoolismo, entre outros.

Após algum tempo de insistência, observamos mudanças no comportamento dos homens ao constatarem a renda adicional. Se antes muitos companheiros desqualificavam a coleta feita pelas mulheres, atualmente são parceiros e colaboram na limpeza das áreas. Além disso, com a prática de coleta em mutirão, conseguimos atender em escala, pois ampliamos nossa ação para outras comunidades.

Atualmente a Ilha do Pará é formada por 1.522 famílias, delas 20 fornecem sementes de murumuru, andiroba e ucuúba, para a associação, embora a coesão se

mantenha somente com o coletivo do Rio Maniva. Até esse período, não havíamos observado a importância da nossa atividade enquanto coletoras de sementes.

Nos dias de hoje, além da venda de sementes, vendemos mudas de plantas, adubo, artesanato, sabão e óleos extraídos, a quente e a frio, de sementes florestais. Além disso, nossa ação vem proporcionando uma transformação ambiental, pois a expansão dos açais ao longo dos rios e igarapés, implica em suprimir árvores nativas como as espécies que fornecem as sementes oleaginosas. A partir da valorização dessas espécies, o corte de árvores ao longo dos rios vem diminuindo em nossa comunidade, contribuindo para a manutenção das espécies polinizadoras, como as abelhas, pois são as mesmas espécies que polinizam os açais e são responsáveis pela maior produtividade de açaí.

As mulheres extrativistas da comunidade vivem do extrativismo, incluindo a coleta de sementes para a venda em outras capitais, além da pesca. Desde o século XVIII, vêm contribuindo para a história e a memória do território em vários aspectos: culturais, econômicos, políticos e sociais. Elas sempre participaram da organização dos festejos religiosos, como a festa ao padroeiro São José, apresentam danças e cantos no período junino, dançando o carimbó (dança regional) e repassam para as crianças tudo que aprenderam com seus pais.

A educação formal chegou na comunidade em 1930, por um senhor de prenome Raimundo, que ensinava em sua residência e cobrava pelas aulas e na época os moradores que conseguiam frequentar suas aulas, seguiram a carreira, tornando-se os primeiros professores da comunidade. Maria das Graças dos Santos Cardoso, Maria Raimunda Monteiro Facundes, Maria Cleonice dos Santos Cardoso, Maria Isabel Pelaes e Maria Assunção Pelaes.

Contribuíram com a economia local, nas preparações de roças de alimentos e farinhas, de onde originou o nome de Rio Maniva. Todas as famílias que moravam na comunidade viviam de fazer farinha para vender ou trocar por outros alimentos, mas basicamente viviam na base de trocas, sendo que entre os itens trocados estavam tecidos e remédios. A família Mota era quem tinha embarcação à vela e trazia produtos da capital, Belém. O grande comércio local recebia a produção dos moradores, que também trabalhavam semanal e recebiam ou prestavam contas nos finais dos dias ou da semana, lucro nunca tinham e sempre ficavam devendo. O açaí era um dos alimentos

que não faziam parte da alimentação nas mesas das famílias na época. Produtos negociados nas cantinas eram: ucuúba, andiroba, farinha, melancia, banana, com destaque para o plantio da maniva.

Por isso, nesta pesquisa, os moradores mais idosos foram escolhidos. Eles possuem muitas sabedorias, um legado de histórias. Nesse lugar os ventos sopram muito fortes e em uma dessas tempestades podem soprar para bem distante, como de inúmeras famílias que já se foram sem deixar histórias que o vento levou para bem longe daqui. Queremos aqui construir juntos, registros de algumas mulheres que conseguiram sustentar e dar continuidade a partir das narrativas contadas por elas.

Escrever a história das mulheres, é visibilizar uma atividade que há décadas vem sustentando famílias e para a qual não é dado o devido valor. A intenção é o reconhecimento de direito, valorizando o nosso jeito, nossos saberes, nossos fazeres que vem dos rios e das matas.

Como interlocutora dessa história, ao me apropriar de saberes por meio de narrativas do passado, falarei do tempo presente, do tempo de cada uma e da comunidade. Esse lugar é marcado por uma sabedoria feminina.

A intenção foi visibilizar o papel que as mulheres do Rio Maniva desempenharam ontem e desempenham hoje. Carrego a responsabilidade de ser a primeira a escrever sobre nós mesmas, mulheres coletoras de sementes, a partir de narrativas, em um território impactado hoje pelo avanço do açaí, que vem ameaçando o modo de vida de espécies nativas e de pessoas da comunidade.

Este trabalho de pesquisa tem como objetivo geral valorizar a identidade e a atividade das mulheres coletoras de sementes do Rio Maniva, visibilizando sua atuação dentro do estuário.

São objetivos específicos deste estudo: Registrar a história e a memória das mulheres coletoras de sementes da comunidade São José do Rio Maniva por meio de narrativas de antigos moradores; analisar a trajetória do processo de construção do conhecimento de coleta de sementes, protagonizada pelas mulheres da comunidade; identificar os papéis das atividades produtivas e suas diferentes dimensões e a importância do papel que desempenham hoje.

Este estudo tem como base a perspectiva teórica baseada em Walter Benjamin (1987), o que contado pelo narrador parte da experiência vivida para recontar o vivido. Quanto à metodologia da pesquisa, constituiu-se em um estudo qualitativo com base em Minayo, Deslandes e Gomes (2015), que afirmam que a pesquisa qualitativa responde a questões particulares, trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes de uma realidade social.

A história oral serviu como elemento para a construção dessa narrativa. De acordo com Neves (2000), a história oral, enquanto metodologia, traz a possibilidade de lembrar sujeitos ou testemunhas da história vivida por uma coletividade. Foram realizadas entrevistas com moradores antigos da comunidade do Rio Maniva para identificar o território de memórias, saberes e afazeres das mulheres do coletivo, facilitados por áudios e fotos.

A dissertação está estruturada em quatro capítulos, sendo:

Capítulo 1 - Dando um giro pelo Rio do Tempo, onde a metodologia é navegada por tempos passado, presente e futuro.

Capítulo 2 - Te arreda aí mana, vem navegar o Rio Amazonas e navegue no Rio Maniva, um convite a conhecer um território diferenciado que sobrevive de grandes narrativas.

Capítulo 3 - Boto fé: A ideia que queremos implantar. A associação de moradores da comunidade – ADINCOCMA, onde é descrito o processo de como se organizaram os moradores da comunidade do Rio Maniva.

Capítulo 4 - Égua! Só o creme, mana: uma história que inspira. Uma amostra de como são as mulheres de dentro do estuário e como vivem nas matas.

Nas considerações finais, abordamos o enfrentamento, as resistências para a manutenção da visibilidade da mulher ribeirinha, as ameaças dos grandes açais que afetam diretamente as mulheres coletoras de sementes e o protagonismo alcançado por elas.

## **CAPÍTULO 1 - DANDO UM GIRO PELO “RIO DO TEMPO”**

A metodologia foi escolhida de acordo com a realidade de moradores de uma comunidade ribeirinha e mulheres que fizeram e fazem a diferença dentro do território para garantir seus direitos, que passaram a conhecer suas histórias através da construção da linha do tempo. Organizado nos tempos passado, presente e futuro.

### **1.1 O chá das manas e a memória das ribeirinhas**

O chá das manas ou roda é a metodologia que vem sendo usada em encontros de movimentos sociais, principalmente de mulheres ribeirinhas. Ele remete um valor de circularidade, sentar-se em círculos.

É costume de pessoas da comunidade sentar em rodas, no terreiro, no centro, nas matas coletando, nas escolas ou em volta de qualquer outra atividade realizada no dia a dia, até nas nossas saias de carimbó quando giramos fazemos círculos. A preferência pela roda de conversa ou chá das manas nesse estudo, foi pela características do cotidiano de permitir que outras pessoas se expressem, falem sobre suas impressões, sentimentos e sobre o tema da pesquisa por representar a coletividade e seus valores. Por fim, permite o encontro das manas, possibilitando se entreolharem sem hierarquia, reivindicar e compartilhar as experiências. Para Juliana Sampaio et al. (2014, p.1299-1311), “as rodas possibilitam encontros dialógicos, criando possibilidade de produção e resignificação das relações de poder.”

“Cada história é o ensejo de uma nova história, que desencadeia uma outra, que traz uma quarta, etc.” (BENJAMIN,1987, p. 13). Com essa ideia pensamos em um encontro, com todas as manas possíveis para que falássemos de nosso território, de memórias, e da metodologia. O chá das manas permite ouvir umas às outras, contar e partilhar experiências, saberes, sendo considerado também como instrumento da história oral.

O chá teve como participantes dezenove mulheres com quem dialoguei durante a pesquisa e vivi ao longo das atividades, as quais chamei de “manas”, costume de como nos tratamos por aqui.

A culminância do encontro se deu pelas boas vindas a cada uma que chegava em suas rabetas, canoas, barcos e voadeiras. Começamos relatando sobre as dificuldades de estar presente e as apresentações para quem ia chegando. A apresentação se deu no individual, cada uma começou contando quem era e de onde veio. Na minha vez de apresentação relatei a importância de escrever a história de mulheres e durante a pesquisa suas narrativas serviram para minha compreensão analítica das entrevistadas e das visitadas.

A metodologia do chá das manas foi pensada com muito cuidado e com muito carinho, levando em consideração as manas da mata: a idade, a saúde, a morada, o passado, o presente e o futuro. Em vista disso, pensamos no antes e no momento, chamamos de dois momentos, a mobilização, a preparação com a execução. Fizemos o caminho de volta, durante toda a trajetória de coleta e depois para as visitas e entrevistas, houve o agradecimento dos depoimentos. A finalização foi com as narrativas que servirão de instrumento para futuras pesquisas, e que todas os depoimentos ajudaria para levar a história de mulheres para um nível muito alto de valorização.

#### 1.1.1 Cortando os mares. Momento de mobilização

Esse momento se deu com os acordos das datas e sobre qual seria a melhor data. Houve várias tentativas, mas as inúmeras atividades do cotidiano atrapalhavam. Em visitas nas residências, para outros compromissos até conseguirmos marcar a data para o encontro.

Outra estratégia foram os convites personalizados, preparados como maneiras de firmar compromisso, elaborado para chamar a atenção de cada uma. Nas entregas dizíamos que sortearíamos brindes às participantes e que poderiam levar as crianças.

Então foram confeccionados 25 convites distribuídos às mulheres coletoras de sementes e outros convidados, como a diretora da IEAP (Instituto Educacional da Amazônia Pará), Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio Pinto Facundes, escola polo da região, às igrejas evangélicas e católicas, à associação ADINCOOMA (Associação de Desenvolvimento Intercomunitário dos Rios Corredor, Furo do Chagas, Maniva e Cutias). Estiveram presentes e também convidadas, a pesquisadora da Universidade Federal Fluminense-UFF, Arlete Gomes, Mestranda do Programa de Pós

Graduação em Educação, e a equipe de saúde do município de Afuá, médica Eilania Cristina dos Santos e enfermeira Rosicléia Ferreira.

Outra estratégia foram as redes sociais, grupos de whatsapp de mulheres, comunitários e no privado de cada uma. Mesmo aquelas que não puderam comparecer sabiam do encontro, outras não conseguiram transportes.

### 1.1.2 O convite

Finalizamos essa etapa com a construção dos convites (Figura 3). O convite para o chá das manas e dos crachás. A ideia era que o convite chegasse e impulsionassem em saborear um maravilhoso chá e cafés com bolos, pães, biscoitos, bolachas, algo nunca feito na comunidade, chamassem para o encontro. Para Lucília Delgado (2006, p.34), “a história vai ao encontro de outro tempo, diferente daquele no qual está integrado”.

Figura 3 - Convite



Fonte: Kátia dos Santos Pantoja (2024).

Os convites foram entregues nas residências. Uma das comadres ficou encarregada em sair de rabeta para visitar, entregar e avisar todas as mulheres que fazem parte do coletivo. Os convites foram entregues com uma semana de antecedência e na ocasião, avisavam para levarem um objeto que consideravam de suma importância e que pudessem chegar cedo por conta da maré.

### 1.1.3 Atracar os barcos. Momento de preparação e execução

Este momento foi destinado à chegada das manas no chá, no encontro coletivo e a proposta colocada como metodologia: o orientador, a apresentação, a programação, os crachás, o material didático, a logística: local do encontro, transporte, alimentação e os contatos.

### 1.1.4 Do roteiro

O ponto de partida do roteiro semiestruturado iniciou-se com entrevistas individuais, conversas soltas, instigando indagações e aprofundando para outros assuntos, principalmente para o protagonismo das mulheres do coletivo do Rio Maniva. Sempre deixando à vontade para falarem do que quiserem, pedindo permissão para gravar os áudios e suas imagens.

O instrumento metodológico aplicado para o chá foi o roteiro semiestruturado, subdividido em três momentos: A) o tempo; o território e as memórias de mulheres do coletivo – B) o espaço; a organização e as memórias do coletivo – C) os saberes; os afazeres, e o resgate de experiências que levam ao protagonismo.

Cada tempo mencionado foi apresentado por uma mana, sendo colocadas as diferentes gerações frente à frente para as suas colocações (Figura 4). Estavam ali, as avós, mães e filhas de uma mesma família fazendo suas considerações. As mais velhas traçaram sua linha do tempo até chegar em suas netas, o desafio era pontuar o que existia em suas épocas e o que existe hoje.

Figura 4 - O momento das falas de três gerações



Fonte: Geovanhi Facundes (2024).

Durante a execução da metodologia, foi realizada a atividade de preenchimento de tarefas como o quadro dos acontecimentos de geração, em que avós, mães e filhas escreveram, verificando o passado e o presente. O quadro 1 apresenta os resultados.

Quadro 1 - Os acontecimentos das três gerações.

ACONTECIMENTOS		
1ª geração: avó	2ª geração: mães	3ª geração: filhas
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Não viam dinheiro; trocavam sua produção</li> <li>- viviam das roças</li> <li>- plantavam somente para o alimento</li> <li>- ausência total de transportes, usavam canoas e reboques</li> <li>- energia elétrica, zero</li> <li>- sem água</li> <li>- sem telefone</li> <li>- sem internet</li> <li>- sem escolas</li> <li>- principal produto, látex</li> <li>- as mulheres trabalhavam na mesma atividades que os homens</li> <li>- famílias numerosas</li> <li>- complemento de renda, coleta de sementes</li> <li>- as mulheres não se envolviam no social</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- vendiam o pouco que produziam</li> <li>- dedicaram as coletas de sementes</li> <li>- os alimentos tornaram escassos, não plantavam</li> <li>- surgiram as catraias como transportes</li> <li>- energia de geradores</li> <li>- nem todas tinham água encanada</li> <li>- antena rural</li> <li>- algumas residência, internet móvel</li> <li>- escolas com ensino fundamental</li> <li>- principal produto, sementes e pesca</li> <li>- as mulheres ajudam nas atividades, mas foco, coleta</li> <li>- controle de natalidade</li> <li>- complemento de renda, sementes</li> <li>- mulheres aparecem no cenário social</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- vendem tudo que produzem</li> <li>- trabalham com as mães na coleta de sementes</li> <li>- os alimentos vêm das cidades, mas se plantam</li> <li>- encontram-se os rabetas, as lanchas e voadeiras. Raras as canoas</li> <li>Energia de geradores e fotovoltaica</li> <li>- água encanada</li> <li>- qualquer jovem tem um celular</li> <li>- 90% internet</li> <li>- escolas com ensino fundamental</li> <li>- principal produto, sementes</li> <li>- ajudam na coleta, foco açaí</li> <li>- controle de natalidade</li> <li>- complemento de renda, sementes</li> <li>- as mulheres estão em um número maior nos movimentos.</li> </ul>

Fonte: Kátia dos Santos Pantoja (2024).

Compreendemos que este momento era único na vida de cada uma presente. Houve até lamentação de algumas mulheres por não poderem trazer sua geração. Logo depois dessa atividade, incluímos a dinâmica do objeto que trouxeram para o encontro e suas explicações (Figuras 5 e 6). O primeiro objeto a ser apresentado foi uma muda de planta, apresentado pela equipe da orientação. Simbolizava o percurso que iniciou a caminhada, onde tudo começou.

Figura 5 - Objeto importante



Fonte: Geovanhi Facundes (2024).

Figura 6 - Objeto importante



Fonte: Kátia dos Santos Pantoja (2024).

Outro objeto de muita importância levado pela mana Benedita Chermont, foi o martelo. Benedita afirma: “trouxe o martelo porque com ele quebrou o caroço do murumuru, atrás da amêndoa, é meu material de trabalho, se não fosse ele não conseguiria ter o que tenho hoje.”

Na figura 6, também há outro objeto que foi considerado importante no encontro pelas gerações de mulheres presentes, o óleo de andiroba levado pela mana, coletora e extratora Regina Batista da Rosa, que estava acompanhada pela filha Maria Tainá Batista Rosa e pelas netas, Thais Rosa Ferreira e Maria de Nazaré de Castro Rosa. A mana Regina disse: “Trouxe esse vidro com óleo porque foi o que aprendi com a minha mãe, que aprendeu com a mãe dela e agora tô ensinando para minhas filhas e netas.”

Em seguida voltamos para os lugares, em círculo, para apresentação dos convidados que não fazem parte do coletivo de mulheres do Rio Maniva, mas que estavam a somar conosco. Dando continuidade, passamos para o nosso segundo momento, o espaço; a organização e as memórias do coletivo.

As manas descreveram os espaços que percorreram, a primeira entrega de sementes, contaram o quanto apredenderam a explorar o território. Depois que começaram a coletar as diversas sementes, passaram a conhecer no escuro toda a mata, adetram todos os dias no período de safra a buscar as “frutinhas”. Dionete da Silva Cardoso comenta: “Antes eu nem conhecia o meu espaço, só via as sementes quando as águas cresciam e passavam no porto, desde que comecei nesse trabalho, sei até qual árvore dá mais frutos e qual não dá.” Sentadas, lembraram de quando eram crianças, quando as mães também faziam as mesmas coisas, não como agora. Percebemos que o que elas faziam antes, hoje é a nossa poupança e queremos que nossas filhas continuem com isso.

Outro espaço que foi citado no encontro, de como as mulheres conseguiram estar presentes, se vê dentro das escolas, em retomada aos seus estudos, a empregos, nas lideranças da associação, em frente ao coletivo e às chefes das famílias. A cronologia que fazem e repetem os acontecimentos em tempos diferentes mostram que as mulheres dos séculos passados escreveram as primeiras linhas do tempo presente, dessas manas que conseguem identificar que com as memórias das mais velhas entendem o potencial que mulheres como nossa geração vêm mostrando um outro cenário no país.

Essa atividade ocorreu no dia 30 de janeiro de 2024, em minha residência que fica ao lado da sede da associação ADINCOOMA. Durante a atividade, as crianças pudessem brincar para deixarem suas mães a produzirem melhor. O encontro começou às 14 h. Algumas manas chegaram mais cedo, pela distância, outras chegaram no horário combinado, e outras, atrasadas. Logo em seguida, paramos para o chá das manas, com direito a uma música para descontrair (Figura 7).

Figura 7 - O lanche



Fonte: Kátia dos Santos Pantoja (2024).

Ao término do lanche, voltamos para os círculos para o terceiro momento da atividade, sobre os saberes, os afazeres e a memória do coletivo de mulheres do Rio Maniva. Começamos a conversa sobre os nossos saberes e afazeres. Buscamos na memória, trazendo o tempo, juntado o espaço e concluímos com o que mais almejamos, a liberdade de podermos ser o que queremos. Com tudo o que aprendemos em vida, oferecido pelas mais velhas, sendo nas práticas ou histórias contadas nos jiraus, na hora

dos afazeres domésticos, guardamos para uma eternidade. Os afazeres de nossa avós e mães, ensinados nos portos a cada lavagem, nas plantações e nas colheitas e agora com as coletas das sementes dentro das imensas matas, serviram para enriquecer esse trabalho, em uma metodologia que chamamos de Rios do tempo, apresentada de uma forma especial, juntando a vida cotidiana de mulheres que viveram nos séculos passados. O seu tempo, seu espaço e seu protagonismo.

Nesse momento achamos necessária a conversa das manas com a equipe médica, trazendo um assunto para distração, e que consideramos essencial ao protagonismo, que é o autocuidado. Falaram sobre a importância de se cuidar, de se prevenir e de se conhecer. Benedita relatou: “Hoje me olho de maneira diferente. Gosto de me cuidar, de me perfumar, tomar meus remédios para me prevenir. Antes me achava feia, hoje sou bonita. Isso só foi possível porque tenho meu dinheiro, compro meus perfumes, minhas roupas, meus calçados. Ah! Me adoro!

Finalizamos esse encontro com um gesto que aprendemos com a mana Lourdes Batista da Silva, ausente no chá por motivo de doença, mas os seus saberes nunca deixaremos morrer. Foram dadas a todas as manas presentes: uma muda de planta como lembrança do encontro do chá das manas (Figuras 8 e 9).

Figura 8 - Logo da lembrança



Fonte: Kátia dos Santos Pantoja (2024).

Figura 9 - Mudas



Fonte: Kátia dos Santos Pantoja (2024).

#### 1.1.5 O Crachá

A ideia de confeccionar crachá, convites e lembranças, surgiu depois de muitas leituras e de realização de oficinas realizadas junto à associação. Verificou-se que a presença é maior quando se tem um cuidado maior e a organização com um capricho chama a atenção de qualquer público, nesse caso, as manas.

Figura 10 - O crachá



Fonte: Kátia dos Santos Pantoja (2024).

O crachá foi feito em papel A4, recortado e colado em papel cartão, furado com dois furos para amarrar barbante como cordão para colocar no pescoço. Foi escrito o nome das manas para identificá-las por causa das convidadas que não fazem parte do coletivo.

Os crachás foram usados na chegada de cada mana. Seus nomes na inscrição, foram usados até o final do encontro. A identificação também facilita na listagem dos sorteios, a cada nome escrito no crachá, faziam em folha a parte para no final concorrer a vários brindes. Foram sorteados 20 brindes (sabonetes íntimos) e duas cestas básicas. Na ordem em que fossem sorteadas, eram tiradas seus nomes da lista, dando oportunidade para as outras. A cada sorteio, vinham os aplausos e a esperança de ser a próxima sorteada.

Figura 11 - O sorteio



Fonte: Geovanhi Facundes (2024).

Logo depois dos sorteios, sentamos novamente nos círculos, começamos a fala da pesquisadora, agradecimento ao coletivo e às presentes que aceitaram o desafio de participar da pesquisa, colaborando e embarcando juntas em um momento considerado único, para todas nós.

A proposta do projeto sempre apresentou um cenário grandioso. Escrever sobre as mulheres do coletivo do Rio Maniva, extrativistas e coletoras de sementes do estuário foi um grande desafio. Parecia que era tão simples o que começaram a fazer, trabalho realizado há muitas décadas e que herdamos de nossas avós e mães vem mudando a vida geral do planeta, atividade que exercem vem mudando um retrato de um tempo do patriarcado e que as memórias que eram perdidas no tempo e nunca lembradas se fizeram presente nas narrativas e nas escritas e agradece a participação de todas (Kátia dos Santos Pantoja, pesquisadora deste estudo).

Os critérios para as entrevistas individuais para o trabalho se deram pela proximidade dos rios, e os horários disponíveis por elas. Cada uma recebeu a minha pessoa como pesquisadora e membra, em que facilitou as conversas e as fotos. Agora, era a vez do coletivo com a história oral, metodologia adotada como recurso em que se enfatiza a memória e a identidade com outros olhos. A perspectiva da pesquisa é

visibilizar as atividades de mulheres de um território com fortes índices de diferenças, principalmente quando se refere às mulheres ribeirinhas.

Então, precisávamos de histórias narradas por mulheres em cada tempo. Suas narrativas foram de suma importância para essa pesquisa. Elas irão deixar seu legado registrado na memória da futura geração, principalmente das mulheres da comunidade São José do Rio Maniva. (BRUNER,1997), “[...] a narrativa possibilita ao sujeito interpretar os fatos vivenciados, construindo uma significação pessoal para eles”.

Para Josso (2007), o ato de narrar, “através da análise e de interpretação das histórias de vida escritas, permite colocar em evidências a pluralidade, fragilidade e a mobilidade de nossas identidades ao longo da vida” (JOSSO,2007, p. 415).As narrativas contadas pelas manas, iniciou as atividades em um formato de evidências concretizadas em relatos que foram colocados como pontos positivos e negativos (Quadro 2). O equilíbrio das espécies, a continuidade do trabalho nas futuras gerações e o aumento da geração de renda na comunidade aparecem como pontos.

Para a construção do quadro dois, foram discutidos vários pontos, baseados nos acontecimentos diários da população moradora da região. Foram relacionados pontos positivos e negativos de toda a atividade realizada principalmente pelas mulheres. Para cada ponto negativo, apresentou-se um ponto positivo.

Quadro 2 - Os resultados da atividade de coleta das manas nos rios e nas matas.

Pontos Positivos	Pontos Negativos
Reaparecimento de animais (cutia, tatu, soiá, paca, etc)	Os animais citados, há muitos anos tinham se mudado da ilha
Aumento na produção de frutos em geral	Dedicação exclusiva na produção de açaí
Valorização na venda de sementes oleaginosas (andiroba e pracaxi)	Derrubada desenfrada das espécie citadas para venda ilegal da madeira
A saúde da população nas questões respiratórias	Aparecimento de doenças (pneumonia, tosse, asma, bronquite, etc)
Equilíbrio das espécies, manejo sustentável	Aniquilamento de outras espécies
Equilíbrio climático	Fortes ondas de calor
Possibilidade de uma boa alimentação; (camarão, peixes e caças)	Alimentos ultraprocessados oriundos dos supermercados
Geração de renda para as mulheres da comunidade	Mulheres com total dependência dos companheiros
Agregação de valores em produtos da agrofloresta	Toda a produção era desperdiçada, doada ou trocada (graviola, cupuaçu, limão, biribá, hortaliças em geral).

Fonte: Kátia dos Santos Pantoja (2024).

Depois de listarem pontos positivos e negativos, certamente muitas recordações completaram a cena, pelo chá proporcionar esse encontro de muita emoção: abraços, risos, choros e muitos agradecimentos pela recepção, agradecemos:

Agradei as comadres que conseguiram participar. Outras tinham portas vozes, filhas e netas presentes. Mesmo com problemas de saúde, algumas compareceram. Benedita foi uma das entrevistadas e narradora de contos de geração (Regina Batista da Rosa, Maria Tainá Batista da Rosa e Thais Rosa Ferreira), três gerações na coleta, extração de óleos e fabricação de sabão, contaram como a atividade vem melhorando a vida delas. Quantas histórias recebi, gravei, escutei para me dedicar na construção do texto. A cada capítulo, muitas ideias surgiam, possibilitou na construção da história de mulheres de Rio Maniva. As contribuições das mais novas também foram essenciais para essa pesquisa. Conheci o território de uma forma que nunca imaginei, muita riqueza nas narrativas, tudo que recebi, guardarei nas memórias e eternizarei contando e como resultado a confirmação da identidade e de um coletivo que está enraizada dentro das matas e guardada nas memórias de mulheres moradoras dos rios e das matas (Kátia dos Santos Pantoja, 2024).

O início da metodologia está representada na figura 12, sentadas em círculos, começaram as atividades. Na figura 13, a foto final, todas as manas presentes e que quiseram, ficou registradas como momento único.

Figura 12 - Foto oficial da roda de conversa.



Fonte: Geovanhi Facundes (2024).

Figura 13 - Foto oficial das Manas



Fonte: Geovanhi Facundes (2024).

Com a realização do chá das manas, finalizando o campo de um ano de pesquisa, com visitas, conversas rotineiras, repetição de fatos, entrevistas, áudios, fotos, formatada em uma parede de minha residência, com anotações a cada visita de algo novo que surgia. Originou-se o que chamamos nessa pesquisa de “Rio do Tempo”, para completar a metodologia escolhida e executada.

## 1.2 As entrevistas

As conversas com as manas, iniciadas com as visitas nas residências, se deram entre o mês de agosto de 2023 e janeiro de 2024. Entre as entrevistadas está a membra familiar mais velha, minha avó, por quem conheci de onde vem a origem da minha família. Em seguida foram as pessoas mais velhas da comunidade, alguns muito debilitados sem condições de andar, enxergar, mas muito felizes com a presença da equipe. Demonstraram muita satisfação a prestar informações sobre tudo o que narraram. Contavam com tanta lucidez, parecendo estar vivendo novamente tudo aquilo.

As próximas, foram as manas. Primeiro foram avisadas para que esperassem e no dia combinado estavam com seus cafezinhos prontos, limpavam e arrumaram suas casas para a espera. As conversas foram tão prezerosas porque se entende tudo o que foi narrado, não precisou pedir para repetir os fatos ou descrever o cenário explorado. Algumas sugeriram fazer suas narrativas e fotos dentro das matas, lugar de seus trabalhos (Figura 14). Outras demonstravam prazer em mostrar suas produções, suas plantas, suas criações e suas famílias.

Durante essas andanças, fiz longos percursos dentro de rios, igarapés e furos, encantada já em conhecer e reencontrar as manas, sensação de felicidade e dever cumprido me satisfazia. Contar a história de mulheres à qual pertencço é tão satisfatório e muda o caminho de uma trajetória. Hoje somos as mulheres de uma pesquisa e ajudei a construí-la, isso gera um poder e visibiliza mulheres dentro do território. Há tanto tempo viveram escondidas, sem perspectivas de vida, marginalizadas e sofreram os piores preconceitos, principalmente relacionados à questão de gênero.

Antes de qualquer narrativa, era pedida permissão para gravar, filmar e fotografar. Depois disso, começavam as narrativas. As manas têm um poder de hipnotizar com tantas histórias. Contaram fatos que eu não conhecia, mesmo morando há anos na comunidade e fazendo parte do coletivo. Tudo era registrado e copiado no caderninho, no celular e na memória.

Depois das entrevistas foi feita a preparação para o encontro, o chá das manas, onde todas pudessem estar juntas em um momento único para que compartilhassem suas ideias e práticas com as outras manas e as mais jovens e que comparassem ou diferenciasssem os acontecimentos.

Figura 14 - Entrevista na mata



Fonte: Neto Santos (2024).

Figura 15 - Entrevista nas residências, com as manas da mata.



Fonte: Neto Santos (2024).

Figura 16 - Entrevista com as manas, em meio a casinha de quebrar murumuru.



Fonte: Neto Santos (2024).

Figura 17 - Família entrevistadas. Maiores produtores de óleos de andiroba.



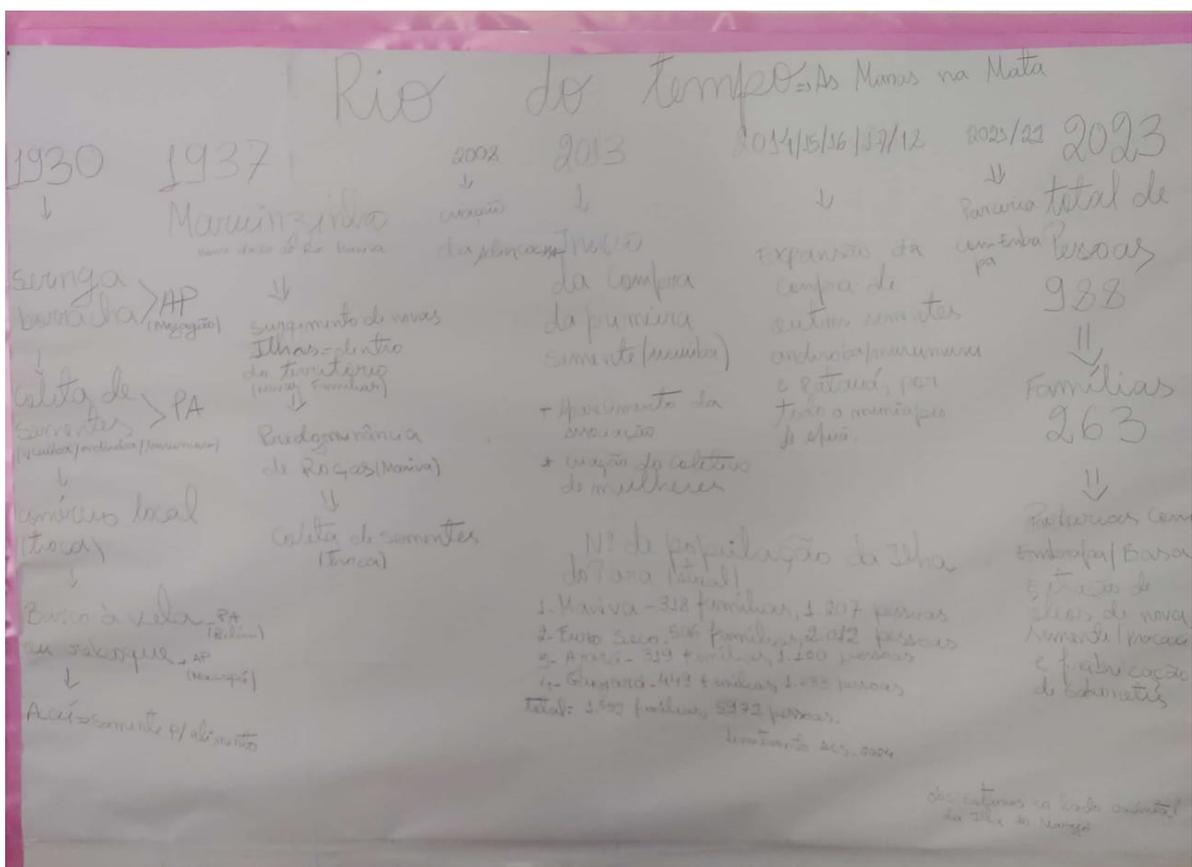
Fonte: Neto Santos (2024).

No término das entrevistas, juntava-se tudo o que era registrado e desenhava-se em outro modelo, desenhado a mão, juntando com as outras informações de outros

entrevistados para o próximo passo. O croqui em paredes, como não podiam molhar, rasgar ou sumir, eram registrados na parede em que se construiu a linha do tempo e que chamei de “Rio do tempo”.

A figura 18 é um esboço da metodologia feita a mão e em papel A4 colados na parede da minha sala para fácil acesso e de fácil escrita em canetas ou a lápis. A cada chegada eram rabiscados. Mesmo as narrativas estando em cadernos e celular, o registro contribuía na elaboração. As chuvas e maresias molhavam as anotações, por isso o motivo da construção. Nela estão registrados os principais anos citados pelos moradores, número de população, períodos de roçados e coletas de sementes, criação da associação e nomes dos rios. O croqui servia de orientação para as frases seguintes.

Figura 18 - Croqui da linha do tempo (Rio do tempo).



CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: Kátia dos Santos Pantoja (2024).

### 1.2.1 Navegando a linha do tempo

Para hooks (2019), uma prática simples, como a de incluir e experiência pessoal, pode ser mais construtiva e desafiadora que o simples ato de mudar o currículo. Narrar histórias de manas de um espaço diferenciado, como protagonistas, muda totalmente o percurso das acadêmicas, onde os sujeitos são outros, tão distantes e tão inseridos na sociedade.

As histórias narradas por cada morador e mulher da comunidade São José do Rio Maniva, deram início a uma sequência de informações. Precisava-se contar toda a narrativa baseando-se em áudios gravados, conversas contadas e atividades de campo. Para que se construísse uma metodologia em que os responsáveis são mulheres e homens que viveram em outros tempos e que fizessem comparações de tempos, espaços e saberes e afazeres, foi necessária uma estrutura a mais. Além do texto foram trazidas os principais pontos do território, os quais foram de suma importância para o entendimento do texto. Nele há explícito o formato de como está estruturada a pesquisa: Território, Organização e Protagonismo.

### 1.2.2 O Rio do Tempo

Um território de luta que para a manutenção de seu povo, principalmente mulheres que viveram acúmulos de experiências, desde seu ancestrais até a futura geração e para a redescoberta de sua identidade, usou-se uma forma metodológica simples e fixa, que estruturada, denominou-se Rio do tempo. Narrada por indivíduos importantes para a pesquisa, mas sem rigor. “ O objeto analisado, principalmente porque o material empírico impõe essa relação, o que permite conferir rigor acadêmico. (ELIAS, 1997 apud SARAT; CAMPOS, 2017, p.1259).

O Rio do tempo foi estruturado com as principais datas memoráveis, as quais entrevistados descreveram com um valor de vida.

**1930**  Moradores vieram de outros lugares para trabalhar na seringa, extraíam e vendiam para o estado vizinho, Amapá. Viviam de roças e de plantio da maniva, faziam farinha para a alimentação. Destaque para os primeiros moradores do

Rio. As famílias Mota e Facundes que foram os pioneiros para o crescimento da economia, festas religiosas, educação, etc.

**1930/31/32** As mulheres aparecem na coleta de sementes, ucuúba, andiroba, levadas à capital Belém em barcos à vela. Levavam um mês para chegar.

**1933/34/35** Apareceram os primeiros comércios locais. A população que trabalhavam com as sementes e produtos do roçado, entregavam para os senhores patrões, compravam e levavam para o estado vizinho. Transportado pelo único transporte usado para nevegação, o Reboque, era tipo de um casco cavado sem motor. Na mesma década, surge a primeira prensa para a extração de óleo de andiroba, óleos quentes, pela família Mota que levava toda a produção da comunidade para Macapá/AP.

**1936** O açaí completa a alimentação dos moradores. A economia era à base de trocas. Os produtos manufaturados eram adquiridos por troca (tecidos, sapatos, perfumes, etc). Outros produtos vinham de plantios (banana, macaxeira, maniva, abóbora, melancia, maxixe, etc).

**1937** A comunidade que se chamava de Rio Maruinzinho, passou a se chamar de Rio Maniva porque todas as famílias moradoras plantavam maniva para a fabricação de farinha.

**1938/39** Surgimento de novas Ilhas dentro do território (Ilhas do Mandubé, Ilha do Pato, etc).

**1940/1941** Com a formação das ilhas, nascem outro igarapés (Igarapé Serrãozinho, Igarapé João Tinta, Igarapé Anta, etc). Aumenta o número de moradores.

**1942 a 1955** Ainda predominavam as roças da maniva para o sustento das famílias. Surgem as primeiras escolas municipais.

**1956 a 1977** Coletas de sementes como o principal produto vendido (para troca).

**1978** Criação da comunidade católica, primeira capela.

**1979 a 1985** Surgimento de uma grande fábrica de palmito (Caburé) trouxe para a comunidade muitos empregos e aumento das trocas e a famosa cantina. A fábrica oferta aulas para os filhos dos empregados.

**1986 a 1999** A comunidade foca no plantio de açazais, e as mulheres passam a coletar menos as sementes.

**2000** Início do primeiro encontro da Pastoral da Juventude (PJ)

**2001 a 2003** Expansão dos açazais e o desaparecimento das coletas de sementes.

**2004** Construída a primeira escola de alvenaria da comunidade, E.M.E.F. Antônio Pinto Facundes. Aumento dos açazais.

**2005 a 2007** Aumenta o desmatamento das matas.

**2008** Criação da Associação de moradores ADINCOOMA.

**2009 a 2011** Volta da compra das sementes.

**2012** Criação do Instituto Educacional da Amazônia – Pará (IEAP)

**2013 a 2016** Primeiro empreendedorismo das mulheres, para as feiras, na cidade de Macapá/AP.

**2017/18** Formação do coletivo de mulheres do Rio Maniva. Contrato com uma empresa de cosméticos.

**2019 a 2021** Parceria com a EMBRAPA /AP, até nos dias atuais.

**2022 a 2024** Mulheres empreendedoras e o seu protagonismo. Venda de sementes e Extração de óleos frios, fabricação de sabão. Oficinas e cursos para o coletivo de mulheres.

“O maior número de nossas lembranças nos vem quando nossos pais, nossos amigos ou outras pessoas nos provocam” (BOSI, 1995, p.62). Todas as experiências do passado nos recordam fatos que marcaram dias, meses e anos, guardados nas memórias de uma população moradora de um segmento, nesse caso, os ribeirinhos.

## CAPÍTULO 2 - TE ARREDA AÍ MANA, VEM NAVEGAR DENTRO DO RIO AMAZONAS E NAVEGUE NO RIO MANIVA

A Ilha do Marajó (figura 19) é uma ilha costeira fluviomarítima situada na área de proteção do arquipélago do Marajó, no estado do Pará, no norte do Brasil. A maior ilha fluviomarítima do planeta, com uma área total 40.100,00 e com uma população de 591.064 habitantes (IBGE, 2022) está separada do continente pelo delta do Amazonas, pelo estuário do Rio Pará e pela baía do Marajó. Nela existe a comunidade ribeirinha do Rio Maniva, zona rural do município de Afuá /PA, fazendo fronteira com o estado do Amapá. A capital do Amapá está a 76,40 km do município de Afuá em linha reta e 116 Km de distância. Para chegar à cidade de Santana, no estado vizinho, em transporte tipo catraia, leva-se uma hora, dependendo do tamanho do motor. De lancha (voadeira, leva-se de 15 a 20 minutos). A ilha do Pará está a 331 km da capital do Pará, Belém, e a 43,5 km da capital do Amapá, Macapá. A viagem de navio até a capital Belém, leva 24 horas, saindo do porto de Santana/AP pois do Rio Maniva, não existe transporte que faça esse trajeto. Outros municípios vizinhos se destacam por se tornarem ponto de entrada e saída de pessoas para as diversas atividades que movimentam a ilha do Pará. O município de Santana/AP está a 28,8 km, Mazagão Velho/AP a 22,1 km e Mazagão Novo a 20,9 de km de distância.

Figura 19 - Mesorregião do Marajó



Fonte: IBGE (2010).



## 2.1 Território de Estudo

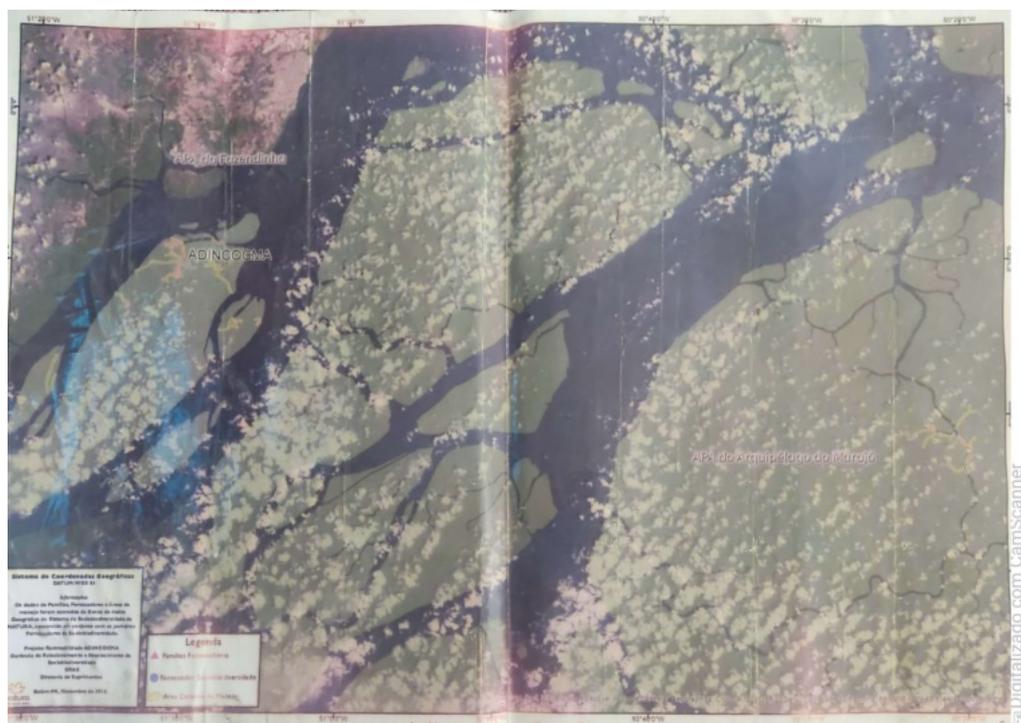
A comunidade do Rio Maniva fica às margens do exuberante Rio Amazonas, que divide os estados do Amapá e do Pará, desaguando nos seguintes rios e igarapés que dividem os lotes dos moradores: Igarapé Seringa, Igarapé Maria Tereza, Igarapé Serrãozinho, Igarapé Ponceano, Igarapé João Tinta, Furo do Aruãns, Ilha do Pato, Ilha do Mandubé e dois grandes rios, que dividem a região: Rio Maniva de cima e Rio Maniva de baixo.

As residências são palafitas, adaptadas para as altas das marés e que uma vez ao ano sobem além do normal modificando a paisagem natural e os cursos dos rios.

Neles são despejados todo tipo de resíduos sólidos e por falta de não ter como armazenar e nem como tratar, juntam e jogam nas marés, causando um dos maiores problemas para a região. As grandes secas também são um dos fatores que contribuem para a erosão e para as mudanças da paisagem.

Na figura 21, o estuário completo da ilha do Pará, com a localização da associação dentro do Rio Maniva. Como visto a ilha divide os dois estados do Amapá e Pará.

Figura 21 - Estuário Rio Maniva



Fonte: Associação Adincocma e Empresa Natura (2018).

O nome do rio recebeu a denominação Maniva devido ao grande número de plantio de roças da maniva, destinadas à fabricação da farinha. Uma das primeiras famílias da comunidade, foram os Facundes e os Mota, de onde originou-se o nome da primeira escola da região, Escola Municipal Antônio Mota Basto e a Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio Pinto Facundes, que atende 404 alunos dos rios Maniva I e II, Igarapé Seringa, Igarapé Aruãs, Ilha do Chagas, Igarapé Ricarda e Igarapé João Tinta. Divididos em quatro escolas, um polo e três anexos.

Atualmente não se encontra nenhuma descendência familiar Mota na comunidade, nem registros escritos, documentos e nem fotografias, o que temos são histórias contadas, guardadas nas memórias dos moradores mais antigos. As terras que pertenciam a eles, hoje, são de pessoas que chegaram depois e por aqui permanecem. Eles foram os que deram impulso ao negócio local, como o único mercantil de produtos vindos das outras capitais. Segundo, Antônia Cardoso, eles foram os pioneiros também na compra de ucuúba e extração de óleos, principalmente de andiroba. No século XIX, a comunidade já possuía uma prensa para extração de óleos. A extração era feita nas residências e trocavam as sementes com produtos alimentícios em geral.

A família Facundes está no território há mais de 300 anos, como mostram as documentações por eles guardados. A documentação afirma a permanência desde 1906, O documento mais antigo tem 118 anos. As posses das terras também estavam em mãos do senhor Juarez Facundes, 84 anos, que não sabia da existência dos documentos, guardava sem saber do que se tratava e essa documentação está toda comprometida por traças e cupins.

Na figura 22, membro mais velho da família Facundes, morador nascido e criado na região. Representante da igreja católica da comunidade São José e está na missão mais de 40 anos.

Figura 22 - Dirigente da comunidade, São José.



Fonte: Marcilene Facundes (2024).

“Eu, não conheci meu avô, meu pai Antônio trabalhava na seringa e eu e meus quatro irmãos acompanhávamos essa atividade. Minha mãe veio do Ceará e nascemos todos aqui, nós fazia roça de maniva, de outros alimentos. Lembro de quando eu morava no Igarapé Aruãs e viemos para a Ilha das Araras eu já era grande, meu pai herdou do pai dele as terras que moro até hoje e onde foi construída a primeira capela. Aqui trabalhava de tudo, depois da seringa passamos a trabalhar em serraria. Hoje trabalho com açai. (Juarez Araújo Facundes, 84 anos).

Comunidades ribeirinhas como a do Rio Maniva, rica em açazais, colaboram com o abastecimento do mercado de Macapá e Santana-AP, por isso, há um grande fluxo de transportes com pessoas que entram e saem todos os dias. Nas margens dos rios comercializam-se diversos produtos e que acabam chamando a atenção dos famosos Ratos d’águas<sup>1</sup>, facilitando a entrada de inúmeras drogas, marginalizando os jovens e favorecendo o crescimento da prostituição adulta e infantil. O domínio dos territórios fica em mãos de poderosos e atravessadores que ditam leis e dão os preços em toda produção dos ribeirinhos.

O rio Maniva tem aproximadamente 400 anos, segundo Perciliano de Oliveira Cardoso, 92 anos, morador, nascido e criado na comunidade. Ele afirma que seus pais e seus avós também nasceram aqui. Um Rio que já sofreu grandes mudanças com o

---

<sup>1</sup> Ratos d’águas: assaltantes que navegam nos rios.

passar do tempo. A população local modificou a paisagem natural do território. O primeiro nome dado ao território foi de “Rio Maruinzinho” e que pelo plantio da maniva, modificou o nome. Ele contou também que os rios eram muitos largos e que as poucas famílias que moravam eram: Sr. Inocêncio, proprietário do maior mercantil do Rio Cutias, Sr Teodoro, Duca Maia, Bianor, um cearense e primeiro morador do igarapé Seringa, Sr. Felipe, Mimo Tavares, Sr. Queirós era quem fazia festas no igarapé Aruans e a família da senhora Vintorina, que era comerciante, na boca do Rio Corredor.

A figura 23, mostra membros da família Cardoso, companheiros há mais de 40 anos, e contam com muita sabedoria a trajetória de outras famílias. Faz narrativas do crescimento da comunidade e da população.

Figura 23 - Morador mais velho da comunidade.



Fonte: Kátia dos Santos Pantoja (2024).

As poucas famílias que moravam na comunidade, vieram de outras localidades, para trabalhar na extração do látex e fabricação da borracha e que sem condições de voltar para suas terras de origem, ficaram por aqui e com o fim da venda da borracha, passaram a viver de roças; plantavam melancia, abóbora, macaxeira, cana, maniva,

banana e hortaliças. A produção, era levada para a cidade de Macapá/AP, direto para o Igarapé das Mulheres, porto mais movimentado para comercialização, ou para a vila de Mazagão Novo.

Levavam dois dias para chegar em Macapá e um dia para chegar em Mazagão. Aproveitavam as marés para navegar de canoa à remo, e torcer para fazerem uma boa venda. A cidade de Santana/AP ainda não existia.

Com as dificuldades de locomoção, transportes para navegação e com os perigos dos rios, instalaram grandes pontos comerciais, dentro do Rio Maniva. Os Motas, e o Inocêncio, os primeiros comerciantes, começaram a era das trocas, surgiram as famosas cantinas. Os Motas possuíam uma embarcação à vela e passavam um mês para chegar à capital Belém, levando os produtos recebidos no mercantil para a venda e abasteciam a comunidade com outros produtos diversos, objetos e tecidos. Segundo Antônia dos Santos Cardoso, 86 anos, nascida e criada na comunidade, e a mulher mais velha da comunidade (Figura 24), numa dessas vindas trouxe um Sr. chamado Raimundo, que foi professor e na época era pago para quem quisesse estudar, passou a dar aulas para alguns moradores, ensinava a ler e escrever, eram poucos alunos que podiam pagar pelo serviço.

Figura 24 - Mulher mais velha da comunidade.



Fonte: Kátia dos Santos Pantoja (2024).

A população passou a não levar mais seus produtos para a cidade vizinha, Macapá/AP, vendiam ou trocavam no comércio local. A Senhora Antônia afirma que quase não se via dinheiro, trocavam os produtos do roçado pelos produtos que não tinham. Ela diz que foram tempos muito difíceis. Os moradores viviam trocando de morada, faziam roças e quando colhiam mudavam para outras terras e para novos plantios. Com tempo e pelas dificuldades e com a chegada do comércio, deixaram de plantar a maniva e passaram a comprar. Hoje a maioria das pessoas da comunidade desconhece atividade de plantio da maniva e a origem do nome.

Antônia Cardoso afirma ainda que o primeiro reboque que surgiu na comunidade era do dono do mercantil. Nessa época ela tinha doze anos. Idade em que também conheceu outras cidades, como Santana/AP. A única embarcação disponível de seu Mota, ia uma vez ao mês até a sede do município, Afuá, pagar o imposto das terras que moravam e por isso se declaravam como donos de muitos lotes de terra. Ainda existem na comunidade pessoas que nunca foram na sede do município.

Os moradores viviam basicamente dos roçados, das trocas de alimentos e da coleta de sementes. Coletavam ucuúba e andiroba para o seu Mota. Com tanta variedades e quantidade das espécies e as dificuldades de escoar a produção, Mota trouxe da capital, Belém uma prensa, e passou a extrair o óleo da andiroba em sua residência, pagava pelas sementes no porto e levava para a cidade. Com a novidade da prensa, a comunidade não tinha interesse em extrair, somente comercializar.

Maria de Nazaré Fonseca Cardoso, 81 anos, declara com muito orgulho sua profissão, seringueira. Nascida na comunidade, diz que veio de uma família muito pobre, e que saía às cinco da manhã, junto com seus pais para juntar caroços e sementes para vender, não possuíam terrenos para fazer roçados e viviam das sementes. Passavam o dia todo coletando e na volta traziam seus alimentos, peixes ou caças. O açaí, quase não se via na região.

Em visitas nas residências, geralmente quando se conversavam, a família toda sentavam para escutar e os momentos eram marcados pela presença única de como por exemplo, do casal entrevistado, como mostra a figura 25.

Figura 25 - Casal de morador da região



Fonte: Raiane Tavares (2024).

A região de várzea impossibilitou a permanência dos roçados o ano inteiro. De de janeiro a junho, as marés sobem a um nível muito alto, período em que famílias inteiras passam perrengues para sobreviver. As águas ficam impróprias para o consumo e afastam o principal alimento dos ribeirinhos, os peixes e camarões, obrigando a compra de enlatados, congelados e embutidos. Nesse período também é difícil o plantio e a coleta de sementes. Com o crescimento das marés, as sementes que caem nas matas são retiradas pela força das marés e ficam poucas para a comercialização e alimentação dos animais.

Desde o século XVIII, as mulheres já trabalhavam com a coleta de sementes. O nível de dificuldade de plantio já era muito presente, deixavam de se alimentar por falta deles. Sempre foi muito trabalhoso o tipo de cultivo, o mais fácil é trazer das cidades. A comunidade inteira depende dos alimentos oriundos das cidades. Os peixes e camarões a cada dia estão desaparecendo da região. Nos períodos de julho a dezembro as estiagens que, por motivo da crise climática, foram tão fortes que secaram os rios e igarapés. Até a atividade de coleta de sementes tornou-se difícil, as canoas não conseguem navegar dentro dos córregos e igarapés.

Na comunidade São José do Rio Maniva cada família tem suas áreas demarcadas por acordos de parceria ou por um Termo de Autorização de Uso, dado pela

Superintendência do Patrimônio da União (SPU), substituído pelo Certificado de Concessão de Uso (CCU), mas o que predomina são os acordos firmados na comunidade. Todas as áreas estão completamente cheias de plantios de açaí, pois foi feita a monocultura do açaí. Os espaços em que são encontradas variações de espécies, geralmente, pertencem a uma mulher. Elas plantam, banana, coco, cupuaçu, graviola, limão e outras várias que completam os alimentos e a produção feminina.

Os solos, por serem de várzea, são bastante férteis. Tudo o que se planta, nasce e produz, e tudo o que se produz gera renda dentro e fora da comunidade. As áreas são extensas e se planejadas garantem a subsistência da população, sem que seja necessário o aniquilamento das matas. Nos dias atuais, devido às mudanças climáticas e a aceleração do desmatamento, as safras anuais de açaí estão diminuindo e perdendo a qualidade do fruto, uma mostra de como o cultivo de uma só espécie pode trazer prejuízos e até uma praga nas plantações, atingindo a vida no planeta.

Ultimamente, as chuvas e as marés altas vêm modificando a região. Em comparação com os anos atrás, áreas inteiras não existem mais, a erosão causa o desmoronamento das matas ciliares que protege as nascentes e solos. Uma das alternativas usadas pelas mulheres foi a criação de chiqueiros, galinheiros e hortas suspensas, métodos usados para garantir a alimentação de famílias. Nos períodos de janeiro a maio chove muito na região e as águas crescem, inundando casas e causando prejuízos e perdas irreparáveis para a população. Essa época é boa para a coleta das sementes que começam a cair. Temos que ser espertas e ágeis, as marés carregam todas as sementes de dentro das matas e as que ficam disputamos com os animais.

Na comunidade as pessoas trabalham com açaí desde a idade em que já conseguem subir nas árvores. Os meninos de seis anos já estão adentrando as matas acompanhados pelos pais. Emprego e estudo por aqui é difícil, a educação sempre fica para o segundo plano, primeiro a atividade na mata que garante o alimento e o sustento. Algumas meninas se dedicam mais na escola por não darem conta da atividade da extração do açaí, a escola vem depois fazem dos afazeres domésticos, inclusive serem amas dos menores, enquanto os pais estão nas matas com os meninos maiores e geralmente passam o dia inteiro e chegam nas noitinhas já com o jantar e o “açaí do bebe”. As meninas já moças não tem como continuar seus estudos, concluem somente o ensino fundamental. A maioria se junta (união estável) com o vizinho mais próximo e

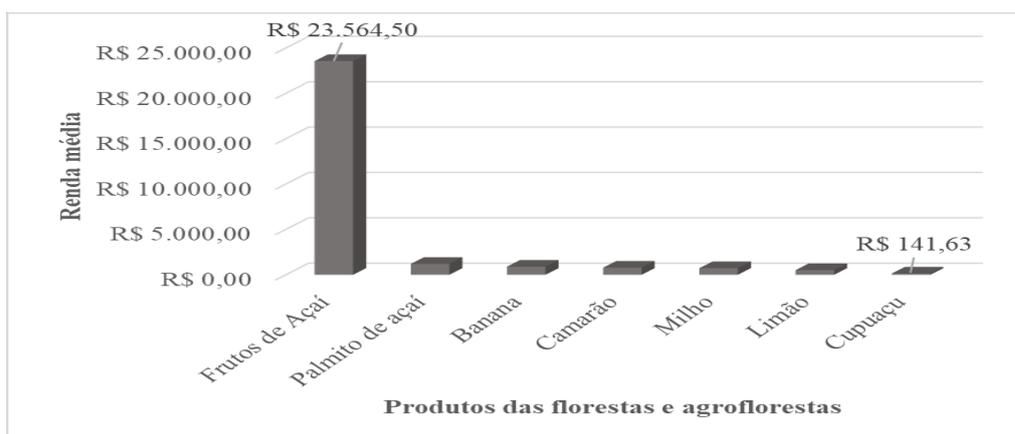
passam a viver de benefício social do governo e da renda do açaí, porque quando arrumam um companheiro, os pais dividem o terreno e começam uma vida a dois.

## 2.2 História da comunidade, contada por quem pertence ao Território há muito tempo

Para a realização desta pesquisa, utilizou-se uma abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa responde a questões particulares, trabalha com o significado, os motivos, as inspirações, as crenças, os valores (MINAYO, DESLANDES; GOMES 2015). A metodologia da história oral dá visibilidade a sujeitos e testemunhas da história vivida por um coletivo (NEVES, 2000), e foi o eixo norteador da pesquisa, que trabalhou com entrevista, áudios e rodas de conversa.

Toda cadeia produtiva, principalmente o açaí na região há predomínio do mercado informal, logo, a maior parte do açaí comercializado não aparece nas estatísticas oficiais. O açaí aparece como principal produto gerador de renda para as famílias moradoras da região, enquanto outras produções, como frutos dos quintais e sementes oleaginosas, servem apenas como complemento da renda familiar. No gráfico da figura 26, as sementes de espécie oleaginosas nem aparecem e nem somam dados de produção, mesmo sabendo o quanto valem, ecologicamente e financeiramente, e ajudam a manter o equilíbrio florestal.

Figura 26 - Produtos das agroflorestas que agregam na renda familiar na região do Afuá.



Fonte: Ramos e Euler (2019, p.262).

Segundo Walter Benjamin (1987), a experiência, a sabedoria anunciada em suas narrativas, “que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores.

É entre narrativas e escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (BENJAMIN, 1987, p.253).

De acordo com Delgado (2006), a história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de documentos, registrar, por meio de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a história em suas múltiplas dimensões: factuais temporais, espaciais, conflituosas, consensuais.

Assim, a preferência da história oral como metodologia deste estudo se justifica não somente por se realizar em uma região onde os documentos escritos são insuficientes para fundamentar a teoria e considerar que a história oral, enquanto método da pesquisa com base nas reflexões de Neves (2000), permitiu dar voz a pessoas anônimas, esquecidas na história da Amazônia.

Para Lucília Neves (2000), a memória resguarda o tempo, salvando-o do esquecimento e do desaparecimento, de modo que as identidades individuais e coletivas, de alguma maneira, encontram seu aporte na inter-relação história e memória.

A memória é peça central da história oral, a mola mestra que desencadeia todo o processo narrativo, como afirma Montenegro (2013, p.153): a “história oral tem como matéria a memória, que pode vir à tona através de estímulos diretos, que comumente denominamos memória voluntária”.

Na visão de Benjamin (1987), o narrador é aquele que tem a capacidade de transformar suas experiências cotidianas em um palco permanente de experiências; indivíduos que parecem estar em outro tempo, mas, neles descobrimos a sabedoria. “O narrador é sábio, um conhecedor de histórias, um tecelão, um artífice da arte de narrar” (BENJAMIN, 1987, p.253).

Portanto, para alçar voo neste estudo, utilizou-se a entrevista com pessoas mais idosas da comunidade São José do Rio Maniva, na qual as narrativas espontâneas se constituíram em fonte oral e que resultaram das entrevistas com as funções de fundamentar o historiador e trazer a memória individual do entrevistado (NEVES, 2000).

Durante as entrevistas, utilizamos o *app* de gravador de áudios no celular, registrando a memória da comunidade: a infância, a adolescência, as práticas agrícolas, como eram feitas as roças e seus períodos. Nas memórias dos entrevistados, foram

buscados o processo histórico, os limites territoriais, os grupos sociais, como chegaram na região, como se instalaram e o modo de vida. Junto com essas memórias veio a vida das mulheres do Rio Maniva, o início das atividades de coleta de sementes até extração dos óleos, qual o papel desenvolvido por elas e quais saberes herdaram.

Esses dados serviram para a produção de uma linha do tempo, chamada de Rios do tempo, que mostra o território desde 1930 até os dias atuais. No momento, foram utilizadas diferentes ferramentas: mapeamento, entrevistas narrativas que ajudaram a identificar o território, sua organização e as mulheres coletoras de sementes.

Na primeira fase das entrevistas e busca por memórias sobre o território, procurou-se identificar as pessoas mais velhas da comunidade. Buscou-se encontrar mulheres e famílias que constituíram esse território e que desenvolveram atividades com saberes e práticas tradicionais, principalmente relacionadas à coleta de sementes. Então foi conversado pessoalmente com cada uma, de acordo com o que estava previsto no cronograma, e, a partir deste primeiro contato, agendamos as conversas de acordo com a disponibilidade de cada uma.

## 2.2 Festividade ao Santo padroeiro

A comunidade do Rio Maniva é conhecida por sua devoção ao seu santo padroeiro, São José (Figura 27). Pertence à paróquia de Nossa Senhora dos Navegantes, localizada na cidade de Santana/AP. A cada seis meses um padre da paróquia faz visitas nas comunidades, realizando batizados, casamentos e eucaristia. A população local se reúne aos domingos para a celebração da palavra, ministrada pelo diácono ou dirigente, Sr. Juarez Araújo Facundes, que se dedica nesse trabalho há 46 anos, idade da fundação da comunidade católica e da primeira capela.

Antes da criação da comunidade católica (Figura 28), os serviços como casamentos e batizados eram realizados na comunidade de Rio Cutias. As famílias católicas se deslocavam a remo para assistir uma missa ou outro acontecimento realizado pela paróquia. As famílias de maior renda iam até a cidade de Macapá para as cerimônias. O nome de comunidade de São José originou-se da igreja do padroeiro de Macapá. Como revisado em documentação disponível por algumas famílias, Macapá fazia parte do Pará e a Ilha do Pará era prelazia da cidade.

Figura 27 - Padroeiro da comunidade.



Fonte: Marcilene Chaves Facundes, (2024).

Figura 28 - Comunidade Católica.



Fonte: Marcilene Chaves Facundes (2024).

A paróquia é dividida em setores, denominados por nomes de animais, os mais predominantes nas regiões. O Rio Maniva também é conhecido como Setor Garça. Destaca-se o encontro da juventude, em que os jovens da comunidade interagem com outros jovens de outros setores. Acontecem, geralmente, no último final de semana do mês de outubro, e cada ano é destinado a um setor para organização. A pastoral da juventude realiza o encontro há 24 anos, na comunidade do Rio Guajará, conhecido como setor Bem-te-vi.

São José, o padroeiro é comemorado no dia 19 de março, e na comunidade não é diferente. No atual ano ocorreu nos dias 22 e 23 de março, com “levantação” do mastro e derrubada, costume há muitos anos, originado da família de dona Fermina Chaves Facundes, esposa do dirigente. Diz ela: “A festa do São José era festejada pelos meus pais, quando nós morava em Breves ainda, quando vim pra cá, dei continuidade à festa.”

A festividade começa três meses antes, o santo visita outras comunidades até a data marcada do festejo. A equipe destinada para coordenar, trabalha em busca de cartazes, convites, mastro, bandeira, bebidas (refrigerantes e água - proibida a venda de álcool), prêmios para rifas, barcos mais enfeitados, bingos e leilões, comida (toda doada - e sempre doada por devotos), torneio de travinha, de penalty e de futebol, aparelhagem de som, ornamentação e limpeza da área.

No primeiro dia de festejo acontece a levantação do mastro. O mastro é um pau tirado da mata, lixado e pintado, quem derruba o mastro a machadada (Figura 30) na festividade, fica responsável pelo mastro no ano seguinte. O mesmo acontece com a bandeira (Figura 29). Uma pessoa sobe no mastro e derruba a bandeira, quem pega é responsável pela doação na próxima festividade.

Figura 29 - Bandeira do santo.



Fonte: Kátia dos Santos Pantoja (2024).

Figura 30 - Mastro com a bandeira.



Fonte: Marcilene Chaves Facundes.(2024)

No segundo dia de festividade, acontece a procissão fluvial e terrestre. A procissão fluvial (Figura 31) sai da comunidade de São Benedito do Igarapé Maria Tereza até a igreja do santo, no Rio Maniva. A procissão terrestre (Figura 32) acontece na chegada das embarcações, na vila onde fica a igreja. Os devotos andam nas pontes, carregando o andor, cantando e louvando seu padroeiro, durante todo o trajeto foguetes enfeitam os céus em comunhão com seus devotos.

Famílias inteiras se reúnem nesse dia, pagam promessas, levam seus doentes na esperança de cura. É muita fé estampada nos rostos de povos que pedem sempre pela única coisa, proteção. Os leilões são como compromissos, a cada lance, um grito de alegria, como se quem desse mais, recebesse mais. É um dia inteiro dedicado ao seu santo protetor.

Figura 31 - Procissão fluvial.



Fonte: Marcilene Chaves Facundes (2024).

Figura 32 - Procissão terrestre.



Fonte: Marcilene Chaves Facundes (2024)

Nesse mesmo dia, comemoram-se de várias maneiras, acontecem as premiações, as homenagens aos falecidos, jogos de bingos e rifas, danças e a distribuição de lanches e vendas. A brincadeira para as crianças também aparecem na festividade, como o pula-pula, a pescaria, concursos de danças (Figura 33), poesias, cantigas e o encerramento. Tudo se encerra quando o mastro é derrubado. A comunidade presente encerra com louvor: “Ó São José querido, meu caro protetor. Seja meu canto ouvido. Na glória do senhor. Quando estiver morrendo. Quero com viva fé. Me consolar dizendo, Jesus, Maria, José.”

Figura 33 - Dança do carimbó.



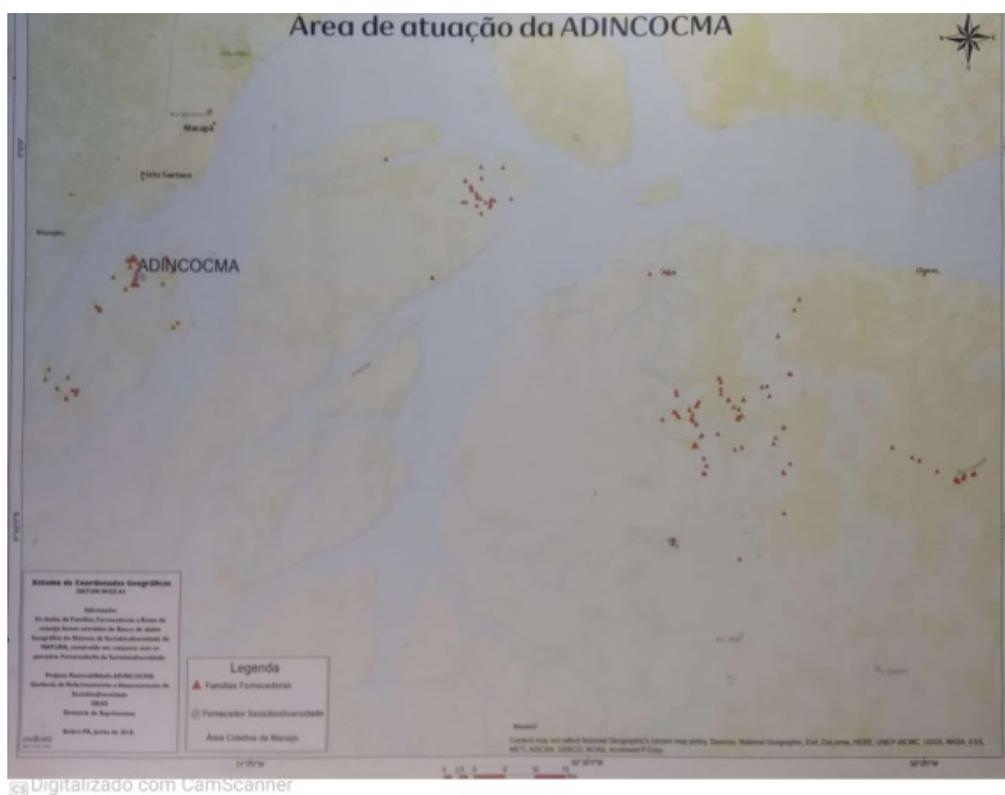
Fonte: Marcilene Chaves Facundes (2024).

### CAPÍTULO 3 – BOTO FÉ: A IDEIA QUE QUEREMOS IMPLANTAR. A ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DA COMUNIDADE – ADINCOOMA

A região tem aproximadamente 400 anos, e junto com ela as ilhas adjacentes e as poucas políticas essenciais cada vez mais distantes. A geografia local é extremamente diferenciada, um grande número de praias renova a cada ano a paisagem da região (Figura 34). As crises climáticas, as constantes chuvas, as estiagens provocadas pelos incêndios criminosos nos campos e nas matas, dificulta o acesso para que programas do governo cheguem.

Os pontos em vermelhos no mapa são as residências das coletoras de sementes, retiradas com o ponto de GPS, pelos responsáveis, na época a empresa de cosméticos e associação.

Figura 34 - Área de atuação da associação.



Fonte: Associação Adincooma e Natura (2018).

A comunidade sempre viveu de acordos e parcerias. Os moradores que mais possuíam terras mandavam na região, geravam empregos, com pagamento, na produção. Tudo que era produzido dividiam meio a meio. As pessoas deviam favores a essas pessoas que acabavam servindo à família toda, por muitas gerações. Essas pessoas decidiam a vida de seus empregados, que sem conhecer direitos, iam embora a cada ordem não cumprida.

A região muito extensa apresentava vários problemas: brigas de terras, patrão que mandava embora, famílias que vagavam de rio a rio em busca de morada e trabalho, as questões não se resolviam. Quando o patrão era “bom”, dava um pedaço de terra para morar, então, famílias firmavam seus sonhos e vidas e ficavam devendo ao seu patrão.

As famílias que moravam aqui sempre foram acostumadas a esse modo de vida, mas a necessidade de ter uma representatividade era urgente. Em 2008, após várias tentativas e muitos encontros em localidades diferentes, surgiu a ideia de se criar uma entidade que pudesse representar toda a ilha. Como a ilha é muito grande, não caberia somente aos moradores de uma região representar. Foram então convidadas pessoas de diferentes localidades e conhecedoras da paisagem e da geografia para vários encontros. No dia 19 de abril de 2008 criou-se a Associação do Desenvolvimento Intercomunitário dos Rios Corredor, Furo do Chagas, Maniva e Cutias (ADINCOCOMA).

### 3.1 A Associação de moradores

A Associação de Desenvolvimento Intercomunitário dos Rios Corredor, Furo do Chagas, Maniva e Cutias (ADINCOCMA) é uma instituição de uma sociedade civil, sem fins lucrativos, regida pelo estatuto, com sua sede no barraco São José do Rio Maniva no município de Afuá/PA, conforme descreve sua ata de criação (Figuras 35 e 36).

Em assembleia foi empossada a primeira diretoria, tendo a senhora Aldenice do Espírito Santo Fernandes Monteiro, como presidente. O Sr, Raimundo Rodrigues dos Santos, vice-presidente. Eleitos por dois mandatos, ou seja, quatro anos.

Figura 35 - Ata de criação da associação.

ATA Nº 01/08

No dia dezanove de abril do ano de dois mil e oito, às nove e quarenta e cinco, no Centro Comunitário São José, no rio Maniva, município de Afuá, realizou-se a primeira reunião para a formação da ADINCOMA (Associação de Desenvolvimento Intercomunitário dos Rios Corredor, Furo do Chagas e Maniva). Colocação da primeira proposta para as Comunidades. Foram convocadas as seguintes pessoas: Representante do Rio Corredor o senhor Antonio Cordero, Representando a Comunidade Católica o senhor Juarez Araújo Fagundes, Representando a Comunidade evangélica o senhor José Lopes, Representando a Ilha das Chagas o senhor Artemis. Depois da mesa redonda foi feita a leitura da convocação por uma das coordenadoras. O senhor Lovelton Miranda explicou a importância de uma associação em uma comunidade, falou-se das dificuldades de se conseguir firmar uma associação. A seguir foi passada a palavra para os presentes, dando-lhes oportunidades para perguntas. O senhor José Lopes propôs à associação para com ajuda a comunidade em formar uma urna eleitoral na comunidade, um dos problemas enfrentado em época de eleição pelos moradores. Em seguida foi feita a leitura do estatuto que servirá como guia da associação, cada item foi explicado e votado se preciso mudado. O primeiro ponto discutido foi que o Centro Comunitário São José fique como sede provisória e a qualquer local pode ser feita as reuniões da mesma

Digitizado com CamScanner

Fonte: ADINCOMA (2008).

Figura 36 - Ata de criação da associação (Segunda parte).

O segundo ponto, que o Rio Cutia passa a fazer parte da associação, uma das mudanças do estatuto que: é direito do associado comparecer aos cargos da diretoria, a partir de um ano de contribuição, depois da leitura foi votada para cargos de diretoria (06) por pessoas: Presidente Aldemir Monteiro CPF: 811.480.892-68 Rg: 222930, vice-presidente Raimundo R. dos Santos CPF: 080565012-15 Rg: 458558, primeiro secretário Giovanni Chaves Faundes CPF: 679681922-93 Rg: 090344, segundo secretário Kátia dos Santos Pontes CPF: 611687422-34 Rg: 481021, Tesoureiro Heitor Souza Mendes CPF: 002.860.622-16 Rg: 403384, segundo tesoureiro Maria das Graças CPF: 226331462-84 Rg: 80.223 e o Conselho Fiscal ficou composto por três Conselheiros, o Senhor José Raimundo dos Santos Souza, o Senhor Raimundo Duarte da Silva e o Senhor Antonio Cardoso e como suplentes, Senhora Rísete Moura e o Senhor Guariso Araujo Faundes. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a reunião, lavrando-se a presente ata lida e aprovada pelos presentes, foi então arquivada.

- 01 Kátia dos Santos Pontes
- 02 Jureis Araujo Faundes
- 03 Giovanni Chaves Faundes
- 04 Aldemir Fernandes Monteiro
- 05 Heitor Souza Mendes
- 06 Maria das Graças dos Santos Cardoso
- 07 Arizio Fernandes Monteiro
- 08 Aldemir do Espírito Santo Fernandes Monteiro
- 09 Bredita dos Santos

A fundação da associação contou com a parceria do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Afuá – STTR, na presidência de Sr. Erivelton de Oliveira Miranda, falecido em 20 de julho de 2020. Organizou e orientou a associação e várias outras no município. A comunidade passou a ter direito a cadastro no Instituto Nacional de Colonização da Reforma Agrária (INCRA), que cadastrou na época 820 famílias associadas. Famílias de toda a ilha procuravam as reuniões itinerantes da associação em busca desses serviços.

Durante dois mandatos da primeira diretoria, as famílias cadastradas receberam a visita do órgão da Secretaria do Patrimônio da União, que com o apoio dos membros da diretoria, tiravam fotos das residências para dar posse ao documento da Superintendência de Patrimônio da União (SPU) (Figura 37) e de Autorização e licença para escoamento de frutos (ALTEF), que dava direito aos moradores para transportar, por exemplo, três milheiro de palmito. A equipe também firmava a mediação dos lotes, sempre respeitando os acordos firmados pelos posseiros. O tal documento gerou uma desconfiança e conflitos para aqueles que apresentavam um limite maior do que apresentavam no documento. No documento diz que cada proprietário tem direito de uso na terra para cultivo até um raio de até 500 metros.

Figura 37 - Comprovante de residência. SPU.

MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E GESTÃO  
SECRETARIA DO PATRIMÔNIO DA UNIÃO - SPU  
GERÊNCIA REGIONAL DO PATRIMÔNIO DO PARÁ - GRPU/PA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO  
Nº 4882 / 2007

A Gerência Regional de Patrimônio da União no Estado do Pará - GRPU/PA, por delegação de competência concedida a seu Gerente pela Senhora Secretária do Patrimônio da União, através da Portaria nº 284/SPU, datada de 14/10/2005 - ao considerar, dentre outros aspectos, a imensa potencialidade dos recursos naturais existentes nas áreas de várzeas situadas no âmbito da Região Amazônica, como fator econômico capaz de contribuir decisivamente para a melhoria das condições de vida das populações ribeirinhas tradicionais e que o aproveitamento racional desses recursos possibilitará, sem dúvida alguma, compatibilizar a integridade do meio ambiente, com o progresso sócio-econômico da região e, ainda, que se torna indispensável a descentralização do poder decisório em casos de regularização fundiária de áreas dessa natureza, que venha possibilitar um mais eficiente e dinâmico fluxo processual, vem, a requerimento protocolado junto a esta Gerência, sob o nº 04287.005/12-2007-43, e considerando tudo o que consta dos autos, CONCEDER a \_\_\_\_\_, profissão: AGROEXTRATIVISTA, RG nº 322842 - SESP/PA, e CPF nº 821.171.802-42 a AUTORIZAÇÃO DE USO PARA O DEBASTE DE AÇAIZAIS, e COLHEITA DE FRUTOS OU MANEJO DE OUTRAS ESPÉCIES EXTRATIVISTAS, a ser cumprida de acordo com autorização específica concedida pelo órgão ambiental competente, que passa a fazer parte integrante deste documento, com referência a uma área localizada no Município de \_\_\_\_\_, Estado de \_\_\_\_\_, circunscrita a um raio de 500m a partir do ponto geodésico, definido como latitude \_\_\_\_\_ e longitude \_\_\_\_\_, estabelecido no local da morada do autorizado/beneficiário, alcançando a delimitação de 33 m presumível dos terrenos de marinha, respeitados os limites de tradição das posses existentes no local e com área aproximada de \_\_\_\_\_ ha.

A presente autorização não confere ao autorizado/beneficiário qualquer direito possessório ou dominial sobre a área em questão, porque concedida por mera liberalidade e em caráter excepcional, transitório e precário, e cujos direitos de detenção dela decorrentes, por sua natureza personalíssima, não poderão ser transferidos a terceiros, em hipótese alguma, sob pena de imediato cancelamento por simples notificação ao autorizado, e poderá também, ser cancelada da mesma forma, se desvirtuado o objetivo nela estipulado.

Boém, PA, 31/agosto/2007

Neuton Miranda Sobrinho  
Gerente da GRPU/PA

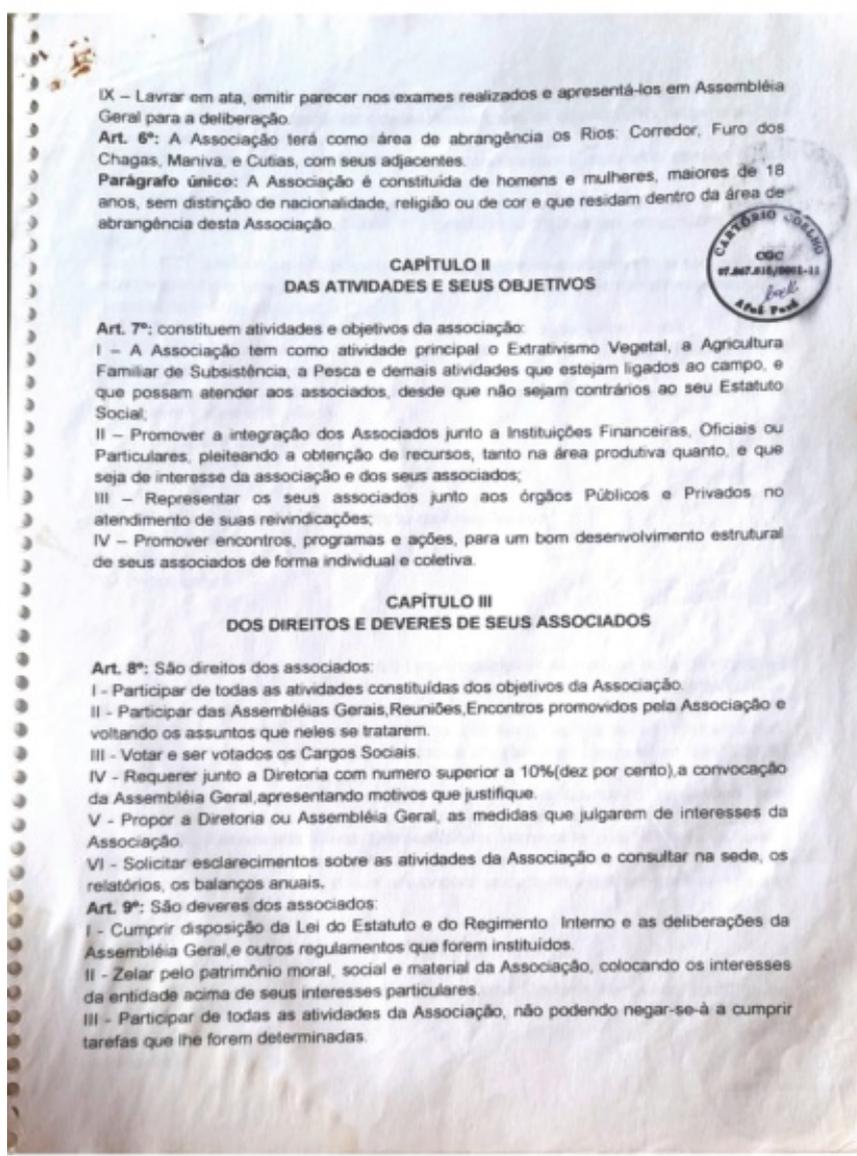
Em 31/12/2007  
Aginaldo Ferreira Braga  
Beneficiário Autorizado

Fonte: Superintendência da União (2008).

## 3.2 Dos limites da associação

A associação ADINCOOMA ficou responsável somente por uma parte da Ilha do Pará, da ponta do Furo do Chagas até o Rio João Paulo, fim da Ilha do Pará. As reuniões eram marcadas uma vez ao mês, a equipe se disponibilizava passar um a dois dias nas comunidades, realizavam duas ou três reuniões ao dia, sempre muito corrido, por causa dos perigos noturnos: os temporais, maresia e os assaltos. A construção do estatuto, feito pelos membros da diretoria, como mostra a figura 38 trata dos limites e os rios em que são de responsabilidades da entidade.

Figura 38 - Página do Estatuto.



Fonte: Associação Adincocma (2024).

Muitas famílias não conseguiram o documento, pois nas viagens para as tiragens dos documentos não eram encontradas ou estavam nas atividades nas matas ou nos rios. As comunidades não eram informadas sobre a vinda da equipe. O único meio de comunicação que chegava era o rádio. As notícias se espalhavam, mas nem todos tinham o meio de comunicação e ficavam sem ser visitados. Os moradores da região esperam até hoje pelas visitas da equipe, e já se passaram 16 anos.

O documento de uso de terra, SPU, muito importante, pois são os comprovantes de residência para inscrição em colônias de pesca, sindicatos e associações ou para comprovar atividades de benefícios pelo Instituto Nacional do Seguro Social (INSS). É a comprovação rural para financiamentos nos bancos.

Como critérios para tiragens do documento do SPU, o morador tinha que residir na terra há mais de três anos, não ser funcionário público, ser sócio da associação cadastrada no INCRA e representante da localidade; ter residência no terreno e passar por uma entrevista com preenchimento de um questionário e foto com todos os membros da família na frente da residência com o ponto de GPS. Foram muitas fotos tiradas em que alguns documentos apresentaram falhas, os nomes dos proprietários e das propriedades vieram trocados. Esses documentos ainda permanecem do mesmo jeito. Nunca vieram fazer as correções.

A associação entrava com uma ajuda, levar os técnicos em todos os rios, igarapés, furos, vilarejos, e também ajudavam no combustível, hospedagem e guias de viagens e em várias vezes tiravam também as fotos. A presidente ou o vice acompanhavam os técnicos. Muitos desses documentos nunca chegaram aos moradores, a associação se responsabilizava em dar satisfação, indo em várias tentativas sem sucesso na capital Belém.

Na figura 39, relação de pessoas cadastrada no INCRA, e sócios da associação, moradores da Ilha do Pará.



### 3.3 Os cursos para a comunidade

A associação continuou com suas atividades depois do término da visita da equipe do INCRA. Apoiou diversos cursos, como biojoias, hortaliças, aviários, panificação, artesanatos, crochê, oficinas de boas práticas para as sementes coletadas, fabricação de sabonetes e óleos retirados das sementes oleaginosas e a recente formação de uma brigada feminina. Todos os cursos com certificação e a maioria ofertados às mulheres da comunidade. Quando os cursos não eram realizados na região a entidade apoiava com transporte e combustível.

Um dos cursos organizados pela entidade ADINCOOMA, foi a oficina de sabão artesanal, na comunidade do igarapé do Maria Tereza, representado pela figura 40. Curso de auto maquiagem realizado na sede da associação, igarapé Aruans (figura 41).

Figura 40 - Oficina na comunidade, Ig Maria Tereza.



Fonte: Neto Santos (2024).

Figura 41 - Curso de Auto-maquiagem.



Fonte: Kátia dos Santos Pantoja (2024).

Todos os cursos ofertados pela entidade, geram renda para as mulheres que permanecem na atividade. Na figura 42, o coletivo sai da comunidade para a realização do curso de sabão no estado vizinho, Amapá. Na figura 43, o curso de boas práticas para o melhoramento da extração de óleos.

Figura 42 - Indo para o curso de sabonetes.



Fonte: Rita de Cássia (2021).

Figura 43 - Oficina de Boas Práticas sobre melhoria da extração de óleos.



Fonte: Rita de Cássia (2022).

A associação foi criada com o intuito de organizar a comunidade em geral, mas foram as mulheres que deram credibilidade e permanecem firmes até hoje. Manter uma associação ou criar uma organização específica é muito difícil. Um dos principais motivos é a questão geográfica da região; pela distância e a dificuldade de locomoção até a sede do município, sem falar nos pagamentos em cartório para a regularização.

O pagamento de mensalidades, aprovado em assembleia, foi de R\$ 5,00 (cinco reais) mensal. Na época da grande procura pelos serviços, os sócios pagavam e os pagamentos conseguiam manter a instituição. Cada sócio possui sua carteirinha de associado e o controle de pagamento era por meio de fichas e recibos. A ficha de sócios é para controle interno da associação.

### 3.3.1 Da organização de Sócios

Para que possibilite uma gestão clara em que sócios se assegurem e confiem no trabalho. A entidade organiza documentos para garantir o compromisso e parceria de ambos. Se organiza da seguinte maneira: Carteira de sócios, como mostra a figura 44, com dados pessoais descritos na figura.

Figura 44 - Carteira de sócios da Associação.

ADINCOOMA - Associação de Desenvolvimento Intercomunitário dos Rios Corredor, Furo dos Chagas, Maniva, Cutias e Região do Furo Seco.

**ADINCOOMA**

**Carteira de Sócio**

Nome: Antônia dos S. Cordeiro

Matricula nº: 145

Admissão na Associação: 24/05/09

PORTADOR

Data de Nascimento: 14/01/75

Estado Civil: Viúva

Localidade: Rio Maniva

Afuá-PA 30, 11, 012

1/75

**Aldenice F. Monteiro**  
Presidente da ADINCOOMA  
CPF: 811.480.892-68

CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: ADINCOOMA (2009).

Outra ferramenta usada para organização da associação. O recibo de pagamento de mensalidade mensal, a cada pagamento o sócio levava consigo o recibo de contribuição e a associação guarda o canhoto para as prestações de contas anuais, representado na figura 45.

Figura 45 - Comprovante de pagamento de mensalidades, referente a 10 meses.

000911

ADINCOOMA - Associação de Desenvolvimento Intercomunitário dos Rios Corredor, Furo dos Chagas, Maniva, Cutias e Região do Furo Seco. - CNPJ: 10.016.519/0001-11

Fundada em 19 de abril de 2008.

000911

R\$ 50,00

R\$ \_\_\_\_\_

Recabi(emos) de \_\_\_\_\_

Recebemos de \_\_\_\_\_

A importância de \_\_\_\_\_

a importância supra de R\$ \_\_\_\_\_ ( \_\_\_\_\_ ),

Referente à \_\_\_\_\_

Proveniente de \_\_\_\_\_

Para clareza, firmamos o presente, pelo que damos plena e geral quitação.

Macapá-AP, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

ASSINATURA

CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: ADINCOOMA (2024).

A cada pagamento de mensalidade, marca-se um x no mês pago. Muitos optam em pagamento anual (Figura 46), geralmente os que moram em outras comunidades e não tem condições de estar nas reuniões mensais da associação.

Figura 46 - Ficha de Controle interno da Associação.

**FICHA**

**ADINCOOMA - Associação de Desenvolvimento Intercomunitário dos Rios Corredor, Furo dos Chagas, Maniva, Cutias e Região do Furo Seco.**  
 CNPJ: 10.016.519/0001-11  
 Fundada em 19 de abril de 2008

Nome: Resinete Martins de Almeida Fone: \_\_\_\_\_  
 End. Resid.: Igarape Bruans Matrícula nº: 134  
 CPF 014.516.222-98 C. Ident. 163958 Data Nasc. 10.06.1974  
 Data de Admissão: 24/05/2009

2008	Jan <input type="checkbox"/>	Fev <input type="checkbox"/>	Mar <input type="checkbox"/>	Abr <input type="checkbox"/>	Mai <input type="checkbox"/>	Jun <input type="checkbox"/>	Jul <input type="checkbox"/>	Ago <input type="checkbox"/>	Set <input type="checkbox"/>	Out <input type="checkbox"/>	Nov <input type="checkbox"/>	Dez <input type="checkbox"/>
2009	Jan <input type="checkbox"/>	Fev <input type="checkbox"/>	Mar <input type="checkbox"/>	Abr <input type="checkbox"/>	Mai <input checked="" type="checkbox"/>	Jun <input checked="" type="checkbox"/>	Jul <input checked="" type="checkbox"/>	Ago <input checked="" type="checkbox"/>	Set <input checked="" type="checkbox"/>	Out <input checked="" type="checkbox"/>	Nov <input checked="" type="checkbox"/>	Dez <input checked="" type="checkbox"/>
2010	Jan <input checked="" type="checkbox"/>	Fev <input checked="" type="checkbox"/>	Mar <input checked="" type="checkbox"/>	Abr <input checked="" type="checkbox"/>	Mai <input checked="" type="checkbox"/>	Jun <input checked="" type="checkbox"/>	Jul <input checked="" type="checkbox"/>	Ago <input checked="" type="checkbox"/>	Set <input checked="" type="checkbox"/>	Out <input checked="" type="checkbox"/>	Nov <input checked="" type="checkbox"/>	Dez <input checked="" type="checkbox"/>
2011	Jan <input checked="" type="checkbox"/>	Fev <input checked="" type="checkbox"/>	Mar <input checked="" type="checkbox"/>	Abr <input checked="" type="checkbox"/>	Mai <input checked="" type="checkbox"/>	Jun <input checked="" type="checkbox"/>	Jul <input checked="" type="checkbox"/>	Ago <input checked="" type="checkbox"/>	Set <input checked="" type="checkbox"/>	Out <input checked="" type="checkbox"/>	Nov <input checked="" type="checkbox"/>	Dez <input checked="" type="checkbox"/>
2012	Jan <input checked="" type="checkbox"/>	Fev <input checked="" type="checkbox"/>	Mar <input checked="" type="checkbox"/>	Abr <input checked="" type="checkbox"/>	Mai <input checked="" type="checkbox"/>	Jun <input checked="" type="checkbox"/>	Jul <input checked="" type="checkbox"/>	Ago <input checked="" type="checkbox"/>	Set <input checked="" type="checkbox"/>	Out <input checked="" type="checkbox"/>	Nov <input checked="" type="checkbox"/>	Dez <input checked="" type="checkbox"/>
2013	Jan <input type="checkbox"/>	Fev <input type="checkbox"/>	Mar <input type="checkbox"/>	Abr <input type="checkbox"/>	Mai <input type="checkbox"/>	Jun <input type="checkbox"/>	Jul <input type="checkbox"/>	Ago <input type="checkbox"/>	Set <input type="checkbox"/>	Out <input type="checkbox"/>	Nov <input type="checkbox"/>	Dez <input type="checkbox"/>

CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: ADINCOOMA (2009).

A terceira diretora da associação aclamada em assembleia começou com biênios como as duas primeiras, perdurou em seis anos porque modificou o estatuto para mandato de quatro anos. Para o biênio ficaram: Geovani Chaves Facundes, presidente, Aldenice do Espirito Santo Fernandes Monteiro, vice-presidente. As figuras 47 e 48 demonstram uma ata de encerramento da diretoria.

Figura 47 - Ata de término de biênios.

Associação de Desenvolvimento Intercomunitária dos Rios Cedentes, Furo do Chigga, Cuita, Maniya e Região do Furo seco - ADINCOOMA. Aos 27 dias do mês de janeiro de 2017, reuniram-se sócios e simpatizantes na sede da associação no igarapé Mutins no Rio Maniya para deliberarem sobre os seguintes pontos de pauta:

- Reformulação dos estatutos sociais da Associação
- Atenuação do mandato da Diretoria e do Conselho Fiscal para as próximas eleições de 02 anos para 04 anos
- Planejamento para 2017
- Recadastramento de sócios para o ano seguinte
- Novas metas e projetos
- Eleição e Posse da nova Diretoria para os anos de 2017 à 2021. Os trabalhos iniciaram às 10:00hs com a primeira chamada, com a leitura do edital de convocação, e boas vindas a todos os presentes. O presidente da Associação deu a palavra ao vereador Altemir Monteiro que deu sugestões para a mesma. Também fez dando a oportunidade de fala aos sócios presentes, após os pronunciamentos o Sr. Raimundo Rodrigues dos Santos, Tesoureiro que apresentou as prestações de contas dos anos de 2015 e 2016. Em relação à eleição foi apresentada somente uma chapa que por unanimidade aclamada e eleita para quatro anos 2017 à 2021, ficando a nova diretoria composta: Presidente, Geovani Chaves Fagundes Rg: 090344, CPF: 679.681.982-91. Vice-Presidente, Aldenice do Espírito Santo Fernandes

Digitizado com CamScanner

Fonte: ADINCOOMA (2017).

Figura 48 - Ata de término de biênios (Segunda parte).

Rg: 332980, CPF: 811.480.892-68, 1ª secretária  
Kátia dos Santos Pantoja Rg: 431081, CPF: 611.  
687.422-34, 2ª secretária Ailte Fernandes  
Monteiro Rg: 337656, CPF: 52824730200, 1ª  
Teseuário Raimundo Rodrigues dos Santos  
Rg: 458558, CPF: 930565019-35, 2ª Teseuário  
Alemis Fernandes Monteiro Rg: 058726, CPF:  
324.583, 372-20. Conselho Fiscal Titulares.  
Dionete da Silva Cardoso, Josiel Santos dos  
Santos, Aldingth Forno da Silva, Conselho  
Fiscal Suplentes, Lucides Batista da Silva,  
Amarina Barbosa Cardoso, Emanuel  
Cardoso Lobato. Não havendo nada mais  
a ser tratado o vice-presidente pe-  
diu que eu Kátia dos Santos Pantoja  
lancasse a presente ata que após  
lida e aprovada foi por mim e  
pelo presidente assinada.  
Aruá - Pará, 27 de janeiro de 2017  
Kátia dos Santos Pantoja  
secretária da ADINCOOMA CPF: 611.687.422-  
34.  
Georgini Aires Fauriel  
Presidente da ADINCOOMA CPF. 679.681.989  
Vice-presidente da ADINCOOMA CPF.  
Aldemir do Espírito Santo F. Monteiro CPF. 811.480.892-68.

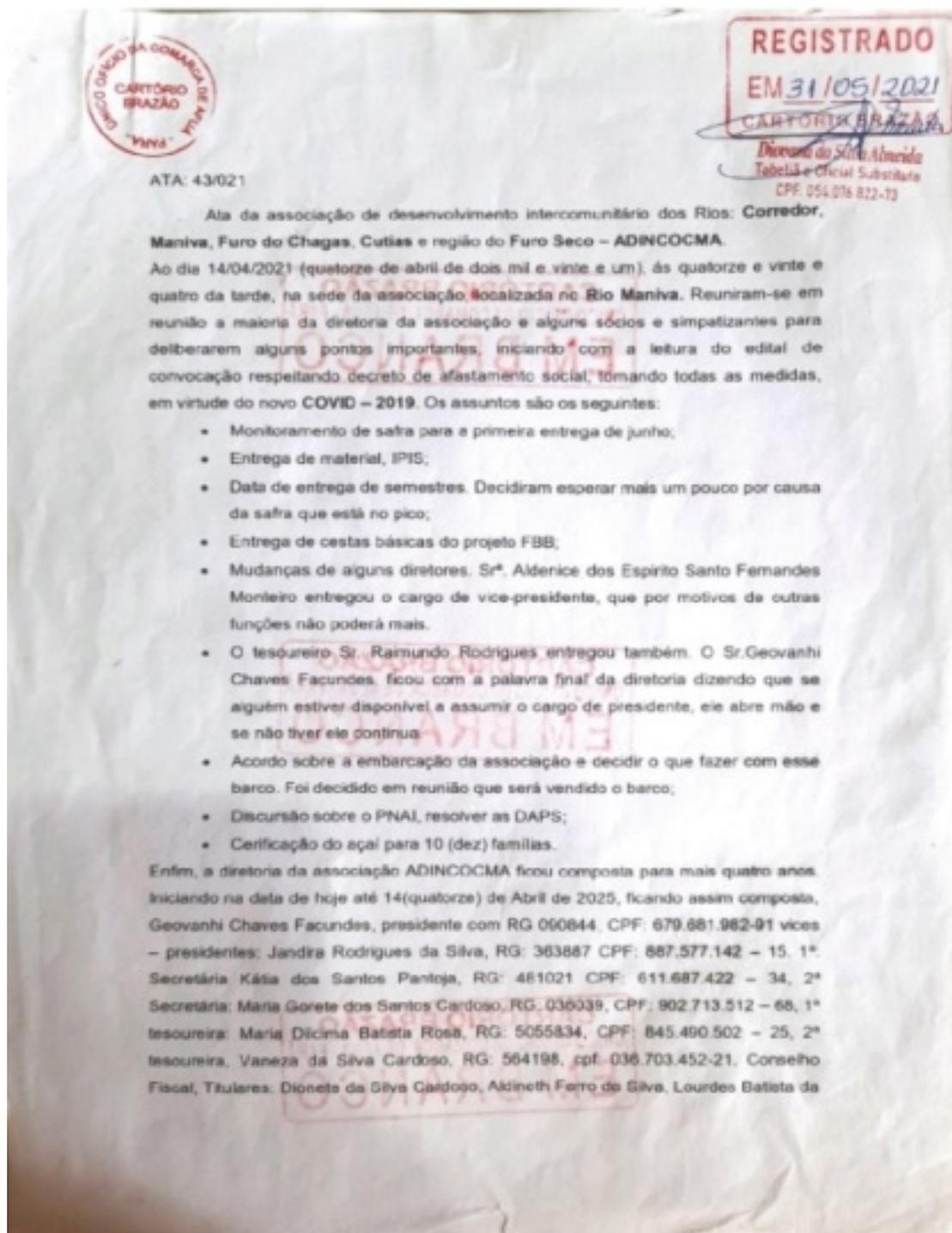
CARTÓRIO COELHO  
19 DE FEVEREIRO  
CGC  
07.867.813/0001-11

Digitalizado com CamScanner

Fonte: ADINCOOMA (2017).

Na figura 49 é a ata da assembleia da diretoria realizada em uma das reuniões da associação.

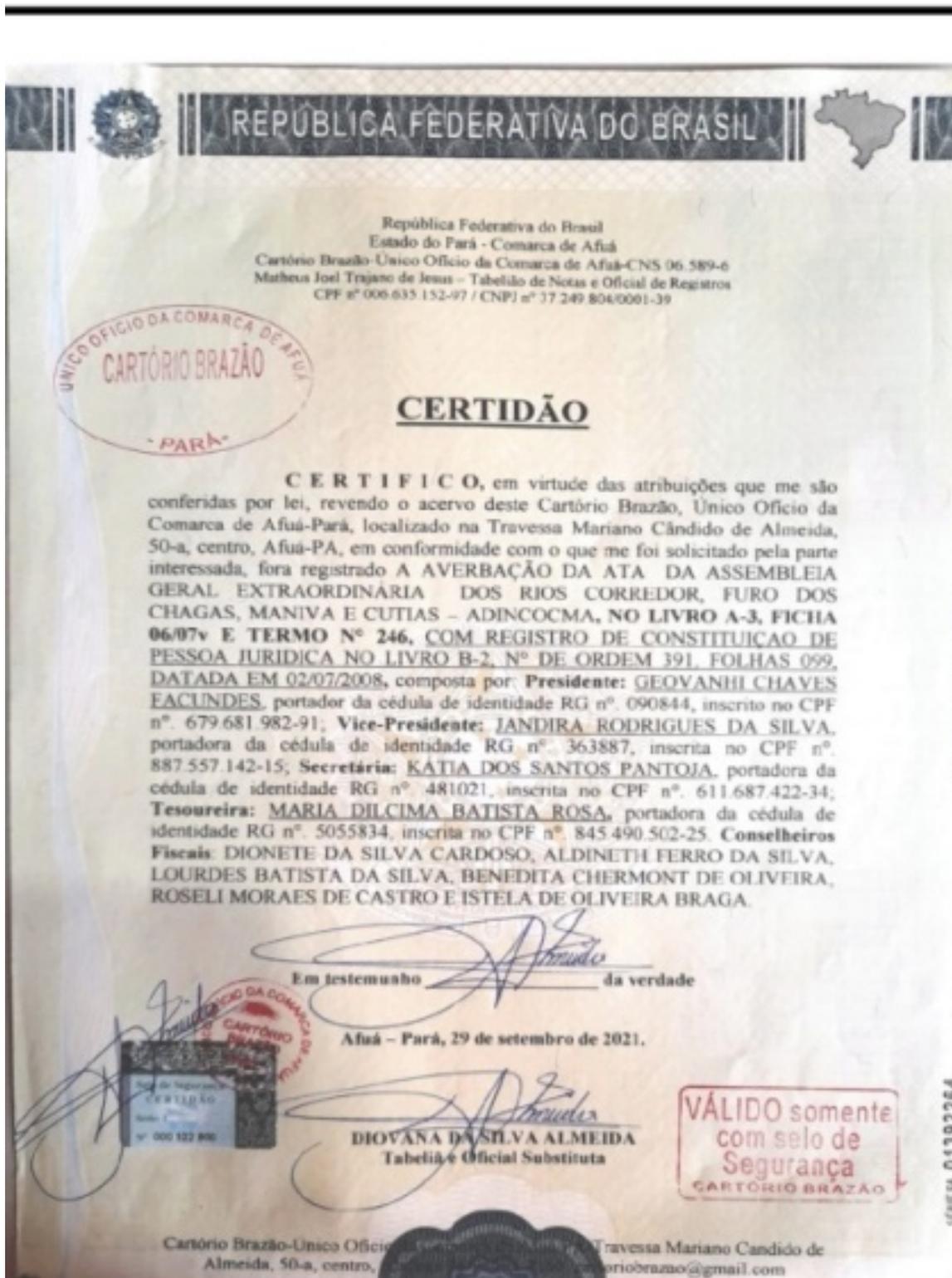
Figura 49 - Ata da assembleia.



Fonte: ADINCOOMA (2021).

A certidão da diretoria atual é representada na figura 50. É um dos principais documentos que comprovam a autenticação da diretoria.

Figura 50 - Certidão da Diretoria Atual.



Fonte: ADINCOCOMA (2014).

### 3.3.2 As ações da ADINCOOMA

A associação, desde os primeiros diretores, vem reunindo seus sócios em várias programações. Prioriza datas comemorativas importantes, festeja juntamente com a comunidade suas festas culturais, e vem realizando trabalhos sociais, como: festas de dia das mães, dia dos pais, dia das crianças, festividade do santo padroeiro, São José. Apoia campeonatos regionais de futebol para crianças, grupo de dança de carimbó e a biblioteca itinerante para os moradores.

Os projetos sociais iniciaram meio que por necessidade. As mulheres que faziam parte da associação são as mesmas que trabalham nos açais e na coleta de sementes. No período das safras, passavam o dia inteiro nas atividades e não tendo com quem deixar as crianças depois da escola. A associação recebia as mesmas, principalmente as meninas, faziam danças de carimbó.

Na realização dos eventos organizados, como na entrega da premiação no dia das mães, feito através de sorteio com os presentes (Figura 51) e na entrega da premiação da equipe campeão do torneio de futebol em homenagem ao dia das crianças (Figura 52).

Figura 51 - Premiação da festa do dia das mães.



Fonte: Rogério Cardoso (2018).

Figura 52 - Festa do dia das crianças, escolinha de futebol.



Fonte: Kátia dos Santos Pantoja (2019).

Na figura 53, temos a dança do carimbó com as meninas filhas das produtoras. O grupo apresenta a dança na comunidade nas festividades religiosas e eventos da associação.

Figura 53 - Grupo de dança de carimbó.



Fonte: Kátia dos Santos Pantoja (2017).

Um dos principais projetos realizados pela associação é a biblioteca itinerante, onde crianças podem desfrutar de revistas em quadrinhos preferidas da criançada (Figura 54).

Figura 54 - Biblioteca Itinerante.



Fonte: Kátia dos Santos Pantoja (2020).

### 3.3.3 As mulheres na associação

Nessa diretoria, em que a maioria são mulheres, se firmou o compromisso com o coletivo de mulheres e impulsionou-se a venda de toda a produção realizada por elas. Houve, o desdobramento da diretoria para manter a instituição ativa. Como os interesses dos moradores eram em tirar o documento de terra, não apareceram mais nas reuniões e não pagando as mensalidades, dificultou a manutenção da associação.

Basicamente a associação é o coletivo de mulheres, são elas que levam adiante e continuam levando em frente. Nos anos de 2013 até 2019, as entregas das sementes mantiveram os pagamentos em dia das sócias e das despesas da entidade. A cada entrega, a equipe de apoio recebia, pesava, fazia o controle de anotações em cadernos e recibos de produção. A associação fazia toda a logística de entrega para a empresa que a contratara. Era de responsabilidade da entidade entregar as sementes das extrativistas até a fábrica da empresa. A associação se organizava para cada entrega. Dessa forma, contava com cadernos de produção (Figura 55) e recibo de entrega de produção (Figura 56).

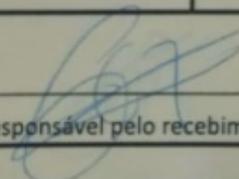
Figura 55 - Caderno de produção.

18 - Kátia Cilene Trindade Rocha 190095			
16,245	16,310	16,200	Vcuiba
26,320	26,445	26,300	28,110 28,175 28,100
27,565	27,630	27,500	21,765 21,820 21,700
29,435	29,500	29,400	21,175 21,240 21,100
23,365	23,365	23,300	22,150 22,215 22,100
26,620	26,745	26,600	21,225 21,290 21,200
22,695	22,760	22,600	20,025 20,090 20,000
29,335	29,400	29,300	21,375 21,440 21,300
22,700	22,765	22,700	20,410 20,475 20,400
12,395	12,460	12,300	20,650 20,715 20,600
29,530	29,595	29,500	21,410 21,475 21,400
13,220	13,285	13,200	21,125 21,190 21,100
22,150	22,215	22,100	12,235 12,300 12,200
22,720	22,785	22,700	249,325 249,400
29,035	29,100	29,000	R\$ 422,25
27,210	27,275	27,200	
27,270	27,335	27,200	
29,175	29,240	29,100	
28,635	28,700	28,600	
29,170	29,235	29,100	obs: foi adiantado
27,200	27,265	27,200	500,00.
22,645	22,710	22,600	
29,550	29,615	29,500	
26,990	27,055	26,900	
29,945	30,010	29,900	
22,720	22,785	22,700	
29,695	29,760	29,600	
29,470	29,535	29,400	
29,465	29,530	29,400	

Digitizado com CamScanner

Fonte: ADINCOOMA (2019).

Figura 56 - Recibo de entrega de produção.

RECIBO ENTREGA DE PRODUÇÃO - Ano: 2019			
Código do Produtor: 190329			
Nome do Produtor: Nírcia da Paixão Ribeiro			
Comunidade: Terralândia do Rio Araruama			
Data da Entrega: 24.07.2019		Cooperativa/Associação: ADINCOOMA	
INSUMOS DBD	Quantidade (kg)	Valor Unid. (R\$)	Valor Total (R\$)
Pataúá	413,1	2,00	826,20
TOTAL:			826,20
 Responsável pelo recebimento			

CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: ADINCOOMA (2019).

Nos mesmos anos a associação cresceu tanto que saiu do seu limite de região e fez parcerias com outras associações para compra de outras sementes. Regiões que incorporaram: Região da Queimada, Rio Serraria Pequena e Serraria Grande, Furos do Botos, Ilha do Charapucú, Araramã, Panacalhal, Furo do Lipo, Santana, Rio Timbó, Rio Medônio e redondezas de Afuá. A principal comercialização foi a compra de pataúá. Chegando a 85 toneladas no ano de 2019, gerando renda para outras comunidades. Comprava também, amêndoas de murumuru, ucuúba e andiroba. O serviço que associação realizava triplicou. A diretoria responsável passava mais de 15 dias fora da região de predominância. Era feita uma agenda com calendário para o recebimento e pagamentos das sementes por cada região. A figura 57 apresenta a equipe da associação recebendo sementes de murumuru em comunidades adjacentes do município.

Figura 57 - Recebimento de sementes de murumuru na comunidade Rio Santana.



Fonte: Kátia dos Santos Pantoja (2018).

No ano de 2017 a associação cresceu e ficou conhecida em todo o município e se tornou uma grande referência para outras. Hoje representa a comunidade rural em Conselhos, como o de Meio ambiente e de Saúde. Isso tudo, graças ao conhecimento que vem tendo com as diversas comunidades, trazendo renda sustentável para as populações mais distantes. A figura 58 ilustra o embarque de semente de patauá, armazenado para o destino final, cidade de Belém.

Figura 58 - Sementes de patauá, comunidade Rio Araramã.



Fonte: Kátia dos Santos Pantoja (2019).

Para que as sementes de patauá cheguem em bom estado eram contratados contêiner para armazenar (Figura 59).

Figura 59 - Contêiner para armazenamento de patauá.



Fonte: Kátia dos Santos Pantoja (2019).

A cada entrega eram expedidos três recibos. Um ficava na associação, o segundo com a sócia e o terceiro, caso a empresa desejasse, era devolvido como controle. O prazo para o pagamento era de 15 a 20 dias, geralmente a associação fazia o pagamento nas residências. A empresa fazia o depósito na conta da associação, que reunia a equipe, preenchia o cheque, deslocava até a sede do município para retirar em espécie. A equipe de trabalho passava dois a três dias para contar, dividir e levar nas residências de cada uma, comprovando a entrega com a assinatura de recibos (Figura 60).



Figura 61 - Culminância do projeto Lei Aldir Blanc.



Fonte: Kátia dos Santos Pantoja (2020).

Na culminância do projeto (figura 62) foram homenageadas mulheres extratoras de sementes.

Figura 62 - Premiação das protagonistas da floresta.



Fonte: Geovanhi Facundes (2020).

Em 2020, a associação encerra o contrato com a empresa de cosméticos e traz a parceria com a EMBRAPA /AP, com inventário e pesquisa com extração de óleos de andiroba, seguindo as boas práticas para obtenção de óleo com qualidade química (pesquisa com duração de três anos). Com a parceria, nos anos 2021, 2022 e 2023, vieram os cursos de boas práticas para a extração e fabricação de três prensas para a comunidade, com parceria com o Banco da Amazônia (BASA), além de curso de sabonetes, xampu e condicionador, com a Oleicos, Óleos da Amazônia, à base de andiroba e pracaxi, com direito a intercâmbio com mulheres de outras associações de outras comunidades.

Em 2023, a associação venceu mais um projeto, contando o que fazem as mulheres do coletivo, na categoria audiovisual, por meio da Lei Paulo Gustavo, com prêmio de R\$10.000,00 (dez mil reais), e ajudou na elaboração de mais um projeto de uma jovem da comunidade.

A associação em 2024 está se preparando para mais uma assembleia de quatro anos. Apesar das dificuldades, permanece firme com responsabilidade em manter o objetivo em correr atrás dos direitos de sócios e simpatizantes, respeitando cada membro em trabalhar sempre em parceria que venha contribuir para o melhoramento de uma população que vive em uma região de tão difícil acesso. A figura 63 ilustra a festa em comemoração de 10 anos de associação.

Figura 63 - Prédio da associação ADINCOOMA.



Fonte: Kátia dos Santos Pantoja (2024).

As mulheres continuam com a coleta e entrega das sementes, fazem de maneira individual, para a mesma empresa de cosméticos. Diminuiu muito a entrega, por causa da extração dos óleos e a fabricação do sabão. Enquanto a empresa paga atualmente R\$5,20 no quilo da amêndoa do murumuru, R\$2,00 no quilo da andiroba e R\$1,75 no quilo da ucuúba, 1 litro de óleo de andiroba custa R\$100,00 e 1 litro de óleo de pracaxi, R\$150,00. Da sobra ainda se faz os sabonetes que custam entre R\$5,00 e R\$8,00. Com a agregação de preço, valorizou a produção. Pretende-se continuar na atividade, mas não como mão de obra barata, queremos agregar ainda mais valor em cima de nosso produto.

As famílias que produzem usam a logo da associação, para facilitar no escoamento. Toda a produção passa pelo cuidado e levam a imagem e a identidade de uma comunidade que almeja crescer cada vez mais. A geração de renda por uma entidade com responsabilidade e compromisso, transforma e fortalece um território que possa ser reconhecido por seu mérito e ajuda a alavancar outras comunidades adjacentes. Deixam de ser desconhecidas, assumem um papel de associação pioneira, e que permanece em meio a muitas dificuldades. A figura 64 apresenta a logo criada em homenagem à vila da comunidade, São José.

Figura 64 - Logo da associação.



Fonte: ADINCOOMA (2017).

## CAPÍTULO 4 - ÉGUA! SÓ O CREME, MANA: UMA HISTÓRIA QUE INSPIRA

Neste terceiro capítulo, trataremos da visibilidade de mulheres extrativistas, coletoras de sementes do Rio Maniva. Essa visibilidade tem relação com as atividades em que atuam no território, seja como as primeiras na atuação, seja por meio dos saberes e fazeres que permaneceram ao longo do tempo na comunidade, nos quintais, nas matas, igarapés, furos e nos rios. Os diálogos aqui construídos percorrem pela construção da identidade e a relação com todos os espaços percorridos para a visibilidade das mulheres.

O estudo tem a pretensão de trazer o passado seguindo uma linha do tempo, denominada de Rio do tempo, contar de como os fatos aconteceram. A intenção foi identificar, através das memórias, a atividade de coleta e o conhecimento acumulado pelas mulheres do Rio Maniva, que desde o passado apresentam diferentes olhares e narrativas para o hoje. Para Neves (2000), a evocação como substrato da memória se constitui como forma de preservação e retenção do tempo, salvando-o do esquecimento e da perda.

As mulheres ocupam o território da comunidade São José do Rio Maniva, com seus saberes, herdados de seus mais antigos antepassados e hoje se fortalecem com uma rede de cuidados em geral. Essa rede já envolveu as mais velhas e hoje recolhem as mais novas e entrelaçam uma base firme de conhecimentos, instrumento que fortalece e transforma mulheres, que mesmo com suas diferenças, recebem toda a força de seus ancestrais e concebem uma sabedoria transformadora.

Eu tinha uns cinco anos, e ia com minha vó e meu avô para o mato. Meu avô ia tirar leite da seringa, passava o dia inteiro na mata, depois que termina de riscar a seringueira, como a gente não tinha o que comer pegava peixe no garapé, a gente ajuntava toda as frutas pra vender, caroço, bucuúba, andiroba, tudo nós colocava na beira, a água crescia embarcava na beira e levava pro seu Mota, que tinha um paiol grande, ele comprava. Da mata já trazia tudo, o peixe e até o açai que era poquinho, nesse tempo não tinha batedeira, era no aguidá e na peneira (Maria de Nazaré Fonseca Cardoso, 81 anos, 2023).

Partindo do princípio de que as mulheres ribeirinhas extrativistas têm uma relação íntima com a natureza, desde os saberes alimentares e medicinais, essa afirmação se dá nas plantações e cultivos presentes nos quintais e dentro das matas.

Para Gomes (2009), os quintais rurais se encontram em torno das casas e caracterizam-se por uma rica biodiversidade, pelo respeito aos ciclos e pela utilização de mão de obra familiar, com grande presença de mulheres. Dentre as árvores frutíferas, há também aquelas não muito comuns na região, como a jabuticaba (Figura 65).

Figura 65 - Frutas do quintal (jabuticaba).



Fonte: Kátia dos Santos Pantoja (2024)

Nos quintais das residências são plantadas diversas árvores frutíferas, como a jaca da bahia (Figura 66).

Figura 66 - Frutas do quintal (jaca da bahia).



Fonte: Kátia dos Santos Pantoja (2024).

Os quintais são locais de plantio de árvores frutíferas e de fácil acesso para a colheita. Como as matas tornam-se locais de difícil acesso e perigosos, mulheres desenham seus espaços da sua escolha e plantam de tudo, principalmente frutas para alimentar pessoas e animais. Nesses mesmos espaços dividem com as criações de animais, também para o consumo. Fazemos as casas deles perto das nossas, para que possamos alimentá-los com facilidade.

No chá das manas, colocamos as seguintes observações: Ninguém plantava, nascia porque o passarinho trazia. O que se plantava, morria com as marés que enchiam e levavam tudo. Tínhamos uma espécie apenas, a mais fácil de pegar, a goiabeira. As mudas que pegávamos na casa da vizinha eram abandonadas.

A senhora Mariana dos Santos Cardoso, agente comunitária da comunidade, disse: Eu tinha plantado algumas ervas no meu quintal, para que quando uma pessoa adoecia e vinha na minha residência fora de hora, dava para fazer chá, ou quando uma mulher ganhava nenê, sempre buscava por ervas do tipo hortelã para tirar as dores.

É possível observar que os conhecimentos sobre plantas, principalmente medicinais, seguem uma linha de conhecimento e aprendizado e incentivam as gerações atuais para a permanência dessa tradição.

Eu tenho todo o tipo de planta, e cada vez quero mais. Quando vejo uma que não tenho peço ou falo em comprar. Tem pra cura, tem pra banho, pra higienizar o ambiente, pra espantar os olhos grandes, a jibóia. A jibóia quando é dia de sexta feira, quando a gente joga a água da lavagem da carne, ela vira cobra pra proteger a casa. O trevo roxo serve pra dor de ouvido (Maria Deusanira Rodrigues Souza, 60 anos, 2023).

Dona Firmina Chaves Facundes falou que em seu quintal planta até hoje arruda, chicória, tomate, coentro, alfavaca, hortelã, pirarucu e sempre faz mudas para doar para as mais novas.

Desde que me lembro, vejo minha mãe plantando, pra enfeitar a casa e para curar doenças, todo ano ela renova as terras que adubam as plantas. Hoje eu sigo o que vi ela fazendo. Gosto de plantar, cuido com muito carinho delas e nem preciso comprar na cidade para temperar a panela. Quando a água enche, levantamos elas para não perder (Daniela Cardoso de Oliveira, 26 anos, 2023).

A figura 67 ilustra o tipo de morada das famílias da comunidade São José do Rio Maniva. A residência das mulheres do coletivo.

Figura 67 - Residência de mulheres do coletivo.



Fonte: Neto Santos (2024).

Todas as residências ficam no meio dos quintais, cercadas por diversas palmeiras para coletar frutos disponíveis para a sobrevivência das famílias. Entre elas estão o açazeiro, que se desenvolve muito bem nas áreas de várzea. É o alimento do dia a dia das populações ribeirinhas (tomado em forma de vinho com farinha de mandioca). As árvores que completam a alimentação: goiabeiras, juruzeiros, gravioleiras, cupuzeiros, mangueiras, cajueiros, ameixeiras, abieiros, limoeiros, entre outros. Hoje já se encontram novas espécies, que completam e trazem animais que ajudam na floração de todas as outras: andirobeiras, pracaxizeiros, ucuúbeiras e murumuruzeiros, estes um pouco afastados das casas, pelo risco de virar em cima das residências.

Os quintais não possuem cercados, somente quando criamos animais. Os fazemos, para que não ultrapassem os limites de divisas criadas em comum acordo. Os lotes geralmente têm os fundos muitos extensos, começam nos terreiros e terminam do outro lado dos rios. Chamamos de “terreiros” os quintais que são à frente da casa e o fundo, onde plantamos o que achamos que iremos precisar num caso de emergência. As figuras 68 e 69 apresentam o fundo de quintal das casas, onde plantamos e criamos animais que servem para a alimentação.

Figura 68 - Quintal ou terreiro.



Fonte: Kátia dos Santos Pantoja (2024).

Figura 69 - Criação de animais nos quintais.



Fonte: Kátia dos Santos Pantoja (2024).

Para Gazel Filho e Yared (2000), “os hortos caseiros, também denominados quintais caseiros ou quintais agroflorestais, são sistemas agroflorestais dos mais antigos e conhecidos no trópico úmido da América, Ásia e África” (p.20). Afirmados por muitos autores como convivência de espécies variadas, do vegetal ao animal.

Os saberes ancestrais de mulheres ribeirinhas são muito fortes. Conhecimento que gera uma certa autonomia soberana das mulheres mais velhas, que fazem com que os moradores busquem a cura nesses terreiros que se apresentam como santuário amazônico. Neles são plantadas ou guardadas espécies que não podem deixar de existir, como cebolinha, chicória, alfavaca, cipó d’alho, que se juntam com as ervas no preparo dos remédios caseiros (garrafadas, xaropes e pomadas).

Eu tenho um vizinho aqui de perto de casa que pegou uma ferida, ele era diabético e o médico disse que tinha que amputar o pé, eu fui na casa dele visitar e vi as condições que ele tava, o pé dele. Disse para a mãe dele ir em casa que eu tinha uma planta que curava. O arato é uma planta medicinal que cura diabetes, inflamação, cura qualquer ferida. Ensinei a mãe dele bater meia folha dela pra três litros de água e beber todo dia e o que sobrar colocar num pano e amarrar em cima, não foi preciso amputar o pé. Ela acabou com essa minha planta, tanto eu tirar pra dar pra ela (Maria Deusarina Rodrigues de Souza, 60 anos, 2023).

Para Ângela Gomes (2009, p.122), “os saberes produzidos e guardados pela memória, reproduzidos pela oralidade, dão significação aos espaços dos quintais e das plantas neles inseridas”.

Tudo o que guardamos nos quintais é um costume que não precisou ser ensinado para ninguém e é transmitido na convivência. Desde muito pequenas herdamos essa sabedoria das avós, mães e comadres e utilizamos como algo muito valioso em nossas maiores necessidades.

Por isso, durante as entrevistas individuais e coletivas, as manas reportaram a esse saber de suas avós e mães, colocaram a fé que têm no uso de ervas medicinais. O quadro 3 a seguir demonstra os principais usos das plantas.

Quadro 3 - Nossas plantas dos quintais (Farmácia).

TIPOS DE PLANTAS	USOS	TIPOS DE PREPAROS
Arruda	Anti-inflamatório	Sumo
Amor crescido	Anti-inflamatório	chá, sumo
Arantu	Anti-inflamatório	chá, sumo
Alfavaca	Calmante	Chá, alimento
Açafrão	Anti-inflamatório	Chá, alimento
Boldo	Fígado, estômago	Chá
Catinga da mulata	Anti-inflamatório	Chá, banho
Cidreira	Calmante	Chá
Capim marinho	Calmante	Chá
Cipó d'álho	Calmante, banho	Chá
Fruto de peão branco	Anti-inflamatório	Pomada
Gengibre	Dor de garganta, friagem	chá, xarope
Grelo de goiaba	Diarreia	Chá
Hortelã	Dores e gases	Chá
Limão	Dor de garganta, gripe	chá, xarope
Manjeriço	Dor de cabeça	chá, sumo
Marupá	Diarreia, ameba	Chá
Mastruz	Anti-inflamatório, verminose	Sumo, xarope

Fonte: Kátia dos Santos Pantoja.

Dessa listagem do quadro acima, com toda esta variedade de plantas, vê-se o valor dos quintais e o importante papel da mulher ribeirinha que é guardiã desses conhecimentos que ajudam a salvar vidas. Essa sabedoria vem demonstrando o crescimento da valorização de uma atividade vista como singular. Ainda existem as poucas benzedoras e parteiras e cabe a elas, a difícil tarefa de “curar” moradores da imensidão amazônica, onde a saúde pública se demora e são elas que são os socorros das comunidades.

Nesse contexto de quintais, são as mulheres ribeirinhas extrativistas que são as principais responsáveis por mais essa atividade. Desde o século passado as famílias viviam de roçados de plantio da maniva e produtos para o consumo alimentar.

#### 4.1 Hortas Suspensas

A segurança alimentar da comunidade sempre foi um tema que me intrigava, pois embora tenhamos uma diversidade de alimentos, ao longo do tempo fomos

perdendo muitos dos hábitos tradicionais, sobretudo com a popularização dos alimentos, ultraprocessados, adquiridos em supermercados. O peixe, o camarão, o açaí e a caça em menor proporção, fazem parte de nossa alimentação diária. Contudo, a nossa alimentação tradicional vem perdendo espaço para os produtos processados.

Os moradores da comunidade, há muitos anos, deixaram de trabalhar com roçados. Um dos principais alimentos consumidos, a farinha, hoje é trazido das cidades. A geração presente não conhece a maniva, nem como se planta e nunca viram fazer a farinha. Eram atividade de seus avós e seus pais que estão se perdendo. O que poderia ser a troca de uma grande sabedoria e conhecimento.

A troca de saberes compartilhados proporciona a permanência no território. Das muitas aprendizagens, enfatizo os mutirões e o resgate às nossas tradições que passaram a fazer parte de nossa construção coletiva de conhecimento. Os mutirões para a construção de hortas se tornaram rotina, assim como a troca de sementes, gerando coesão, afeto e fortalecimento de nosso coletivo.

Todo o estuário é completamente várzea, dificultando o plantio de algumas espécies. Nos quintais plantam-se somente as plantas de raiz. Para complementar a renda e uma boa alimentação, nascem as hortas suspensas. Elas surgem de um casco ou canoa sem serventia para a navegação. Puxamos e colocamos em cima de açazeiros fincados no solo, bem batido de uma altura de 2 metros, onde, na maré cheia, a água não alcance e estrague o plantio.

Durante o verão, retiramos e guardamos os caroços do fruto do açaí batido para o consumo diário. Esses caroços ficam armazenados em um cercado para apodrecer, no período de três a quatro meses para então misturar com folhagens, cinzas e fezes de alguns animais para completar adubação.

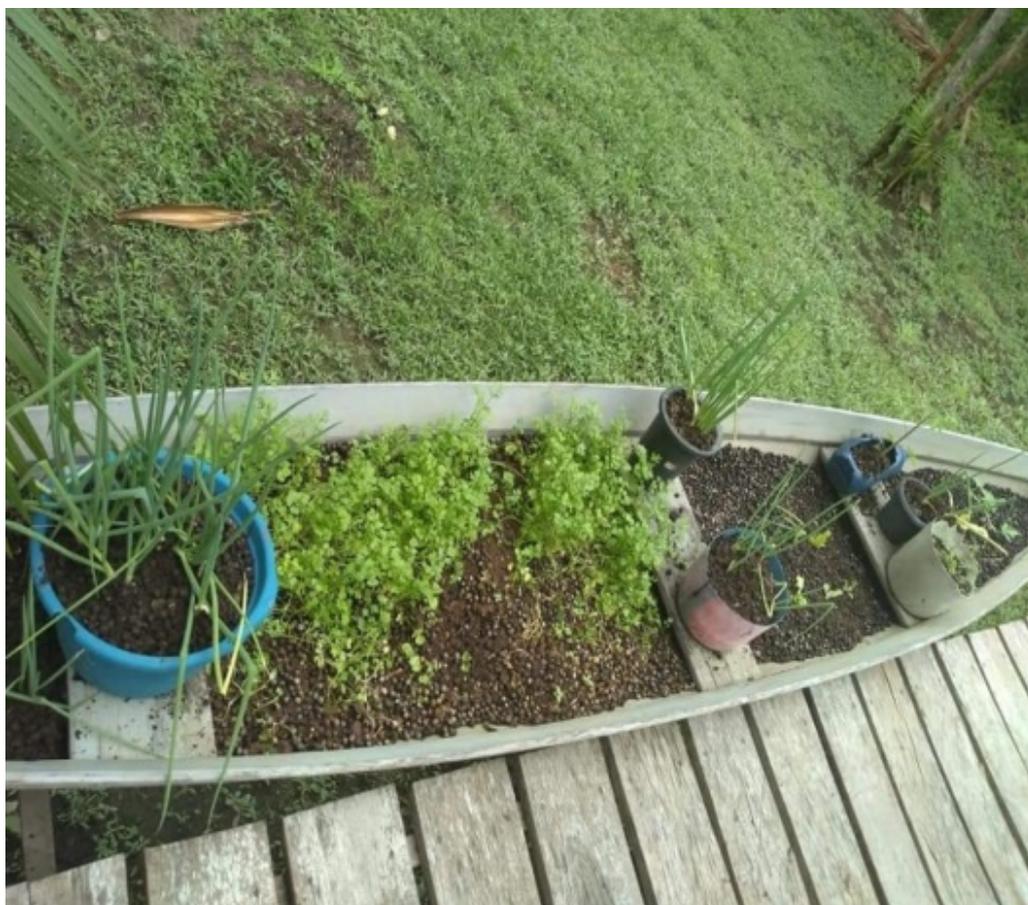
Terminado o ciclo da adubação são colocados nas canoas e cascos para o plantio. Nessas hortas está a produção alimentar de toda uma família, algumas enfeitadas pelas ervas medicinais. Muitas culturas cultivadas, saem dos quintais para as feiras nas cidades.

Da renda, a partir de toda a produção vendida, compra-se desde o alimento até os eletrodomésticos. Essas hortas também precisam de forças. Com isso, surgem as pimentinhas, cebolinhas, chicória, coentro, alfavaca e outras.

Tudo que levo pra feira eu vendo, frutas, verduras, animais, plantas. E quando venho de lá trago mercadorias, roupas, briqueando e as mudas. Até máquina de lavar eu já comprei vendendo o que eu tenho plantado aqui, é uma satisfação pra mim vê que posso comprar coisas com dinheiro que jamais imaginei que ganharia vendendo minhas plantinhas (Dionete da Silva Cardoso, 46 anos, 2018).

Como estímulo à geração de renda para as mulheres, a comercialização do excedente em feiras proporcionou certa autonomia de renda às mulheres, revelando que havia horizontes a serem descobertos, caminhos a serem trilhados, sorrisos largos e possibilidades diversas. As figuras 70 e 71 ilustram a forma de como são plantadas as hortaliças para que as águas não alcancem.

Figura 70 - Hortas em canoas inutilizadas para navegação.



Fonte: Kátia dos Santos Pantoja (2024).

Figura 71 - Jirau para plantas.



Fonte: Kátia dos Santos Pantoja (2024).

As hortas suspensas nos quintais foi a primeira atividade que nos possibilitou obter uma renda. Identificamos o quanto o que produzíamos se fazia continuar cada vez mais e abriu um leque de o quanto tínhamos que correr atrás do novo. As mudas que doávamos e recebíamos era um novo aprendizado, descoberta de novas plantas e suas propriedades. Os frutos das árvores dos quintais, das hortas e os animais que passamos a criar, levávamos uma vez a cada mês na cidade de Santana-AP. Éramos um grupo de dez mulheres. E a cada feira tínhamos o incentivo para aumentar a produção.

Quadro 4 - Produtos vendidos na feira. Simulação de venda, 2011 a 2015.

PRODUTOS	QUANTIDADE	VALOR
Abiu	05 frutos	R\$ 1.00
Açaí	01 litro, vinho	R\$ 5.00
Açaí	01 muda	R\$ 5.00
Arruda	01 muda	R\$ 5.00
Azeite de andiroba	01 litro	R\$ 25.00
Babosa	01 muda	R\$ 5.00
Bacuri	05 frutos	R\$ 1.00
Banana	01 cacho	R\$ 10.00
Boldo	01 muda	R\$ 5.00
Cacau	01 fruto	R\$ 1.00
Camarão	01 quilo	R\$ 10.00
Catinga da mulata	01 muda	R\$ 5.00
Cebolinhas	01 paneiro grande	R\$ 10.00
Cupuaçu	01 fruto	R\$ 1.00
Cupuaçu	01 muda	R\$ 5.00
Chicória	01 feche	R\$ 2.00
Galinha	01 unidade	R\$ 25.00
Goiaba	05 frutos	R\$ 1.00
Graviola	01 fruto	R\$ 2.00
Graviola	01 muda	R\$ 5.00
Hortelã	01 muda	R\$ 5.00
Ingá cipó	01 unidade	R\$ 0.50
Manga	05 unidades	R\$ 1.00
Pato	01 unidade	R\$ 30.00
Pariri	01 muda	R\$ 5.00
Pimenta	08 unidades	R\$ 1.00
Pimenta	01 muda	R\$ 5.00
Plantas ornamental	01 muda (variedades)	R\$ 5.00
Urucu	01 litro	R\$ 5.00
Verônica	01 feche	R\$ 2.00

Fonte: Kátia dos Santos Pantoja (2024).

Nos términos de dois dias da feira muito cansativa, a equipe organizava eventos para aliviar as dores do corpo e o cansaço. Realizava festejo de acordo com as épocas, festas juninas, desfiles, palestras e convites para cursos e palestras em outras cidades, palestra depois de dia de feira (Figura 72).

Figura 72 - Evento realizados no momento da feira.



Fonte: Associação ADINCOOMA (2015).

A participação nas feiras surgiu em parceria com outras mulheres de associações do estado do Amapá. O estado vizinho tem 16 municípios e nós éramos as agregadas, como se as mulheres do Rio Maniva representassem o 17º município.

Foram quatro anos de Feira da Mulher Rural em Macapá, saíamos da comunidade às quatro horas da manhã com destino ao porto de Santana, em transporte alugado, tipo catraio, uma hora de viagem. Na chegada o ônibus já estava à nossa espera, levávamos de tudo e mais as crianças menores.

Contávamos com o apoio do governo do estado na época, Camilo Capiberibe, e a deputada estadual Cristina Almeida. Ofertavam desde os transportes aquático e terrestre, alimentação e hospedagem. Um dia e meio de feira, geralmente sábado e domingo até as 12 horas. Durante o movimento, nos eram ofertados diversos serviços, como manicure, massagem, cabeleireira e às noites, nos recebiam com festas, desfiles e premiações. A feira era somente para mulheres empreendedoras rurais.

A feira terminou em 2013 e nesse período tínhamos conseguido fazer maiores plantios e investimentos em criações de vários animais. Adquirimos conhecimentos e novas técnicas de plantio e cultivo, mas não tínhamos para onde escoar a produção. Passamos a trocar a produção umas com as outras e vender dentro da comunidade.

Nossas hortas estavam lotadas de plantas e, junto com elas, a sensação de impotência, pois não conseguíamos vender. A cada ida na cidade eram trocadas por pão ou outro alimento.

No mesmo ano, chega na comunidade um grupo de pessoas trazendo uma proposta de compra de sementes, no primeiro momento de ucuúba. Essa prática foi realizada pelas mulheres que não acreditavam que iam dar certo. Passamos a nos reunir constantemente para decidir qual o nosso papel dentro do território.

Com isso passamos a realizar uma atividade nova, enquanto os companheiros tiravam açaí, nós coletávamos a chamada “frutinha”. Geralmente quando terminava a safra do açaí, cortávamos as árvores para vender o palmito. Passávamos fome dentro da maior riqueza do mundo e nossos filhos adoeciam com frequência, chegando alguns a óbito. As perdas serviram para fortalecer nossa luta, para entender o que realmente queríamos. Fizemos de nossos sofrimentos e necessidades um aprendizado e formamos uma aliança, passamos a ter confiança umas nas outras e uma de nós tinha que sair atrás de possibilidades de realizar o que decidimos ser essencial naquele momento. Foram acertados muitos compromissos que mudariam nossas vidas se dessem certo. Momentos bons e ruins aconteceram durante esse período. Companheiros, pais e filhos desdenhavam quando se referiam ao nosso trabalho. Começaram a nos tratar de maneira diferente, achavam que queríamos competir com eles.

#### 4.2 As manas entram em ação. Os saberes que curam.

Com o término da feira, as trocas por mudas ficaram mais difíceis. Não tendo pra onde vender, plantamos algumas das mudas que hoje dão frutos. Em fevereiro de 2014, voltamos à estaca zero, dependíamos novamente das rendas dos companheiros na extração do açaí.

A motivação em contar as histórias de mulheres das matas e o que fazem dentro do estuário amazônico, é uma maneira de mostrar para outros segmentos que mulheres dos rios e das matas estão a buscar por melhorias e mostrar que somos de todas as cores e sorrisos largos exercendo várias atividades, inclusive de mães solas. Suas rotinas começam ainda nas madrugadas, muitas levantam matapi<sup>2</sup> para despescar e estendem malhadeiras. De canoa e remo vão ao longo dos rios e igarapés para garantir o

---

<sup>2</sup> Matapi: objeto feito de tala para capturar o camarão.

sustento da família com a captura de peixes e camarões. Guardam em viveiros<sup>3</sup> para as vendas nas idas à cidade para adquirir outros alimentos essenciais, retiram-se um pouco para cozinhar o alimento.

Com a atividade de coleta o serviço da mulher ribeirinha dobra, os afazeres domésticos se juntam com a atividade nas matas, impedindo outras atividades, de frequentar a escola, por exemplo. A maioria não terminou o ensino fundamental, outras se declaram analfabetas.

A coleta de sementes se dá de janeiro a junho, período também em que as enchentes retiram das matas mais de 50% das sementes. Isso faz com que dificulte a coleta. Andar nas matas por longos períodos e retirar dela um pouquinho é frustrante.

Durante a safra das sementes coletam e armazenam tudo, para secar nas estufas. Depois de secas, entregam para compradores que pagam quinzenalmente. Na escolha sobram aquelas impróprias para o mercado e com as práticas tradicionais, que não deixaram se perder, extraem artesanalmente os óleos e preparam sabão que também geram renda dentro da comunidade. Essa atividade vem se fortalecendo e passamos para nossos filhos. Também repassamos para eles a importância da conservação do nosso meio, para que permaneça a vida boa e tranquila daqui.

As mulheres buscam renda para melhoria de vida, tanto financeira como ecológica. Há 15 anos fazemos essa prática. Uma das comadres, Dionete, 46 anos, nascida e criada na comunidade, mãe e sogra de produtoras jovens, diz:

A natureza é tudo pra nós. Dela tiramos nosso sustento. Temo que cuidar para não deixar acabar. Depois que comecei a juntar as sementes, consegui minhas coisas. Uma renda que veio de dentro das matas, coisa boa.

No primeiro ano (2013), entregamos como uma compra teste sem compromisso em assinar contrato. Nas reuniões acertamos entregar dois mil quilos de sementes de ucuúba seca, e achávamos um absurdo, parecia que não tinha na mata tudo isso. Então passamos a nos dividir ou sair juntas em mutirão nos rios e matas.

A equipe que ia para os rios, terciam crochê ou talas, fazendo a “mão de ajuda” (Figuras 73 e 74), coador ou paneiro com uma vara de mais de um metro para capturar as sementes mais longes. Várias canoas coloriam os rios e igarapés em buscar das

---

<sup>3</sup> Viveiros: reservatório para colocar o camarão depois de capturados.

famosas frutinhas. As cantigas se ouviam ao longe e a satisfação e a esperança por dias melhores também.

Figura 73 - Mão de ajuda de linha (crochê).



Fonte: Kátia dos Santos Pantoja (2024).

Figura 74 - Mão de ajuda de tala.



Fonte: Kátia dos Santos Pantoja (2024).

Para que atividade de coleta de semente da ucuúba nos rios, reuni-se várias mulheres em mutirão em canoas para que a atividade não parecesse difícil. As coletas ficavam mais divertida (Figuras 75 e 76).

Figura 75 - Mutirão de coleta de ucuúba.



Fonte: Natura (2017).

Figura 76 - Coleta de sementes nos rios.



Fonte: Natura (2017).

A equipe que ia para a mata andava estirões limpando as áreas a serem exploradas. A cada árvore encontrada carregada de sementes, era uma festa. Debaixo das árvores da virola, estavam as sementes ainda com as massas vermelhas, que tinham que ser tiradas por causa das formigas que faziam seus ninhos no meio. A massa da ucuúba também é o prato preferido das combóias, uma das cobras mais perigosas das matas marajoaras. Outros animais também se alimentam das massas e das frutas; cutias, pacas, aranhas, baratas, soiás... e sem falar nas abelhas que polinizam flores de várias espécies.

As cantigas cantaroladas ecoam dentro da imensidão da floresta. Aqui dentro compartilhamos alegrias e dores. Os choros ficam enterrados para sempre. A floresta é um lugar seguro para o desabafo, lamentações e sonhos. Aqui podemos tudo! As cantigas eram começadas sempre pelas mais velhas, sabem como mudar uma conversa. A cada vez cantada se dançava ou fazia movimento: “Vou repartir o boi para um amigo, a parte da frente é pra boa gente, a parte de trás é pro bom rapaz. E o chifre de quem é, é pra quem tá em pé. E o chifre enrolado é pra quem tá sentado, RSRs!!!!”.

Em meio à coleta, como sempre encontramos muitos perigos nas matas, como o risco de se perder ou ser picada por bicho peçonhento, um dos motivos de andarmos sempre juntas. Passamos a realizar nossas atividades junto com os companheiros. Os lotes são muito distantes de nossas residências e tornava difícil deixar nossas crianças sozinhas a metade do dia.

Enquanto os homens tiravam açaí, as mulheres debulhavam, catavam e coletavam as sementes que encontravam. Surgiu o primeiro problema. Com o preço do açaí em alta e a semente de ucuúba, R\$1,30, os companheiros achavam uma perda de

tempo a realização da atividade e, com isso, cortavam as árvores e plantavam cada vez mais açáí.

Apesar das dificuldades encontradas, conseguimos entregar oito mil quilos da semente de ucuúba. Só coletamos o que conseguimos catar, o restante deixamos para os animais que estão na cadeia alimentar, aprendemos isso! Com a produção inesperada, as nossas residências não suportaram, e passamos a deslocá-las para o prédio da associação. Hoje com anos dessa atividade, 60% das residências das mulheres do coletivo possuem energia solar e internet. Aos poucos estamos conseguindo os espaços e igualando a nossa economia com os companheiros e empresários do açáí. Passamos a ser vistas de maneira diferenciada, servimos de referência para outras comunidades e outras mulheres do país. Tomamos conta de uma parte da maior riqueza do planeta com responsabilidade e precisamos passar para a futura geração que aqui vive. Queremos e precisamos manter a floresta em pé!

Em 2014, assinamos contrato com uma grande empresa de cosméticos, que viu o potencial das mulheres do Rio Maniva. Passamos a entregar além das sementes de ucuúba, as de andiroba e murumuru. A empresa trouxe como proposta de preço: ucuúba, R\$1,50, andiroba, R\$1,15, murumuru, R\$4,00.

Com o melhoramento e aumento da renda familiar, os companheiros passaram a trabalhar conosco na limpeza e coleta. Quando enfraquecia a safra do açáí, trabalhavam na coleta de sementes. Passaram a deixar as árvores nativas nas matas.

A expansão dos açazais ao longo dos rios e igarapés implica em suprimir árvores nativas, como as espécies que fornecem as sementes oleaginosas. A partir da valorização dessas espécies, o corte de árvores ao longo dos rios vem diminuindo em nossa comunidade, contribuindo ainda para a manutenção das espécies polinizadoras, como as abelhas, pois são as mesmas espécies que polinizam os açazais e são responsáveis pela maior produtividade do açáí.

Com esses desafios e com as populações crescendo, pretendemos focar em alternativas que encontramos para manter o espaço onde moramos. A conservação da floresta em pé surtiu efeito positivo. O trabalho que realizam as mulheres guardiãs das matas faz com que a natureza respire um pouco, queremos que essa prática seja copiada por outras iguais a nós. Manter a floresta pra nós é cuidar da vida.

A produção humana dentro das comunidades tradicionais vem apresentando caminhos diferentes. O cultivo somente de uma espécie causa desequilíbrio ao ambiente (RAMOS e EULER 2019). Nos dados da Produção Extrativa Vegetal (PEVS/IBGE, 2017), o município de Afuá estava em segundo lugar na produção de açaí entre os 16 municípios da mesorregião do Marajó, com R\$20,585 milhões de movimentação financeira e 8.950 toneladas de frutos de açaí produzidos.

Como proposta, Shiva (1993) menciona que os avanços, inclusive os recentes, só são visíveis porque as mulheres são semeadoras do desenvolvimento. Pode até parecer que não, mas as mulheres, como o coletivo do rio Maniva, vêm cada vez mais se organizando, seja em associação ou coletivos, buscando estratégias de melhoramento. Elas possuem conhecimento da biodiversidade e conseguem controlar trabalhando em agroflorestas de modo sustentável e compartilham seus aprendizados para a futura geração e seus companheiros. Claro que precisamos de ajuda técnica nos lugares mais difíceis de acesso, precisamos que cheguem até aqui os protocolos ou CNPJ. Por essa razão utilizamos e estamos amparadas e organizadas em associação, ainda que não possuamos o CNPJ próprio.

Os ribeirinhos de outras comunidades tradicionais precisam saber dos valores trazidos por atividades que mulheres corajosas fazem para proteger a natureza das grandes monoculturas, prestes a dominar as florestas de várzeas, de onde são retiradas todas as produções dos moradores que nelas vivem.

Acredita-se que práticas como esta, realizada pelo coletivo de mulheres do Rio Maniva, trarão incentivos às mulheres de outras comunidades para focarem na sustentabilidade e proteção de seus quintais e matas, fortalecendo o gênero e as práticas por elas desenvolvidas. Visibilizando o coletivo e suas atividades, promove-se a melhoria do solo para as plantações de diversas culturas e não se compromete o sustento de mulheres, que fazem dessas atividades, o único meio de sobrevivência de suas famílias, sem prejudicar o meio ambiente ou causar desequilíbrio ao mesmo. Portanto, acredita-se que produzindo com responsabilidade e adquirindo e repassando conhecimentos, as pessoas da comunidade passarão a ter outra visão em relação ao desmatamento das espécies que são exploradas com sustentabilidade e respeito e que também é possível obter renda com outros tipos de sementes, além do açaí.

Os produtos obtidos da andirobeira possuem grande valor comercial, sendo que o mais popular e usado no cuidado com a saúde, é o óleo extraído das sementes. Estudos de etnobotânica descrevem várias indicações, formas de preparo e usos do azeite, como é chamado o óleo de andiroba, conhecimentos repassados oralmente de geração em geração dentro das famílias (SOUSA et al., 2019).

A economia ribeirinha, está nas vendas de açaí e restantes são oriundos de outras sementes, como andiroba, pracaxi, ucuúba e murumuru. Mas, são espécies nativas oleaginosas que também ajudam nas grandes produções do açaí, pois sem elas as safras sofrerão danos futuros. Com as retiradas abusivas de espécies, os insetos que polinizam as flores são os mesmos e estão desaparecendo, as safras já não rendem como antes e perdem os nutrientes essenciais para um bom mercado (COSTA, 2020)

O comércio do açaí tornou-se muito vantajoso economicamente, e isso gerou problemas sérios para nós mulheres das matas, as árvores que coletamos suas sementes estão cada vez desaparecendo e dando vez ao açaí. A coleta desses frutos apresenta bastante perigo. Geovani Facundes, produtor de açaí, explica a metragem de um açazeiro. Um açazeiro jovem mede de 3 a 6 metros e um adulto mede de 8 a 12 metros de altura. Para subir é necessário fazer uso de uma peconha<sup>4</sup> (figura 77), dificultando a extração desses frutos por nós mulheres.

Figura 77 - Peconha, usada para subir no açazeiro.



Fonte: Joilson Arruda (2021).

---

<sup>4</sup> Peconha: apetrecho feito de sacas ou folhas para ajudar a subir no açazeiro. Precisa enrolar feito uma corda.

Desta forma, a atividade de coleta de sementes tornou-se a principal atividade realizada pelas mulheres do coletivo que busca sua independência financeira e conservação da floresta em pé e com toda a sua fauna e flora nativas. A soberania feminina vem alcançando um patamar já esperado. Já aparecem os avanços de nossas conquistas e a luta para permanecer em território conservado e saudável, gerando renda e liberdade para as mulheres que vivem invisíveis dentro da floresta marajoara.

#### 4.1 O Coletivo de mulheres do Rio Maniva

Realizamos uma das nossas maiores conquistas. Começamos a compreender tudo que nos cerca. Do respeito a cada vida que encontrávamos até da menor, pertencente ao nosso meio. O respeito e o amor que construímos com tudo, das alianças formadas. As conversas, as cantigas e os choros que se perdem no vento, as confidências deixadas ao sagrado estuário. Essa parceria que passamos a ter com a natureza é que queremos mostrar para nossos familiares, principalmente para os que realizam atividades de exploração e de monocultura.

Fazer parte do coletivo e de uma comunidade onde são as Marias, as Reginas, as Netes, as Jandiras, as Beneditas as donas de suas escolhas, empoderadas e capazes de mudar a vida de todos no planeta. Que o reflexo delas se encontre com o meu, Kátia, e me fortaleça ainda mais nessa caminhada. Que os deuses das matas transformem nossas forças em uma só para que possam fazer com que mulheres como nós consigam salvar nossos territórios das mãos da ganância dos poderosos. Que surjam outras Manas da Mata com os mesmos objetivos!

As atividades destinadas às mulheres são as que ainda se diferenciam das demais, proporcionam autonomia econômica, diversificação produtiva, melhoria na produção do açaí e, por vezes, a manutenção da sociobiodiversidade. Brota o protagonismo das mulheres do rio Maniva, que serve de exemplo para outras mulheres de outras comunidades. Se antes eram dependentes de seus companheiros, com a capacidade de produção e conservação do meio ambiente e a inserção de mais conhecimentos obtidos tradicionalmente de seus ancestrais e aperfeiçoados por oficinas e cursos e, quem sabe, nas universidades, hoje buscam seu próprio sustento sem causar danos aos seus espaços em que demorou muito para se conhecer e entender.

## 4.2 As guardiãs das matas

Aldinete Ferro da Silva (Figura 78), 40 anos, extrativista e coletora de sementes. Mães de cinco filhos e avó de sete netos, moradora do Igarapé Seringa, nascida e criada na comunidade do Rio Guajará e veio para o Rio Maniva porque se casou com seu Antônio. Uma das maiores produtoras de murumuru. Fez da atividade de coleta uma de suas prioridades. Sua infância e adolescência foi muito difícil, mãe muito cedo, e teve que aprender a trabalhar também muito cedo. Não conseguiu frequentar a escola e usa de seu esforço para que filhos e netos estudem.

Figura 78 - Aldineth Ferro da Silva.



Fonte: Neto Santos (2024).

Uma das mulheres guerreira da Amazônia. Se declara pescadora, mas trabalha com açaí, palmito, madeira e coleta de sementes. Sua trajetória de vida incentiva seus filhos, Marlene da Silva Mercês (25), Lucas da Silva Mercês (22), Aldriane da Silva Mercês (19), Mateus da Silva Mercês (17) e Wanne (13). Sozinha construiu sua residência.

Ela diz com orgulho: “tudo que tenho é graças às frutinhas!”

Apesar de toda as dificuldades, mãe solo, conseguiu melhorar sua vida. Essa mulher gosta de caçar e faz isso para alimentar toda a família. Mesmo se considerando sem estudos, é ela que vai atrás até dos sonhos dos filhos. Corre atrás de tudo que se

possa imaginar para o bem-estar de todos os membros de sua família, desde o alimento até a documentação.

Uma das comadres que pode contar com o que precisar, é a primeira a amanhecer nas matas e passa o dia inteiro se precisar, coleta de tudo nas matas. E que é admirável pela vontade de querer viver.

Dionete da Silva Cardoso (Figura 79), 46 anos, extrativista e coletora de sementes. Mora no Igarapé Aruans, nascida e criada na comunidade, mãe de nove filhos e seis netos. Trabalha na coleta de sementes desde que iniciou a atividade. Membro da diretoria da associação e sempre esteve presente em todas as atividades desenvolvidas no território.

Figura 79 - Dionete da Silva Cardoso.



Fonte: Neto Santos (2024).

Realiza a atividade junto com os filhos, Maurício Cardoso de Oliveira (30), Jonatan Cardoso de Oliveira (28), Daniela Cardoso de Oliveira (26), Josinete Cardoso de Oliveira (24), Simone Cardoso de Oliveira (18), Marcela Cardoso de Oliveira (13), Solene Cardoso de Oliveira (22), Jeanderson Cardoso de Oliveira (21), José Miguel Cardoso de Oliveira (04) e com a nora, Suziane Palheta da Silva, (23). Conta com o

grande apoio de seu companheiro José Roberto Balieiro de Oliveira, (57) com o qual trabalha em comum com todos da família, tanto na extração de açaí como na coleta de sementes.

A comadre Nete, como é conhecida, é uma mulher muito dedicada à família, e à natureza. É uma das mulheres erveiras da comunidade. Faz uso das ervas medicinais com muita sabedoria e passa tudo que aprendeu com a senhora, Maria Batista da Silva, (69), conhecida como (Maroca), sua mãe, para suas filhas que também tem o dom de plantar.

Mulher que também está presente dentro dos movimentos, faz parte da comunidade católica e é muito fiel a seus princípios. Sonha em conseguir dar estudos para seus filhos e mudar a história, principalmente das mulheres da comunidade.

Também se declara pescadora como profissão, mas exerce todas as atividades possíveis dentro do estuário e reconhece o quanto o seu trabalho é importante para o bem-estar de todos. Sempre está pronta para um chamado!

Benedita Chermont de Oliveira (Figura 80), 40 anos, extrativista e coletora de semente. Filha adotiva da dona Zizi. Mãe de cinco filhos, Aldáisa, (25) Odailson (24), Odair Jr. (18), Suzana (17) e Vanuza (09) e avó de duas netas.

Figura 80 - Benedita Chermont de Oliveira.



Fonte: Neto Santos (2024).

Moradora do Igarapé Seringa desde a infância. Trabalha na coleta de semente com suas duas filhas e possui um lote pequeno em que precisa sair para coletar

em outros terrenos. Mãe admirável. Leoa! Passou muito sacrifício para criar os filhos, mas hoje se orgulha de dizer: “Eu sou uma mulher cheirosa, compro tudo de bom pra mim e uso o que eu quero, tenho meu dinheiro”.

Toda a sua trajetória foi marcada por desafios, sua dificuldade foi a presença do alcoolismo no companheiro, em que gerou alguns atritos, nada que uma mulher amazônica não desse jeito.

Tem brilho nos olhos quando conta sua conquista e se orgulha da mulher que se tornou e é uma das inspirações para suas filhas e outras comadres. Trabalha em parceria no açaí com seus dois filhos e com o companheiro. Recentemente construiu sua moradia do jeito que sempre sonhou. É apaixonada pela vida, sempre sorridente e mostra as garras quando vê uma de suas comadres em apuros.

Se declara pescadora como profissão, estudou pouco, mas dá muita força e empenho para que os filhos continuem a estudar.

Regina Batista da Rosa (Figura 81), 63 anos, extrativista, coletora de semente, a maior extratora de óleos quentes e frios, fabricante de sabão, erveira de mão cheia e dona de sabedoria e de uma alegria nunca vista. Durante minha permanência na região, nunca vi tristeza no rosto de dona Regina.

Figura 81 - Regina Batista da Rosa.



Fonte: Neto Santos (2024).

Mãe de dez filhos, Manoel de Jesus Batista Rosa (44), Maria Dílcima Batista Rosa (42), Maria Jesuína Batista Rosa, (39), João de Deus Batista Rosa (37), Maria Dilcilene Batista Rosa, (34), Maria Jucilene Batista Rosa, (32), Maria Taiana Batista Rosa, (30), Tino Marcos Batista Rosa (29), Maria Tainá Batista Rosa e Ângelo Marcos Batista Rosa (27), e avó de 22 netos.

Dona Regina é uma das mulheres que passou um legado para suas filhas e netas. As que não trabalham na coleta nas matas, extraem o óleo e fabricam sabão. Aliada a seu companheiro Manoel Pedro Rosa (69), forma uma família com uma grande potência nas diversidades de produção.

Mesmo com a inovação para o melhoramento da produção, continuam as atividades no modo tradicional, onde aprendeu com dona Maria de Jesus, sua mãe. Regina é o que chamamos de curiosa, aprende rápido e repassa para as outras. Ela faz mesmo as coisas!! Não deixa para depois.

Se dedica em produzir para vender. Com sua produção já realizou sonhos que nunca pensou em realizar. Também conta com o apoio das noras, porque trabalho não falta para essa família numerosa.

Há tempos que a família é responsável pela maior produção, antes na coleta de andiroba e murumuru e agora na extração de óleos de andiroba. A família tira em uma safra 80 litros desse óleo, entregou para a associação mais de mil quilos de andirobas e amêndoa de murumuru. Cada filha também entrega sua produção e festejam a cada conquista. Investem em suas moradas, e bens materiais para dentro. Todas têm seus lotes e conservam para que cada ano aumente sua produção.

Em seus lotes, possui suas hortinhas e quintais cheios de árvores frutíferas, que durante safras diferentes de açaí e sementes, mantem-se de outros cultivos. Dona Regina, apresenta um domínio de aprendizado que predomina na criação das filhas e netas, que dão continuidade nas atividades. Atualmente não coleta mais nas matas, compra sementes de outras pessoas para extração de óleos. Com a saúde debilitada, deixa para as mais novas, como costuma dizer.

Lourdes Batista da Silva (Figura 82), 71 anos, extrativista, coletora de sementes, extratora de óleo de andiroba e fabricante de sabão. Mãe de 11 filhos, Maria do Socorro Rodrigues Ferreira (52), Jandira Rodrigues da Silva (37), Maria Leonilda

Rodrigues da Silva (46), Lurdielson Rodrigues da Silva (44), Manoel da Silva Rodrigues Filho (34), Celeste Rodrigues da Silva (39), Gelmirez Rodrigues da Silva (34) (falecido), Deolíris Rodrigues da Silva (32), Maria de Lourdes Rodrigues Ferreira (48), Josielson Rodrigues da Silva (42) e Lurdiel Rodrigues da Silva (50).

Figura 82 - Lourdes Batista da Silva.



Fonte: Neto Santos (2024).

Moradora do Igarapé Seringa, nascida e criada na região. Foi uma das primeiras mulheres que iniciaram a atividade. Desde a infância coletava sementes para vender e extrair óleo de maneira artesanal, atividade que realiza até hoje.

Fez parte da diretoria da associação, uma das fundadoras. Sempre teve participação ativa em todas as reuniões. Vinha de canoa e remo para os eventos, pegando sol e chuva, mas, sempre acreditou no trabalho coletivo e social.

Frequentou a escola depois de seus 50 anos, estudou na Educação de Jovens e Adultos (EJA), aprendeu a ler e a escrever. As dificuldades sempre bateram na porta dessa mulher, que não deixou se desanimar e foi além. Criou seus filhos e alguns netos e continua seu legado de ensinar o que aprendeu com seus pais.

Algumas de suas filhas fazem a mesma atividade que dona Lourdes. Muito cansada e com problemas sérios de saúde, não está nas matas como as outras, mas permanece nos afazeres de óleos e sabão. É uma das erveiras mais velhas e o socorro

das mais novas. Possui suas hortas suspensas com tudo plantado. Continua com o costume de trocar sementes e mudas.

É uma senhora de muito prestígio na comunidade. Traz no rosto a tristeza de ter perdido um filho brutalmente assassinado, fato frequente nas comunidades e mais um impune. Percebemos que isso a afastou das atividades e dos encontros. Sentimos muito a sua ausência, mas, como ela diz: “prefiro trabalhar em casa com meus óleos e sabões”.

Antes do ocorrido, era super brincalhona, dançava nos encontros, contava piada, sorria de tudo, não tinha dias ruins para essa mulher. Afirma que mesmo com suas dores conseguiu o que jamais pensou em conseguir.

Dona Lourdes é daquelas mulheres que já não se encontram facilmente, pessoa amorosa. Mostra sempre interesse em cuidar dos outros. Trata todos iguais, é a mãe de todos! Em sua residência sempre quem a visita sai com uma lembrança, uma muda, uma fruta ou um abraço apertado, e sempre fica com uma vontade de voltar. É uma das mulheres mais sábias que temos na região.

Jandira Rodrigues da Silva (Figura 83), 37 anos, extrativista, coletora de semente, pescadora, auxiliar de serviços gerais e uma das manas que me inspiraram a fazer essa pesquisa. Mãe de cinco filhos, Larissa da Silva Madureira (20), Jeferson da Silva Madureira (21), Lauriane da Silva Madureira (19), Leiliane da Silva Madureira (17) e Rosiele da Silva Sousa (08), avó de três netos.

Essa Mana foi mãe aos 13 anos, foi uma adolescente que foi embora para a cidade e sofreu tudo de ruim que possa existir. Fugiu do companheiro carregando quatro filhos pequenos, e muito jovem ainda teve que aprender, a força e sozinha, a se virar.

Figura 83 - Jandira Rodrigues da Silva.



Fonte: Neto Santos (2024).

Nasceu no Rio Maniva, Igarapé Seringa, e como já citado saiu da comunidade e voltou aos 18 anos, com um sentimento de tristeza por ter passado muitos momentos difíceis. Para sustentar os quatro filhos, sem estudo, trabalhou em várias atividades para mantê-los: extração de palmito, extração de açaí, limpeza de quintais, roçagem na mata, extração de madeira, pesca de camarão, cozinheira e ainda conseguiu estudar junto com os filhos.

Terminou o ensino fundamental I, trabalha na cozinha da escola da comunidade pela manhã e à tarde, nas matas em todas as atividades possíveis. Nas horas vagas, extrai óleos e fabrica sabão com sua mãe, Lourdes.

Jandira contou com a ajuda de outras mulheres para criar seus filhos. Além de ser uma grande amiga, estar sempre à disposição para qualquer tarefa. Hoje é vice-presidente da associação, e sua história contagia e emociona suas meninas, as outras manas e a mim.

Mãe solo, tem casa própria, com tudo de bom dentro. Uma verdadeira guerreira das matas. Capaz de proteger suas crias até da boca de um leão. Chama atenção pela sua luta. Conseguiu seu lote, vive basicamente da produção que planta. E atualmente cria dois netinhos, e não é mais aquela menina que voltou, amedrontada e sem esperança.

Relembro que em um de nossos encontros, nos reunimos para limpeza de uma área para fazermos um campo de futebol, guardo na minha lembrança, quando ela pegava o machado rodava em cima da cabeça para cortar uma árvore imensa.

#### 4.4.1 O protagonismo das mulheres do Coletivo

A rotina das mulheres tornou-se um incômodo principalmente para os homens, que tentavam dificultar de todas as formas nossa atividade. Acarretou em algumas separações de casais, agressões e um certo desconforto. Em conversas falávamos em nos prevenir com nossos parceiros, passamos a usar preservativos, isso era visto como uma afronta para os homens. A partir do momento em que tínhamos nosso dinheiro, passamos a ser donas do nosso corpo e tínhamos filhos se quiséssemos. Mas custou para que isso chegassem ao entendimento dos parceiros e de outros moradores. Atualmente, a instituição que fazemos parte recebem da secretaria de saúde do município os anticoncepcionais com direito à consulta mensalmente da equipe médica que vem em caravana para atendimento da comunidade. As vagas das consultas médicas, são previamente distribuídas pelos Agentes Comunitários de Saúde (ACS).

As desigualdades de gênero ainda são muito presentes e distintas nas famílias, na sociedade e no Estado. Elas se manifestam por meio de relações de poder entre os indivíduos, valorando e hierarquizando o papel do homem em relação à mulher. Para Hora e Leite (2014), no meio rural as desigualdades são mais expressivas, começando pela divisão de trabalho. As mulheres ajudam na participação de toda a produção, inclusive nos trabalhos mais pesados e não são reconhecidas como produtoras. Os homens é que estão sempre à frente das vendas ou comercialização. As mulheres se dedicam mais às atividades que não precisem sair dos lares.

Queremos mostrar para a futura geração, principalmente mulheres, que o que estamos fazendo nesse momento é para garantir a diversidade agroalimentar, e garantir a morada para os animais, que aos poucos estão voltando ao estuário, por encontrarem alimentos necessários produzidos pelas espécies que antes eram cortadas. O principal alimento dos animais roedores, como cutia, tatu, soiá, paca e tantos outros, vem das andirobeiras e murumuruzeiros. Outros animais como cobras e peixes comem os frutos da virola e também contribuem para o equilíbrio a partir do plantio dessas espécies.

Além disso, fazemos o bem a nós mesmas, nos amando do jeito que conseguimos ser, dentro do estuário.

Vimos que mulheres de outra época ajudaram a construir e que muitas atuam hoje, resistindo, às vezes, às propostas que excluem seus interesses. Foi em pouco tempo que associações começaram a considerá-las, ouvi-las e apoiá-las. Elas próprias começaram a se organizar e crer em seu potencial (SIMONIAN, 2001). As mulheres, moradoras da comunidade, passaram a entender o quanto era importante a união e a organização do coletivo. No início eram apenas 10 mulheres em busca de um sonho, viver melhor e dar um conforto para nossos filhos. Atualmente, nos enxergamos como donas de nossos sonhos e que como somos capazes.

Atualmente nossas residências possuem energia solar, internet, água encanada, tv à cabo, resultado de muita luta e da atividade de coleta de sementes. O principal de tudo, temos condições de manter nossas crianças na escola sem que ambas as partes saíssem prejudicadas. Enquanto as crianças estão na escola, nós trabalhamos para adquirirmos direitos para eles, nunca conseguidos na região.

“Minhas filhas estudam e moram na cidade para estudar o ensino que eu nunca tive. Elas estão na escola e me sinto muito contente e satisfeita, por isso que o que ganho com o meu trabalho, melhorou minha vida. Se minha mãe tivesse tido essa chance, talvez eu teria estudado” (Jandira Rodrigues da Silva, 2023).

A presença das mulheres vem se destacando, estão voltando para as escolas e tendo mais participação ativa nas instituições e associações. Enquanto os homens querem o poder de mais terras para adquirir fortunas, existem mulheres guardiãs como negociadoras nos projetos sustentáveis. Muitas já gerenciam seus próprios terrenos de açaiçais e outros agroalimentares. Sustentam até seus companheiros com a renda que se tornou uma das maiores dentro de seus lares. Somos as professoras, as coletoras, as presidentes, as gestoras, as coordenadoras e as muitas mães solo.

O protagonismo das mulheres do rio Maniva serve de exemplo para mulheres de outras comunidades. Antes submissas, dependentes de seus maridos, e com baixa autoestima, hoje se empoderaram, buscam seu próprio sustento e decidem sobre suas próprias vidas. Condição antes impensável para nós, mulheres marajoaras. Entre muitos desafios está a inserção em espaços de gestão e participação política, que ainda hoje são exercidos, quase que majoritariamente, pelos homens. Também são muitas as lacunas a

serem respondidas, mas que ainda carecem de inserção nos espaços acadêmicos para que possamos pensar e agir com mais conhecimento.

Para Almeida (2018), as mulheres estão mais envolvidas nas atividades de coleta e no aproveitamento de sementes, raízes e frutas no período de safras. São as mulheres que dão o ponto de partida para realização de todas as atividades, mesmo aquelas que são destinadas aos companheiros. Estão elas a partilhar as tarefas. Atividades que ajudam na renda de toda a família. Elas preservam sempre pelo bem-estar de todos.

Segundo Santos (2023) “O período de coleta é um momento de fortalecimento dos conhecimentos dos povos que ao longo dos anos viveram e vivem em contato direto com a natureza” A coleta de semente é um ritual sagrado, primeiramente iniciado por mulheres que já não estão nesse plano e que deixaram sabedoria e coragem para a continuação.

A continuidade da atividade de coleta é lutar pela existência e pela preservação da memória das mulheres no território. Para Santos (2023),” Falar em história, memória e identidade hoje, nos remete a questão da discriminação, preconceito e racismo. Em algum tempo os povos vêm enfrentando uma forma muito perversa de como a sociedade pensa sobre nós.”

Vimos na atividade de coleta uma maneira de sermos vistas e mostrar que mesmo sendo mulheres dos rios e das matas, temos o direito de viver igualitariamente e que nosso gênero, podem gestar nossas próprias vidas.

Mesmo com a soberania masculina em alta e muito presente, principalmente na questão de produção de açaí, onde a nós cabe a debulha<sup>5</sup> dos frutos, preparo dos alimentos e, claro, o pagamento é mínimo. A renda obtida da venda de açaí ainda fica em mãos dos companheiros, que fazem a distribuição injusta desses valores. Com a realização das atividades de coleta, temos o que é só nosso, uma renda destinada a nós mulheres sem interromper a produção alimentar do açaí e agregar valores que possibilitarão melhorias para comunidades que gerenciam esse negócio de sementes. Produzir e preservar é o nosso papel.

---

<sup>5</sup> Debulha: processo de retirar o fruto do cacho, separar e guardar.

“Com a venda das minhas frutinhas, comprei a madeira todinha da minha casa. Comprei freezer, tv, bomba d’água, ando bonita, cheirosa. Ah! Passei a gostar demais de mim. Antes eu me achava feia, sem importância. Me acho agora a mulher mais bonita do mundo” (Benedita Chermont de Oliveira, 2023).

O coletivo de mulheres, vem demonstrando o grande sucesso que obtiveram. Somos orgulhosas de tudo o que conseguimos, melhorou a vida do coletivo e de uma comunidade que não se conhecia. Mesmo distante e isolada, estamos aqui, mudando a história, não só as nossas, mas de outras mulheres que não tiveram oportunidade de fazer o que estamos fazendo. A figura 84 ilustra uma soficina de mulheres na associação.

Figura 84 - Oficina de mulheres, “Te liga comadre”!



Fonte: Geovanhi Facundes (2023).

Todas as atividades de coleta de sementes, seja nos rios ou nas matas, são realizadas em mutirão, como na figura 85.

Figura 85 - Mutirão de coleta nas matas.



Fonte: Natura (2017).

#### 4.4.2 As sementes que dão óleo

Depois de dez anos coletando, secando e quebrando sementes, nossa primeira atividade que realmente gerava renda visível, onde se via no montante e que conseguimos adquirir bens materiais, autoestima, liberdade, valorização e visibilidade, passamos para a segunda fase.

Com parcerias formadas e fechada e com visão de um grande potencial em que a comunidade representa, carrega o coletivo de mulheres como as protagonistas de futuro que irá além de outros tempos. A comunidade mostra o grande avanço no extrativismo e hoje nas sementes, na extração de óleos de andiroba.

Desde o século XV as mulheres extraíam o óleo de andiroba de maneira tradicional. O processo vem passando por estudos e mudanças, mas permanece vivo nas lembranças das mulheres mais velhas que utilizam desse material para curar doenças de quase todos os tipos.

As sementes de andiroba e de pracaxi são o antídoto para os males ribeirinhos. Ainda não se viu nada igual ou parecido. Utilizamos do tronco as sementes. A andirobeira está presente na vida dos ribeirinhos homens, na madeira que vendem para fazer as residências e das mulheres, na cura de doenças, usando folhas, cascas e sementes.

#### 4.4.3 Óleo tradicional de andiroba (óleos quentes)

No primeiro momento, realiza-se a coleta nas matas ou nos rios, em período de safra é muito rápido para encher um paneiro, uma rasa. Carrega-o para casa, lava-se todas as sementes no rio corrente para retirar o barro. Se for o ouriço, precisa tirar todas as sementes, geralmente quatro ou cinco sementes dentro, e se coletada na água, somente lavagem. Muitas das sementes de andiroba, juntam-se embaixo das árvores na mata (Figura 86).

Figura 86 - Ouriço de castanha de andiroba.



Fonte: Kátia dos Santos Pantoja (2024).

Depois de lavadas, vão para o cozimento. Em uma panela grande de inox de 20 litros, coloca-se no fogão a lenha (precisa de muita lenha) e fogo alto, cozer até pegar uma para ver se espora facilmente entre os dedos. Depois de quase um dia inteiro cozinhando, retira do fogo, despejado em um jirau ou pia para que escorra toda a água. As sementes depois de cozidas passam por um período de repouso de 30 dias “empalhadas” para depois fazer o “despolpamento”.

Depois de frio escorrer a água e colocar numa bacia para facilitar o despolpamento da massa. Com a ajuda de uma colher pequena, retira-se toda a massa. Esse processo necessita de muito cuidado.

“quando a mulher está em seus dias, não pode tirar a massa da andiroba, porque fica um óleo fedorento. Quando for tirar a massa a mulher não pode ficar de perna aberta” (Lourdes Batista da Silva, 2023).

Depois desse processo, toda a massa que foi retirada se junta em um montante. Só precisa ser amassada de duas a três vezes ao dia, durante um mês, para que possa expulsar o óleo. Essa massa deve ficar guardada para o serviço somente por uma pessoa. Depois de ativada, escorre em uma calha o líquido tão precioso, retirada em uma bacia para engarrafá-las. De uma lata de 20 litros de semente, se extrai de três a quatro litros de óleo.

Depois de escorrer todo o óleo, a massa era jogada fora. Essa atividade ainda é feita pelas mulheres mais velhas da comunidade. Esse óleo tradicional é utilizado para uso medicinal dentro e fora da comunidade. Ainda é muito comercializado e procurado pela maneira como é extraído (Figura 87). Junto com ele vem a sabedoria das ancestrais mais velhas.

“Eu prefiro tirar o óleo de andiroba cozinhando as sementes, minha família tira desse jeito mais de 40 anos, desde da minha avó e parece que cura mais que do outro” (Regina Batista da Rosa, 2023).

Figura 87 - Óleo de andiroba tradicional (quente).



Fonte: Kátia dos Santos Pantoja (2024).

#### 4.4.4 Óleo de andiroba (óleos frios)

No período das safras, juntam-se nas matas e nos rios, ouriços ou sementes isoladas, em uma rasa ou paneiro. Durante a lavagem em água tratada são feitas as escolhas das sementes boas, lavadas e escolhidas, que vão para a casa de secagem, monitorando a temperatura.

À temperatura de até 460 graus, durante quatro ou cinco dias, são anotados e pesando todos os dias para verificar se continua com água. Quando o peso não estiver variando, está no ponto de ser retirada da casa de secagem. Retirar e armazenar em recipientes plásticos e bem higienizados, tampar e guardar em local arejado.

Com todas as sementes secas e armazenadas, seleciona-se novamente para o processo de trituração. Em um liquidificador industrial, ligado na energia, tritura-se de um a três quilos e anota-se em cadernos ou planilhas. Depois de triturados e fechados

em tecido, saca de açúcar ou organza, amarra-se e coloca-se na prensa e aperta-se com um macaco hidráulico.

A prensa é feita de madeira e aço inox (Figura 88) para impedir contaminação. É indicado o uso de materiais de inox, panelas, talheres e bacias. Depois de prensado, num tempo muito rápido, coisa de minutos, começa a escorrer o óleo.

Figura 88 - Prensa para extração de óleos frios.



Fonte: Geovani Facundes (2024).

Depois que escorre todo o óleo, tira-se o que chamamos de torta, o resíduo que sobra e coloca-se outro. Assim a extração do óleo frio é mais rápida.

“Depois que aprendi a tirar óleo assim, não quero mais fazer do outro tipo. O outro faz a gente adoecer, e demora muito, prefiro tirar sem cozinhar, é mais fácil dessa maneira” (Manoel Pedro Rosa, 2023).

Os óleos frios de andiroba (figura 89) são recomendados para uso em cosméticos. Necessitam de uma embalagem na coloração âmbar preto para que não percam as propriedades. São de uma coloração diferente, sem cheiro e sem sabor.

Figura 89 - Óleos prensados.



Fonte: Rita de Cássia (2024).

#### 4.4.5 Os resíduos, o tradicional sabão medicinal

A figura 90 mostra um dos processos que passa a semente de andiroba antes de ser prensada e tornar uma “sobra” e essa sobra é utilizada na fabricação de diversos sabão artesanal, mais um complemento de renda para as mulheres. Na figura é o resto de sementes de andiroba que depois de retirar o óleo, vira uma torta. (figura 90).

Figura 90 - Andiroba triturada, pronta para ir à prensa.



Fonte: Geovanhi Facundes (2024).

As sobras das massas da extração do óleo de andiroba, tanto frios como quentes, antes eram jogadas no lixo. Hoje, utilizamos para a fabricação de mais um produto, com geração de renda, o sabão medicinal.

Depois de escorrer todo o óleo, retiramos a sobra e guardamos em recipiente limpo e arejado. Algumas mulheres fazem o sabão com gorduras e pracaxi ou andiroba. Servem para lavagens de louças ou roupas em geral e também para lavagem de ferimentos.

O sabão medicinal é feito com a sobra da andiroba e pracaxi, ervas medicinais plantadas em suas hortas suspensas e nos quintais. A base é feita de coco ou manteiga de murumuru, cacau, ucuúba ou cupuaçu. Batida no liquidificador ou misturada em recipientes esmaltados. Vai ao fogo por uns minutos e depois é levado à forma de moldagens para então chegar na embalagem final. Produto utilizado para todo tipo de ferimento, alergia, e muito queridinho pelos usuários da comunidade. Mais um produto feito por mulheres que vêm lutando há anos por geração de renda sustentável e que valoriza e identifica um território.

Durante todo o trajeto percorrido até aqui, mostrando uma linha do tempo de como as mulheres marajoaras do coletivo do Rio Maniva estão conseguindo seus espaços, sem desmatarem o meio em que vivem, que mostra o valor de sua identidade, vinda de povos humildes e sábios, carregando consigo um legado de sofrimento e que não foram impedidas de ir além, de correr atrás de seus sonhos. Chegam até aqui com uma história inspiradora que mudou pensamentos e atitudes de um povo que retribuiu com preconceitos e desdenho.

Somos as mulheres do coletivo do Rio Maniva que começou do que se plantou para matar nossas fomes. Conseguimos, passamos para outro nível, em ganhar dinheiro para sustentar os nossos. Corremos todos os perigos possíveis pelo o que acreditávamos. Fomos além do extremo. Somos as mulheres das sementes, das frutinhas, das mudas, das galinhas, dos óleos e agora do sabão. Amanhã vamos querer ser as de outras funções: as professoras, as advogadas, as doutoras... porque nós podemos ser o que quisermos e vamos para onde nossos sonhos nos levarem.

Juntas somos muito fortes! É nossa fala! Valeu por cada não que levamos, por cada agressão que recebemos, por cada lágrima derramada. Quando olhamos para nós é como se olhássemos no espelho e nos enxergamos nos rostos de cada uma, tudo o que

fomos, o que somos e para onde vamos. Sou pertencente de uma linhagem de mulheres corajosas e eternizadas na memória das mulheres mais velhas. Somos as guardiãs da mata e somos as Manas do Coletivo de Mulheres do Rio Maniva. As figuras 91 e 92 ilustram encontros de mulheres na associação.

Figura 91 - Intercâmbio de mulheres.



Fonte: Rita de Cássia (2024).

Figura 92 - Encontro do dia da mulher.



Fonte: Geovanhi Facundes (2019).

Atualmente as famílias compraram a ideia que há anos mulheres vem mostrando que dá certo. Passaram a se organizar em grupos pequenos (familiares) e aumentaram ainda mais suas rendas. Aproveitam muito do que a natureza proporciona, desde a coleta, as frutas da agrofloresta, da extração do açaí, da extração de óleos quentes e frios e na fabricação de sabão. Lutaram e conseguiram agregar valores em produtos que antes eram descartados.

Nossos produtos, provenientes da extração de óleos da fabricação de sabão, chegaram no mercado das feiras locais como um produto ribeirinho, sofisticado e belíssimo. A figura 93 mostra o kit completo de óleos e sabão regional.

Figura 93 - Kit de óleos e sabão de andiroba e pracaxi.



Fonte: Rita de Cássia (2023).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho é uma realização pessoal e profissional, me sinto orgulhosa em contar a história de mulheres extrativistas e coletoras de sementes pertencentes ao coletivo de mulheres e da associação de onde tudo começou, que são protagonistas de suas próprias histórias. São mulheres com grandes conhecimentos adquiridos de seus entes queridos que já se foram e deixaram seus legados como herança. A rica sabedoria está eternizada nas memórias das mulheres que por aqui permanecem e lutam para lhes conhecerem e se identificarem como são e se orgulham de suas origens. Sabem que seus antepassados tiveram suas histórias narradas por seus descendentes, a quem foi dado o direito de fala para contar de suas maneiras o que aconteceu há anos, nunca investigados por alguém. Assim, fiz o resgate com depoimentos oficiais, fotos e áudios.

Os registros orais transcritos se tornaram de suma importância para a pesquisa e se tornarão base para pesquisas futuras e não estarão registrados apenas nas memórias de moradores e de mulheres do território, correndo o risco de se perderem no tempo. Assim, damos visibilidade às manas e, apesar das inúmeras atividades desenvolvidas por elas, descobriram sua importância para a permanência na comunidade São José do Rio Maniva e que tudo que receberam ensinam à geração que fica, através de saberes e fazeres desempenhados por elas.

Estudar as manas das matas do coletivo e outras que também fizeram parte da construção da história foi um grande desafio, devido à falta de pesquisa referente à temática de vida dentro do estuário. No entanto, contar história como esta, das manas, na visão delas, foi um desafio maior ainda. Explorar uma região onde tudo se torna longe e de difícil acesso e amedronta.

Os resultados do objetivo geral e específico da pesquisa foram alcançados. A valorização e Identidade das mulheres coletoras de sementes, dentro do estuário se mostrou de forma positiva e concretizou na descoberta e na permanência, narrada por mulheres de uma época bem distante e que confirmaram as pesquisas. A atuação de mulheres na atividade começou ainda no século passado e permanece firme nos dias atuais.

Alcançamos os objetivos deste estudo com registro de toda a história contada por moradores mais velhos e pioneiros do território que guardavam na memória esse

registros. Memória essa que fica registrada nesse estudo, servirá de norteamento para futuras pesquisas.

A análise que contou a trajetória que percorreu as mulheres do coletivo e do território desde o início de suas jornadas, foram identificadas através da linha tempo, chamada de “Rio do Tempo”, quais papéis representaram e desempenharam para que chegassem ao seu protagonismo. As diferentes dimensões pautadas confirmaram a proposta dos objetivos.

A proposta metodológica, tem relação com a de Almeida (julho de 2018), A Roda de Conversa que se deu em um encontro de mulheres negras da vila do Carmo do Macacoari, utilizando um método parecido com a metodologia desse estudo.

Outra proposta que serviu como orientação de metodologia. Santos, novembro de 2023), usou como método a história oral e como procedimentos na coleta de dados a pesquisa qualitativa e roda de conversa com entrevistas de coletores de sementes selecionadas e com preenchimento de roteiros com questões semiestruturadas.

Ressalto que as poucas documentações relacionadas às atividades e ao território se perderam com o tempo. Os mais antigos já se foram e os que ainda vivem têm a memória muito frágil por causa do modo de vida que tiveram, foram muitos sacrificados pelas atividades que exigiam do corpo e da mente. As mulheres, por exemplo, tiveram muitos filhos e trabalhavam igualmente com os companheiros, dia e noite, de sol a sol, adquirindo doenças muito cedo. Para a realização deste estudo, além da ausência de documentos, surgiram as indagações e obstáculos, o porquê de estudar essa temática, tendo tantas, “mais importantes”.

Durante o período que caminhei na busca de fontes documentais, socializava com outras e por isso a ideia de anotar no croqui do rio do tempo, deixei bem visível para que os vizinhos, as manas e outras pessoas que chegassem, observassem e contribuíssem de alguma forma, e isso aconteceu várias vezes. Cada morador antigo ou não que embarcou para a navegação da memória, contou algo, uns ouviram dos avós, outros dos pais e por aí fomos viajando. A cada porto que atracávamos, embarcávamos uma bagagem e que resultou nesse estudo uma longa viagem pelos rios do tempo de cada família que confiou no encarregado da viagem. Foi uma viagem longa com marés boas e ruins, muitas travessias, tempestades e algumas tragédias, mas chegamos ao destino final com êxito.

Reconheço que sem as histórias contadas essa viagem ia tomar novos rumos ou nem conseguiríamos embarcar nessa viagem. Comparando esse estudo a um barco que navega nos rios toda hora e todos os dias. Os viajantes mais antigos e experientes ficaram responsáveis pelo trajeto e foram fundamentais para a pesquisa, seus acervos, seus relatos, seus documentos, mesmo muitos perdidos pelas enchentes ou pelos cupins.

O estudo mostrou que era fundamental essa escrita, mostrar e contar sobre as manas na mata, invisibilizadas pelo sistema patriarcal e pela falta de políticas que as favoreçam. E desencavar segredos e sacrifícios sofridos por uma tradição de mais de 200 anos. Como já citado, a região nasceu muito antes da sede do município e de outras cidades vizinhas. As mulheres, desde então, já pertenciam a esse lugar, escondidas e a aceitar tudo o que lhes era imposto.

Para concluir, nós moradoras da comunidade São José do Rio Maniva, precisamos compreender que o tempo presente é o tempo vivido por cada uma de nós e, pelas pessoas que por aqui vivem e caminham nesse tempo, abrem novos caminhos para que outros possam andar sem ferir os pés como fizemos no início. Todo sacrifício que passamos serviu para que pudéssemos ser vistos, sem que corrêssemos o risco de esquecer nossos antepassados e que por eles(a)s. lutamos e permanecemos.

Ao trazermos esses ensinamentos com o propósito de aceitação para o tempo de agora, teremos e seremos resistência para deter qualquer que sejam as transformações negativas provocadas pelos avanços de um tempo futuro. Sabe-se Deus a que ponto e a que proporção, mas que vem afetando o modo de vida, da cultura da identidade, do extrativismo, da agricultura e de nossas manas que fazem dentro desse estuário um lindo trabalho. Que seja visto como um sacudir outras mulheres que venham juntas em uma tentativa de amenizar as grandes catástrofes que o planeta está sofrendo. Isso reconheço como o protagonismo. Mulheres Marajoaras de uma ilha isolada, conhecida como Rio Maniva, trabalham em prol do meio ambiente em um único objetivo, manter a natureza em pé e conquistando seus espaços.

## Carimbó das Extrativistas

“Sou mulher da Amazônia  
A cultura está em festa!

Frutas, castanhas e sementes  
Descem rios e igarapés  
Na canoa da colheita  
Vou no embalo das marés...

Eu canto, ô lelê!  
Eu danço, ô lelê!  
A produção ribeirinha.

Eu canto, ô lelê!  
Eu danço, ô lelê!  
Da festa eu sou a rainha!

Paneirinho preparado  
Ucuúba já vou pegar  
Vou catar murumuru  
Pra secar e martelar

Ouriço da andiroba  
Tá no ponto, já caiu!  
Vou juntar toda castanha  
Porque ele se partiu!”

(ROSE SHOW, 2021)

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria das Dores do Rosário. **(Re)construindo Caminhos e histórias de mulheres negras da vila do carmo do macacoari-AP**. Dissertação, Universidade de Brasília (UnB), 2018, p. 144
- ASTIGARRAGA, Andrea Abreu. **A linha do tempo-memória como narrativa (auto)Biográfica na universidade**, Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Orcid.org/0000-0001-9614-1999
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política** – ensaios sobre literalismo e história da cultura. Obras escolhidas. v 1. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 13.
- BRUNER, J. S. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997
- COSTA, Carolina Machado da; YAMAGUCHI, Klenicy Kazumy de Lima. **Contaminação e Adulteração de Açaí**, In: Cordeiro, Carlos Alberto Martins. Tecnologia de Alimentos: Tópicos Físicos, Químicos e Biológicos. São Paulo: Editora Científica Digital, 2020, p. 45-63. DOI: 10.37885/200800986.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves, **História Oral: memória, tempo, identidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- GAZEL FILHO, Aderaldo Batista; YARED, Jorge Alberto Gazel. **Estrutura e função de um quintal agroflorestral no município de Mazagão, AP**, 2006. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/904463/estrutura-e-funcao-de-um-quintal-agroflorestral-no-municipio-de-mazagao-ap>> Acesso em 4 de fevereiro de 2024.
- GOMES, Ângela Maria da Silva. **Rotas e diálogos de saberes da etnobotânica transatlântica negro-africana: terreiros, quilombos, quintais da grande Belo Horizonte**. 2009.220 f. Tese (Doutorado em Geografia) -Instituto de Geociência, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/MPBB-8DVBM/tese-pronta.pdf?sequence=1>. Acesso em 10 de mar. 2024.
- HALBWACHS, Maurice. Apud BOSI, 1997, **Memória, Narratividade e Socialização** p. 62
- HORA, Karla; LEITE, Renata. **As desigualdades de gênero e sua caracterização na Agricultura Familiar**, In: Edmilton Cerqueira et al., Os Povos e Comunidades Tradicionais e o Ano Internacional da Agricultura Familiar, 2014, p. 37-40.
- HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2019.
- JOSSO, M.C.A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação. Porto Alegre/RS, n.3, v. 63, p.413-448, set/dez. 2007.**
- MINAYO, Cecília de Souza; DESLANDES, Ferreira Sueli; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 34.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro, 2015, 108 p.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. **História Oral e memória: a cultura popular revisitada**. 6. ed. 2. imp. São Paulo: contexto, 2013. 153 p.

MIES, Maria; SHIVA, Vandana. **Ecofeminismo**. Halifax: Fernwood Publications, 1993.

Naturabrofficial, Natura Ekos Ucuuba, 2017

<https://youtu.be/mGYkEiaTgpU?si=HkYKrMURorHrkWpR,2015>

Naturabrofficial, Natura Ekos Murumuru, 2018

<https://youtu.be/GCm3vDNSmmU?si=NU0C4zqVJ3AoUhQv,2015>

NEVES, Lucília de Almeida. Memória, história e sujeito: substratos da identidade, **Revista História Oral**, São Paulo, 2000, n.3, p. 109-115.

RAMOS, C. A., EULER, A. M. C., **Quarta baliza do Agroextrativismo**. Agricultura Familiar: Pesquisa, Formação, Desenvolvimento; RAF v13, nº 2/Jul-Dez 2019.

ROSE show, CARIMBÓ DAS EXTRATIVISTAS, 2021

[https://youtu.be/xS7ZG0oq\\_KE?si=Pvwp7ZuDbBUCrmfc](https://youtu.be/xS7ZG0oq_KE?si=Pvwp7ZuDbBUCrmfc)

SAMPAIO, Juliana; SANTOS, Gilney Costa; AGOSTINI, Marcia; SALVADOR, Anarita de Souza. Limites e potencialidades das rodas de conversa no cuidado em saúde: uma experiência com jovens no sertão pernambucano. **Revista Interface**, comunicação, saúde e educação, 18, supl. 2, p. 1299-1312, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v18s2/1807-5762-icse-18-s2-1299.pdf>. Acesso em 15 de janeiro de 2024;

SANTILLI, Juliana. **Agrobiodiversidade e direito dos agricultores**. Editora Peirópolis, junho de 2009.

SANTOS, Nilca Fernandes dos. **Sabendo usar não vai faltar: A prática das coletoras de sementes da comunidade Vão do Moleque do território Kalunga/GO**. Dissertação. Universidade de Brasília, (UnB), 2023, p.80

SARAT, Magda; CAMPOS, Miria Izabel. Memórias da Infância e da Educação: Abordagem eliasianas sobre as mulheres. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p.1257-1277, out/dez. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623664283>. Acesso em: 13 jun.2024.

SIMONIAN, Lígia Terezinha Lopes. **Mulheres e Sustentabilidade na Amazônia**. Belém: NAEA/UFPA, 2001.

SOUSA, Ronaldo Lopes; ALMEIDA, Benedito Brito; SILVA, Rosana Pimentel; ALBUQUERQUE, Lídia Costa da Silva; CORDEIRO, Yvens Ely Martins. **Óleo de Andiroba: Extração, Comercialização e Usos Tradicionais na Comunidade Mamangal, Igarapé – Miri – PA**. **Biodiversidade**, v.18, n. 1, 2019, p. 68-81.

## APÊNDICE

### Apêndice 1 - Glossário – Dialeto Paraense:

01- Dando um giro: dar uma volta.

02-Te Arreda aí: afastar de um determinado lugar.

03-Boto fé: algo que dar certo, uma afirmação,

04- Só o creme: Termo utilizado para se referir a alguma coisa ou evento que vai ser muito bom

05-Égua: dúvida, surpresa espanto04-Mana: do mesmo lugar ou muito próximo.

### Apêndice 2 – Roteiro semiestruturado aplicado na entrevista individual

Pergunta para entrevistas individuais

1- Dados pessoais

Nome

Local de Nascimento

Idade

Profissão

2-MEMÓRIAS DO RIO MANIVA (INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA)

Como chegaram aqui?

Como foi sua juventude?

Nasceu RioManiva? Sim ou não?

Com quantos anos veio para a comunidade?

Quantos anos começou a trabalhar?

Com que trabalhava?

3-MEMÓRIAS DO RIO MANIVA

Quantos anos tem a região?

Quem foram os primeiros moradores?

Como era a vida nos anos passados?

Quais eram as tradições culturais e religiosas da comunidade?

4-MEMÓRIAS DO RIO MANIVA, AS MULHERES

Como era a vida das mulheres na comunidade?

Quem eram essas mulheres?

Qual o papel que as mulheres exerciam?

### **Apêndice 3 - Relação das manas presentes no chá**

- 1- Kátia dos Santos Pantoja
- 2- Eliana Cardoso da Silva
- 3- Claudiane da Costa e Silva
- 4- Larissa Manuela Silva dos Santos
- 5- Aldaísa de Oliveira Cardoso
- 6- Benedita Chermont de Oliveira
- 7- Deusarina Rodrigues Sousa
- 8- Suziane Palheta da Silva
- 9- Regina Batista da Rosa
- 10- Thais Rosa Ferreira
- 11- Solene Cardoso de Oliveira
- 12- Daniela Cardoso de Oliveira
- 13- Dionete da Silva Cardoso
- 14- Lurdicléia Cardoso dos Santos
- 15- Eilania Cristina dos Santos
- 16- Rosicléia Pinheiro Ferreira
- 17- Aldenice Fernandes Monteiro
- 18- Arlete Gomes dos Santos
- 19- Lorena Monteiro Dantas

## Apêndice 4 – Diversidade dos vegetais dos quintais do Rio Maniva

### Plantas frutíferas, florestais, ornamentais, medicinais e outras

#### Plantas florestais e frutíferas

Abacateiro-----	Consumo
Abacaxizeiro-----	Consumo
Abieiro-----	Consumo
Açaizeiro-----	Consumo e comercialização
Andirobeira-----	Consumo e comercialização
Assacuzeiro-----	Comercialização
Bananeira-----	Consumo e Comercialização
Biribazeiro-----	Consumo
Cajueiro-----	Consumo
Canavial-----	Consumo e comercialização
Caneleira-----	Consumo
Coqueiro-----	Consumo
Cupuzeiro-----	Consumo e comercialização
Fruta pão-----	Consumo
Goiabeira-----	Consumo e comercialização
Gravioleira-----	Consumo e comercialização
Ingazeiro-----	Consumo e comercialização
Jaqueira-----	Consumo
Limoeiro-----	Consumo e comercialização
Mamoeiro-----	Consumo

Mangueira-----	Consumo
Pau mulateiro-----	Comercialização
Pracaxizeiro-----	Comercialização
Pracubeira-----	Comercialização
Samaúma-----	Comercialização
Sapucaeira-----	Comercialização
Taperebazeiro-----	Consumo

### **Ornamentais**

Begônia-----	Ornamental
Boca de lobo-----	Ornamental
Brasileirinho-----	Ornamental
Cacto-----	Ornamental
Chama dinheiro-----	Ornamental
Coroa de Jesus Cristo-----	Ornamental
Cravo-----	Ornamental
Cróton-----	Ornamental
Falsa Érica-----	Ornamental
Girassol-----	Ornamental
Jibóia-----	Ornamental
Falsa Érica-----	Ornamental
Jibóia-----	Ornamental
Onze horas-----	Ornamental
Palmeira-----	Ornamental
Pampolha-----	Ornamental

## Medicinais

Alfavaca-----	Medicinal e comercialização
Amor crescido-----	Medicinal
Anador-----	Medicinal e comercialização
Arruda-----	Medicinal
Arantu-----	Medicinal
Açafrão-----	Medicinal
Babosa-----	Medicinal e comercialização
Boldo-----	Medicinal
Capim marinho-----	Medicinal
Catinga da mulata-----	Medicinal
Chicória-----	Medicinal e comercialização
Cúinha mansa-----	Medicinal
Gengibre-----	Medicinal
Hortelã-----	Medicinal e comercialização
Manjeriço-----	Medicinal
Mastruz-----	Medicinal
Ora pro nobis-----	Medicinal
Pariri-----	Medicinal
Pirarucu-----	Medicinal
Urucun-----	Medicinal e comercialização
Verônica-----	Medicinal e comercialização

Fonte: Katia dos Santos Pantoja (2024).

## Apêndice 5 – Programação do chá das manas

DATA	HORA	ATIVIDADE
30/01/2024	14h	Chegada no local Boas vindas Apresentação Exposição sobre a roda de conversa Abertura com abraços Animação Início das conversas
30/01/2024	14h	Choque de geração Apresentação do objeto importante Lanches Falas das manas Palestra com a equipe médica Fala da Pesquisadora Pontos positivos e negativos da atividade das mulheres O que mudou na sua vida
30/01/2024	14h	Sorteio de brindes Distribuição de mudas como lembrança do chá Agradecimento Encerramento

## ANEXOS

### Anexo 1 - Declaração de residência, utilizado por quem não tem o SPU



ASSOCIAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO INTERCOMUNITÁRIO  
DOS RIOS CORREDOR, FURO DO CHAGAS, MANIVA E CUTIAS  
AFUÁ PA, RIO MANIVA – IGARAPÉ MARIA TERESA  
CNPJ nº 10.016.519/0001-11

#### DECLARAÇÃO

Declaramos para os devidos fins de direito que Jeremias Santos da Conceição, brasileiro, portador do RG: 436039 e do CPF: 003.272.162.55., residente e domiciliado no Rio Maniva – Igarapé Maria Teresa, zona rural do município de Afuá PA, CEP: 68.890 000, vem prestando, desde 01/03/2015, relevantes serviços relacionados com manipulação, decoração e vendas de plantas ornamentais, ervas medicinais e mudas de diferentes espécies usadas em reuniões, confraternizações e festejos em geral realizados pela ADINCOOMA – Associação de Desenvolvimento Intercomunitário dos Rios Corredor, Furo do Chagas, Maniva e Cutias, CNPJ nº 10.016.519/0001-11, com sede no Rio Maniva – Igarapé Maria Teresa e comunidades adjacentes na zona rural do município de Afuá PA, CEP: 68.890 000.

Afuá PA, 15/12/ 2021.

Atenciosamente

---

GEOVANHÍ CHAVES FACUNDES  
Presidente

Fonte: ADINCOOMA (2021).

## Anexo 2 – Parcerias com a Embrapa/AP



Fonte: Associação Adincooma (2023).

### Anexo 3 – Derrubada do mastro na festividade de São José



Fonte: Rita de Cássia (2024).

### Anexo 4 – Encontro de familiares na festividade



Fonte: Marcilene Facundes (2024).

## Anexo 5 – Cartão de Rastreabilidade



Fonte: ADINCOOMA (2019).

## Anexo 6 – Carteira de participação das feiras



Fonte: Governo do Estado do Amapá (2014).

## Anexo 7 – Entrega de produção na associação



Fonte: ADINCOOMA (2021).



Fonte: ADINCOOMA (2021).

## Anexo 8 - Encontro da Juventude, das Ilhas, da Paróquia Nossa Senhora dos Navegantes

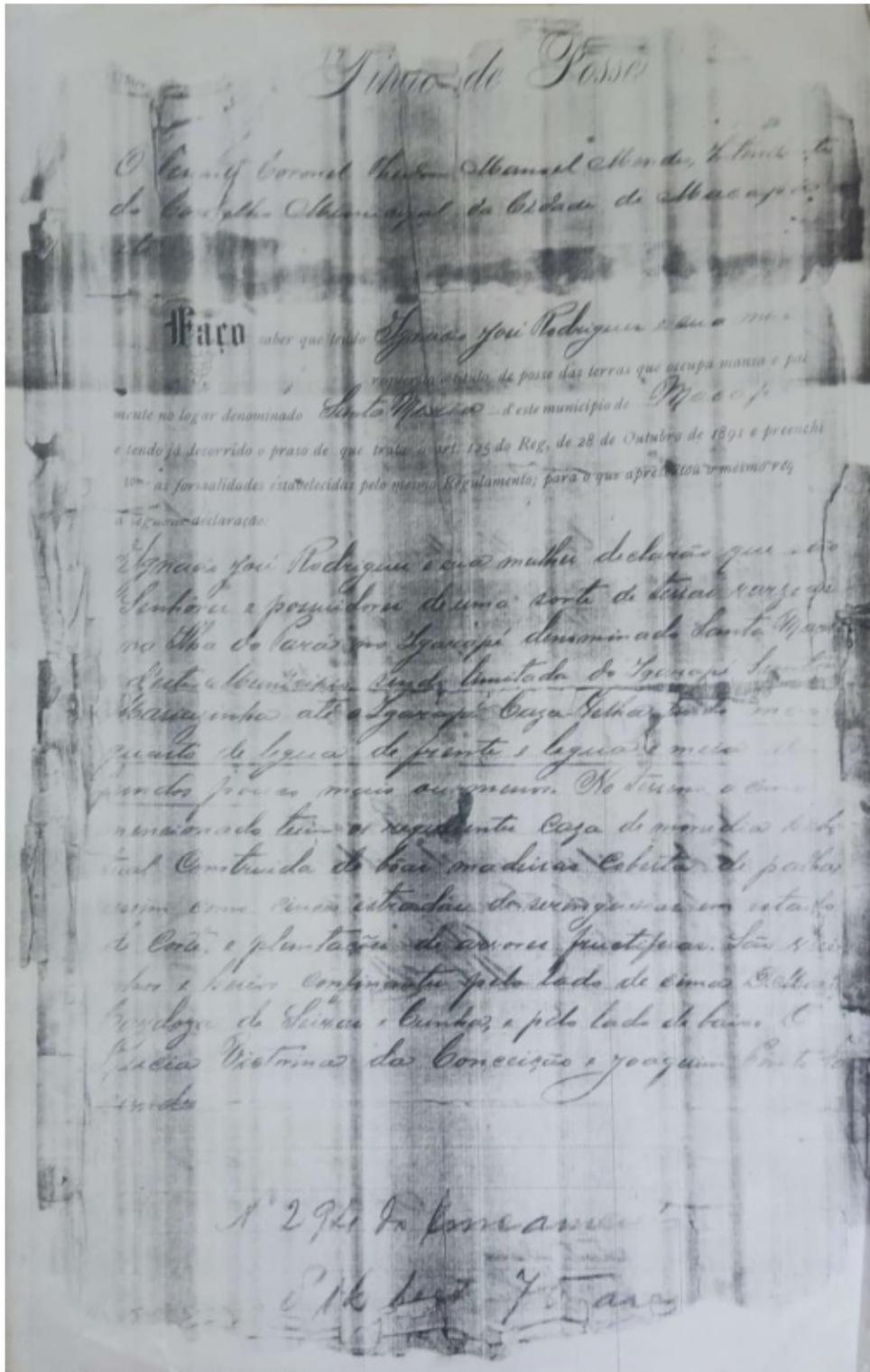


Fonte: Lorena Dantas (2024).



Fonte: Lorena Dantas (2024).

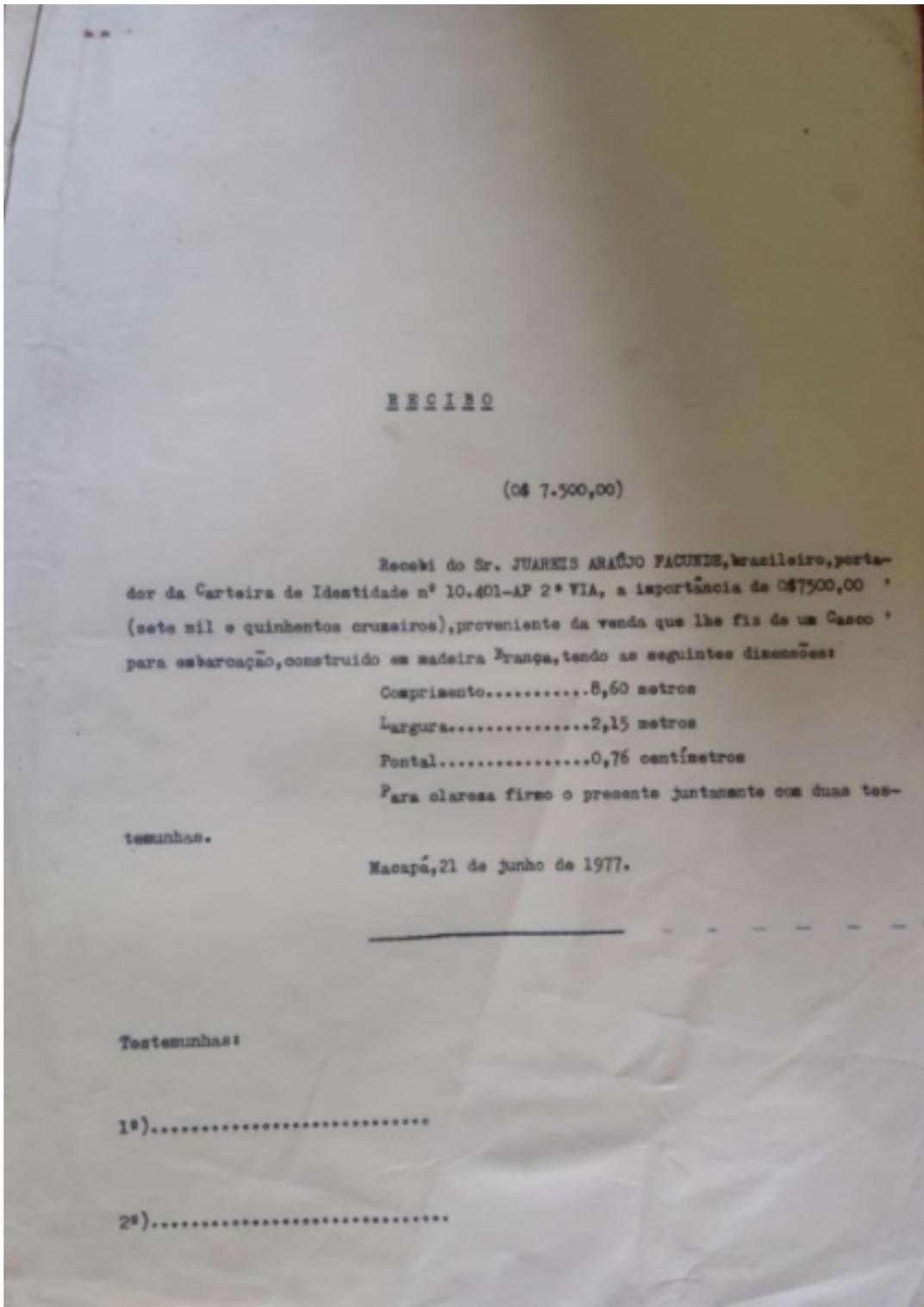
## Anexo 9 - Termo de posse de terra



CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: Prefeitura Municipal de Afuá (2024).

**Anexo 10 - Recibo de venda de um casco de embarcação em madeira  
(1977)**



Digitalizado com CamScanner

Fonte: Juareis Facundes (1977).

## Anexo 11 - Posses Bagres (1930)

### POSSES BAGRES

ESCRITURA DE HIPOTECA - OU DOAÇÃO.

DEVIDO - ANA FRANCISCA DA SILVA.

HERDEIRO - ANTONIO DA MOTA BASTOS.

### L I M I T E S.

Pelo Nascente - Rio Amazonas, e furo das Araras.

Pelo Poente - Furo do Maniva e Furo Sêco, onde confina com o lugar "ILHINHA" de Francisco Pinto Facundes,.

Pelo Lado esquerdo com o Rio Amazonas e Canal do Maroim.

Documento de 1 930.

Hepoteca - 01 - 02 - 1 930.

## Anexo 12 - Cadastro de pescadores, capatazia Rio Maniva

Colônia de Pescadores Z-14 de FAZENDINHA - AP

CAPATAZIA-01-Z-14  
RIO MANIVA  
CADASTRO



1 - Associação Col. (data) 02-04-1999		2 - Data Cadastro 02-04-1999	
3 - D. Recadastramento		4 - Apelido	
5 - Função Pesc. Antermel		6 - C. Trabalho	

7 - Nome Joana de Oliveira Cardoso		8 - Título de Eleitor 00285650257		9 - PIS	
10 - Endereço Rio Maniva - Braco Mo Veteza		11 - C. Identidade 055.46-AP		12 - CPF 311.880.612.00	
13 - CIP	14 - RGP	15 - Mat. Colônia 14.0045	16 - Data de Nascimento 08-03-1957	17 - Estado Civil Casada	
18 - Nacionalidade Brasileira	19 - Naturalidade Paranaense	20 - Cor (outras) Morena/Clara	21 - Olhos Pretos	22 - Cabelos Pretos	
22 - Altura 1,50m	24 - Filiação Antonio Maria Benno Luzia de Oliveira Cardoso		25 - Cônjuge Francisco Sebastião Oliveira		
26 - Região de Pesca Lis e Bracos		27 - Apetrechos Matapi e Malhadaeira			
28 - Pesca Capturado Araci, Tainha e Camarão		29 - Época do Ano Jan/Dez	30 - Conservação (tipo) Gelo e Sal		
31 - Embarcação (tipo) Montaria a remio		32 - Outros Bens Casa de madeira de lei, coberta com palha			
33 - FNO		34 - Valor		35 - Banco	
36 - FRAP		37 - Valor		38 - Banco	

cc Digitalizado com CamScanner

Fonte: Colônia de pescadores (1999).

Colônia de Pescadores Z-14 de FAZENDINHA - AP

CAPATAZIA-01-Z-14  
RIO MANIVA  
CADASTRO



1 - Associação Col. (data) 02-04-1999		2 - Data Cadastro 02-04-1999	
3 - D. Recadastramento		4 - Apelido	
5 - Função		6 - C. Trabalho 103.403-00001-AP	

7 - Nome Maria Dilce Madureira da Silva		8 - Título de Eleitor		9 - PIS	
10 - Endereço Rio Maniva - Braco Mo Veteza		11 - C. Identidade 053.719-AP		12 - CPF 445.360.612.00	
13 - CIP	14 - RGP	15 - Mat. Colônia 14.0046	16 - Data de Nascimento 01-10-	17 - Estado Civil Casada	
18 - Nacionalidade Brasileira	19 - Naturalidade Paranaense	20 - Cor (outras) Branca	21 - Olhos Pretos	22 - Cabelos Pretos	
22 - Altura 1,60m	24 - Filiação Julio Madureira Silva Luzia Madureira da Silva		25 - Cônjuge Benedito G. Oliveira		
26 - Região de Pesca Lis e Bracos		27 - Apetrechos Matapi e Malhadaeira			
28 - Pesca Capturado Araci, Tainha e Camarão		29 - Época do Ano Jan/Dez	30 - Conservação (tipo) Gelo e Sal		
31 - Embarcação (tipo) Bote a motor yanmar		32 - Outros Bens Casa de madeira coberta com palha			
33 - FNO		34 - Valor		35 - Banco	
36 - FRAP		37 - Valor		38 - Banco	

cc Digitalizado com CamScanner

Fonte: Colônia de pescadores (1999).



Anexo 14 - Registro de Arma (1944)

POLICIA CIVIL  
 REGISTRO N.º 170 ANO DE 1944  
 DELEGACIA DA POLICIA DA Afuá  
 REGISTRO DE ARMA

VERIFICADO DE PROPRIEDADE

o Sr. Antonio Pinto Figueiredo residente  
logar denominado "Arucas" sul tem permissão  
 para ter LEGITIMAMENTE em sua residência particular ou em seu esta-  
 belecimento comercial a arma caracterizada de sua propriedade

Este certificado é PRECATENTE e o seu possuidor fica respon-  
 sável pelas correções que se verificarem em a arma.

Delegacia Policia de Afua  
 N.º 008154

CARACTERÍSTICAS DA ARMA	
espécie <u>Espingarda</u> (carga fixa)	marca e fabrica; do calibre <u>Portante</u> <u>Nacional</u>

AVISO IMPORTANTE

O possuidor deste certificado obriga-se:

- 1) Observar rigorosamente os dispositivos do Regulamento de Propriedade de Armas;
- 2) Comunicar à Delegacia quando se danificar a arma ou quando a mesma for extraviada ou furtada;
- 3) Comunicar a mudança de residência.

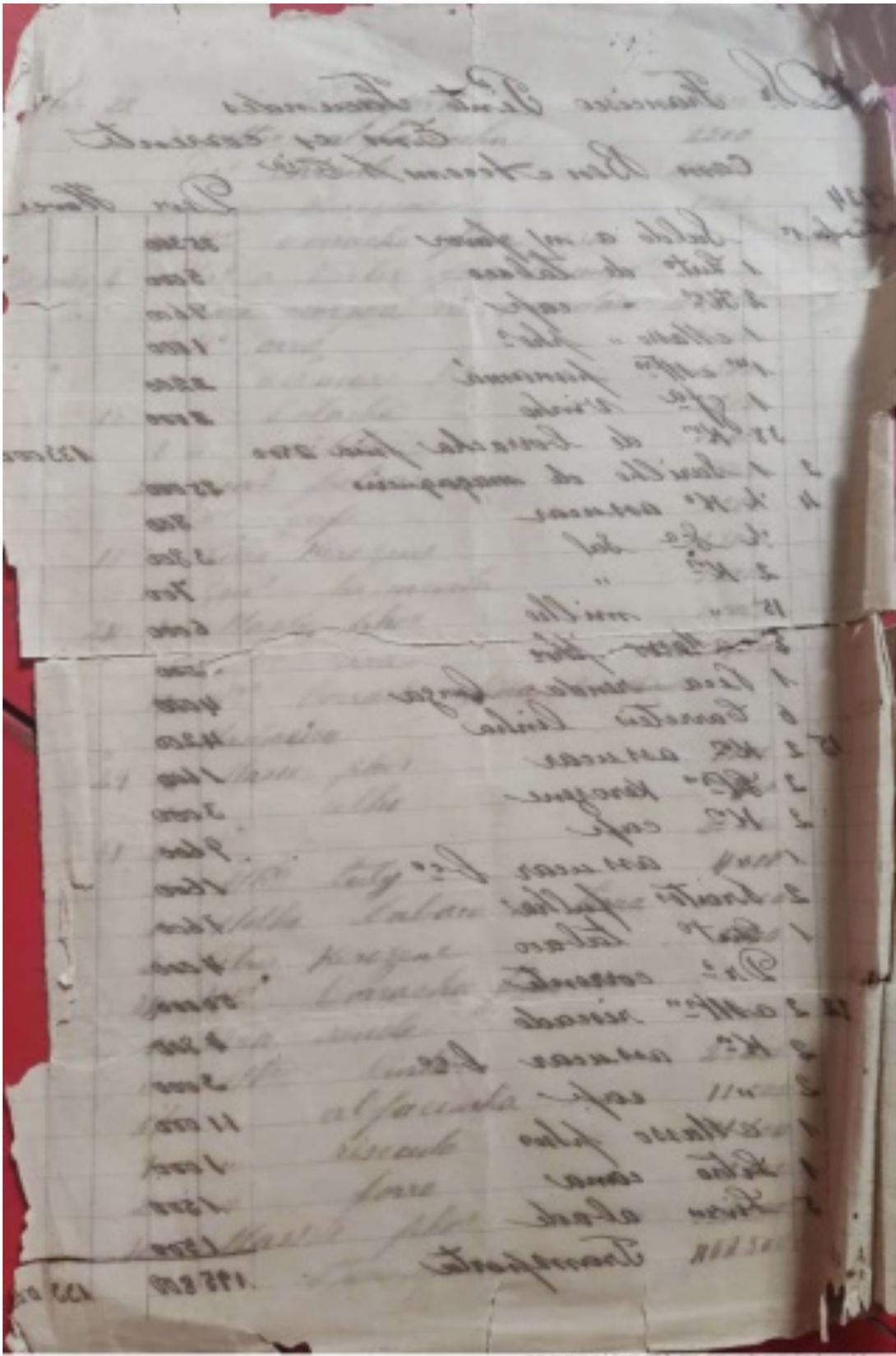
ANEXO N.º 10. INSTRUÇÃO

O presente certificado não autoriza nem o porte nem o

Fonte: Polícia Civil (1944).

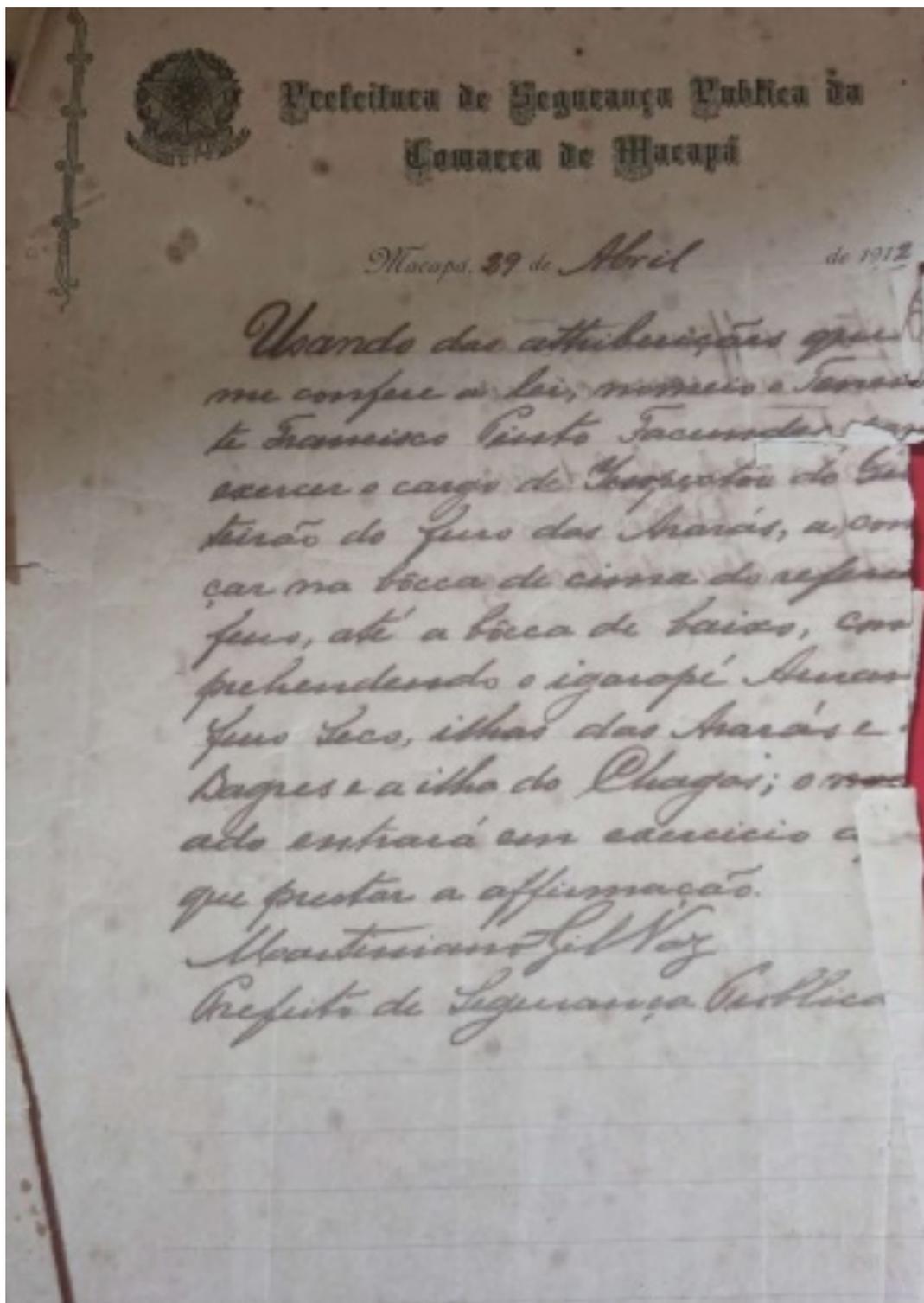


Anexo 16 - Folha de caderno de nota



Fonte: Juareis Facundes (1924).

## Anexo 17 - Nomeação



Fonte: Prefeitura de Segurança Pública da Comarca de Macapá (1912).

Anexo 18 - Previsão de tutela



Previsão de tutela

O Doutor Álvaro de Magalhães  
Corte, juiz de Direito e Delegado da  
comarca de Macapá, Estado do  
Pará, etc

Faz saber a todos os interessados,  
a quem o conhecimento desta tutela  
se, que por este juízo foi Francisco  
Sinto Francisco, nomeado tutor do  
menor pido, etc, dos nomes de João  
de, filho de Felício Maria Fran-  
cisco Ferreira, e prestou o compromisso  
legal, prometendo usar diligentem-  
te de seu bem, estar adquirente e pe-  
rmaneceramente tudo quanto lhe per-  
tencer, de cuidar seu pessoa tanto por  
juízo como fora d'elle, e, além, dar  
contas de sua administração por  
tempo devido, ou quando lhe for re-  
clamado, e pagar todos os prejuizos que  
soffrer o seu pupillo no fôrma da Lei Pa-  
ra e passado neste cidade de Ma-  
capá a  
Em 08 de Maio de 1927.  
Álvaro de Magalhães

ho de 1927.  
Francisco Sinto Francisco



Digitizado com CamScanner

Fonte: Tesouro Público (1927).

# Anexo 19 - Certidão de nascimento

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

REGISTRO CIVIL

Estado de Paraíba  
Comarca de Arua  
Município de Arua  
Distrito de Arua

OLDEMAR COELHO  
Oficial Vitalício do Registro Civil

### Certidão de Nascimento

CERTIFICO que, às fls. - 107.611 - do livro A - 34 - sob N.º de Ordem - 8.373 - foi lavrado o assento de nascimento de FIRMINA CHAVES:

do sexo - feminino - de cor - morena - nascida no dia vinte e oito (28) de Maio de mil novecentos e quarenta e cinco (1.945) às 09 hora e 00 minutos em Vila do Para, neste município de Arua, Estado de Paraíba

filha de \_\_\_\_\_  
e de Dona \_\_\_\_\_ : Luzia Chaves  
Sendo avós paternos \_\_\_\_\_  
e dona \_\_\_\_\_ : João Chaves  
e maternos \_\_\_\_\_ : Luzia de Melo Chaves  
e dona \_\_\_\_\_ : Luzia de Melo Chaves

O assento foi lavrado em 18 de Setembro de 1.969 tendo sido declarante \_\_\_\_\_ : Firmina Chaves  
e serviram de testemunhas : Raimundo Nogueira de Melo  
: Francisco Feitosa dos Santos

Observações: Registrada de acordo com a Lei, nº. 785 de 14.7.49 combinada com o Decreto Federal, numero 4.857 de 9.11.939;

O referido é verdade e dou fé.

Arua, 19 de Setembro de 1969

Oldemar Coelho  
Oficial

CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: Cartório de Registro Civil (1969).

Anexo 20 - Certidão de batismo

PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO  
CIDADE DE MAZAGÃO  
PRELAZIA DE MACAPÁ - T. F. DO AMAPÁ

**Certidão de Batismo**

Livro Reg. de Batizados n.º 97 Fls. n.º \_\_\_\_\_ n.º \_\_\_\_\_

Data do batismo	Aos <u>8</u> de <u>setembro</u> de 19 <u>70</u>
Nome	<u>Antônio Marcos</u>
Lugar de nascimento	<u>Rio Maniva - Ilha Peró - Afue</u>
Data do nascimento	Aos <u>7</u> de <u>março</u> de 19 <u>69</u>
Pai	<u>Juarez Araújo Facundes</u>
Mãe	<u>Firmine Chaves</u>
Casados no	Religioso <input checked="" type="checkbox"/> Civil <input checked="" type="checkbox"/>
Moradores no lugar	<u>Rio Maniva - Ilha Peró - Afue</u>
Padrinho	<u>Benedito Almeida Teodoro</u>
Madrinha	<u>Corina Rodrigues de Vilhena</u>
Lugar do batismo	<u>Rio Cutia - Ilha Peró - Afue</u>
Padre que batizou	<u>Jorge Pedemonte</u>
	<u>Rio Cutia</u> , aos <u>8</u> de <u>setembro</u> de 19 <u>70</u>
	<u>Jorge Pedemonte</u> Vigário

Digitizado com CamScanner

Fonte: Paróquia Nossa Senhora da Assunção (1970).

## Anexo 21 - Contrato de concessão de uso

  
 INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA - INCRA

**01 - CARACTERÍSTICAS DO CONTRATO**  
 ESPÉCIE  
 CONTRATO DE CONCESSÃO DE USO, SOB CONDIÇÃO RESOLUTIVA

NÚMERO DO CONTRATO	DATA	LOCAL DE EMISSÃO	UF	PROCESSO ADMINISTRATIVO
PA05260000127	17/06/2021	BELEM	PA	54106094485/2011-72

**02 - OUTORGANTE**  
 INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA - INCRA - Autarquia Federal criada pelo Decreto Lei nº 1.110, de 20 de julho de 1970, alterado pela Lei nº 7.231, de 23 de outubro de 1984. CNPJ nº 00.378.872/0001-60, sede e jurisdição em todo território nacional.

**03 - CONCESSIONÁRIO(S)**

**FIRMINA CHAVES FAGUNDES**

NACIONALIDADE	ESTADO CIVIL	PROFISSÃO/ATIVIDADE PRINCIPAL	DOCUMENTO DE IDENTIFICAÇÃO
BRASILEIRA	CASADA	AGRICULTORA	129967 - SSP/AP
CPF/CGC	DATA DE NASCIMENTO	NACIONALIDADE	UF
524.291.722-91	28/03/1945	AFUA	PA
			CÓDIGO DO BENEFICIÁRIO
			PA05260000127

**CONCESSIONÁRIO(S)**

**JUAREIS ARAUJO FACUNDES**

NACIONALIDADE	ESTADO CIVIL	PROFISSÃO/ATIVIDADE PRINCIPAL	DOCUMENTO DE IDENTIFICAÇÃO
BRASILEIRA	SOLTEIRO	AGRICULTOR	5838241 - SSP/PA
CPF/CGC	DATA DE NASCIMENTO	NACIONALIDADE	UF
061.613.752-49	02/05/1940	AFUA	PA
			CÓDIGO DO BENEFICIÁRIO
			PA05260000127

**04 - FUNDAMENTAÇÃO LEGAL**  
 Lei nº 4.547, de 06 de abril de 1964; 8.623, de 25 de fevereiro de 1993, alterada pela Lei nº 13.001, de 20 de junho de 2014 e regulamentada pelo Decreto nº 9.311, de 15 de março de 2018.

**05 - CARACTERÍSTICAS E CONFRONTAÇÕES DO IMÓVEL**

IDENTIFICAÇÃO DO IMÓVEL	NÚMERO DO LOTE	DENOMINAÇÃO DA GLEBA
PAE ILHA DO PARÁ	0	
IMÓVEL	MUNICÍPIO DE LOCALIZAÇÃO	UF
RURAL	AFUA	PA
		CÓDIGO DO IMÓVEL NO SNCR
		0
		ÁREA (Ha)
		43.534,5402

CONFRONTAÇÕES DO LOTE  
 norte rio amazonas e estado do Amapá, sul rio amazonas, leste rio amazonas, oeste rio amazonas.

ÁREA DE EXPLORAÇÃO COLETIVA	ÁREA DA FRAÇÃO (Ha)
FRAÇÃO IDEAL DE 1/ 100 DA ÁREA TOTAL DO IMÓVEL DE 43.534,5402 Ha	43,5345
ÁREA TOTAL AUTORIZADA POR EXTENSO QUARENTA E TRÊS HECTARES, CINQUENTA E TRÊS ARES E QUARENTA E CINCO CENTIARES	ÁREA TOTAL (Ha)
	43,5345

PLANTA E MEMORIAL DESCRITIVO, EM ANEXO, INTEGRAM O PRESENTE TÍTULO E DEVERÃO, IGUALMENTE, SEREM O REGISTRO DE IMÓVEL CORRESPONDENTE

DATA	RESPONSÁVEL PELA MEDIÇÃO/DEMARCAÇÃO	CREA

**REGISTRO IMOBILIÁRIO**

PROPRIETÁRIO	MATR/TRANSC	OFÍCIO	LIVRO	FOLHA/FICHA	COMARCA
UNIÃO	NÃO CONSTA	SB	SN	SN	NÃO CONSTA REGISTR

O PRESENTE TÍTULO REGE-SE PELAS CLÁUSULAS E CONDIÇÕES ESPECIFICADAS NO VERSO

IMPRESSO ELETRONICAMENTE PELO SISTEMA DE INFORMAÇÕES DE PROJETOS DE REFORMA AGRÁRIA - SIPRA - V. 1988

Digitalizado com CamScanner

Fonte: INCRA (2014).



Anexo 23 - Imposto Territorial

Locado de No. \_\_\_\_\_ do L. Caixa \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 Prefeito

Nº 1

ESTADO DO PARÁ  
**Prefeitura Municipal de Afuá**  
 EXERCÍCIO DE 1965

**IMPOSTO TERRITORIAL**

Imposto de 19	a 19	64	Cr\$	200	
"	de 19	a 19	65	Cr\$	200
"	de 19	a 19	Exp.	Cr\$	50
"	Multa de 10% s/19		Cr\$		
"	Multa de 20% s/19	64	Cr\$	80	Cr\$ 530,00

As fls. do livro Caixa desta Prefeitura, fica o Tesoureiro abaixo assinado  
 bitado na quantia de quinhentos e vinte cruzeiros

cebida de Austrius Pinto Fagundes

veniente do Imposto Territorial que incide sobre o terreno rural

ominado Santa Maria

uado Ilha de Tara

icado na indústria Exp. da barracha

ntendo uma área de 100 hect. (cum)

servações : { }

E como verdade do recolhimento da referida quantia vai este conheci-  
 ento assinado.

Tesouraria da Prefeitura Municipal de Afuá, de \_\_\_\_\_  
Fevereiro de 1965 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 Tesoureiro Municipal

Pertence à Parte

CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: Juareis Facundes (1965).

## Anexo 24 - Nota de falecimento

Nome do Falecido  
Francisco F Pinto Facundes  
Faleceu a 11 de Dezembro de 1936

Nome dos dois que estão para fora  
Francis Pinto Facundes junior  
Francilina Louisa Facundes  
Ambos são falecidos  
Vila de Bageux

CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: Juareis Facundes (1936).

## Anexo 25 - Carta Patente

© Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil.

Faço saber, aos que esta Carta Patente, para que, por decreto de 13 de Agosto de 1906, foi expedida, foi expedida para o posto de Capitão da Companhia n.º 18: Batalhão de Infantaria da Guarda Nacional da Comarca de Macapá, em Cuiabá, País.

e como tal gozará de todas as honras e direitos inerentes ao posto, pelo que mando a autoridade competente que lhe dê posse depois de prestada a solenne promessa de honra, aos Officiaes superiores que o reconheçam, e a todos os seus subalternos que lhe obedeçam e guardem suas ordens para cumprir de titulo, lhe mandei passar a presente Carta, por mim assignada, e que se cumprirá depois de sellada com o sellado das Armas da Republica.

Palacio da Presidencia no Rio de Janeiro, vinte e nuy de Janeiro de mil novecentos e sete, sexta anno da Republica.

Francisco de Paula de Aguiar

CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: Palácio da Presidência do Rio de Janeiro (1906).

## Anexo 26 - Certidão de casamento

Paróquia de São José      Cidade de Macapá      Município de Macapá, AP

### CERTIDÃO DE CASAMENTO

CERTIFICO que no Livro de Registro de Casamentos desta Paróquia sob o N°. 02      às fôlhas 89      N°. 04      consta o registro de casamento de:      Alcides Nunes de Araujo      com      Eutilla Mendes de Mendonça      e no referido registro o seguinte:

1º) O Casamento realizou-se nesta Paróquia de São José na Igreja de Ilha do Pará      no dia 29 de Janeiro de 1925 às X.Xhs. tendo sido celebrante o Padre João Verhark      e serviram de testemunhas

a)      Manoel Pedro Madureira      de nacionalidade Brasileira      profissão      x.x.x.x.x.x.x.x      domiciliado em      x.x.x.x.x.x.x.x      e residente em      x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x

b)      João Francisco de Lima      de nacionalidade Brasileira      profissão      x.x.x.x.x.x      domiciliado em      x.x.x.x.x.x.x.x      e residente em      x.x.x.x.x.x.x.x

2º) O nubente Alcides Nunes de Araujo      é de nacionalidade Brasileira      estado civil solteiro      profissão      x.x.x.x.x.x      maior ou menor, natural de Ilha do Pará      domiciliado em      x.x.x.x.x.x      e residente em      x.x.x.x.x.x      filho de Henrique José de Araujo      natural de      x.x.x.x.x.x      nascido (ou falecido) aos x.x de      x.x.x.x.x.x      de 19 x.x, domiciliado em      x.x.x.x.x.x      e residente em      x.x.x.x.x.x      e de Maria Eugenia de Araujo      natural de      x.x.x.x.x.x      nascida (ou falecida) aos x.x de      x.x.x.x.x.x      de 19 x.x, domiciliada em      x.x.x.x.x.x      e residente em      x.x.x.x.x.x

3º) A nubente Eutilla Mendes de Mendonça      é de nacionalidade Brasileira      estado civil solteira      profissão      x.x.x.x.x.x      maior ou menor, natural de Ilha do Pará      domiciliado em      x.x.x.x.x.x      e residente em      x.x.x.x.x.x      com 19 anos de idade, nascido em x.x de      x.x.x.x.x.x      de 19 x.x, filha de Aristides Ferreira Mendes      natural de      x.x.x.x.x.x      nascido (ou falecido) aos x.x de      x.x.x.x.x.x      de 19 x.x, domiciliado em      x.x.x.x.x.x      e residente em      x.x.x.x.x.x      e de Bellarmina Mendes de Mendonça      natural de      x.x.x.x.x.x      nascida (ou falecida) aos x.x de      x.x.x.x.x.x      de 19 x.x, domiciliada em      x.x.x.x.x.x      e residente em      x.x.x.x.x.x

O regime adotado é

Em virtude do casamento civil, a noiva passará a ter o nome de

Macapá, AP      30 de Julho      de 1925

*Re. Foguetto D'Almeida*  
VIGÁRIO



